

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”
Campus Experimental de Ourinhos

Caio Campos Monteiro Vicente

Por onde os LGBT já foram em Ourinhos?

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - “Júlio de Mesquita Filho”
Campus Experimental de Ourinhos

Por onde os LGBT já foram em Ourinhos?

Caio Campos Monteiro Vicente

Trabalho de conclusão de Curso, apresentado à banca examinadora, para obtenção do título de Bacharel em Geografia pela Unesp – Campus experimental de Ourinhos.

Professor Orientador: Fabiana Lopes da Cunha

Ourinhos, 2019

Banca examinadora

Prof. Dra. Fabiana Lopes da Cunha (Orientadora)

Prof. Dra. Andrea Aparecida Zacharias

Prof. Dra. Luciene Cristina Risso

Sumário	
Por onde os LGBT já foram em Ourinhos?	1
Resumo	5
Abstract	6
Dedicatória	7
Agradecimento.	8
Citação	9
Capítulo 1 - Introdução e Justificativa.	10
Capítulo 2 - Além das boates, bares, banheiros e esquecimento.	14
Capítulo 3 - O início com Barra, a era Modesto e Nany e seu lacre.	33
3.1 - Carlos Barra e o seu o início.	36
Imagem 1 - Cartaz da festa Dicesar BBB10 com Dimmy Kieer no ano de 2010	45
Imagem 2 - Cartaz da festa Celebration com Victor Piercing no ano de 2009	45
Imagem 3 - Cartazes da festa Yes. Edição 1, 2 e 3.	46
Imagem 4 - Cartaz da festa Pré Reveillon - GLS com Silvettt Montilla.	47
3.2 - Rodrigo Modesto e a sua era.	48
Imagem 5: Cartaz da festa Happy Birthday Modesto	55
Imagem 6: Cartaz da festa Children's Day com Bia Sync.	56
Imagem 7: Cartaz da festa Mean Girls.	56
Imagem 8: Cartaz da festa Mexican.	57
Imagem 9: Cartaz da festa Folia das Manas.	57
3.3 - Elaine Santos e seu Lacre.	58
Imagem 10 - Cartaz festa Lacre: Halloween	69
Imagem 11 - Cartaz da festa Lacre:	69
Imagem 12 - Cartaz da festa Lacre: Noite Mexicana 2.0	70
Imagem 13 - Cartaz da festa Lacre: Edição Buzina	70
Imagem 14 - Cartaz da festa Lacre: Comemoração com MC Mirella.	71
Capítulo 4 - A conclusão que saiu do armário.	72
Apêndice	86
Entrevista 1 - Carlos Barra, o início.	86
Entrevista 2 - Rodrigo Modesto, a era.	91
Entrevista 3 - Elaine Santos, seu lacre.	96

Resumo

Quando pensamos a partir de Ourinhos, de um grupo social (movimento LGBT) e do conceito de espaço, lugar ou território surgem modos de uso e apropriações de espaços centrado nas características deste grupo, que nomeadamente sofreram com dificuldades de expansão pública e afeto, que origina um uso de suas especificidades de determinados espaços urbanos. A ocupação do espaço público urbano sempre foi considerado como um fator que delimita o desenvolvimento das sociedades contemporâneas, pós-industriais. A facilidade de encontro sempre foi pautada por uma acessibilidade maior no espaço público, as ruas, as praças e outros espaços múltiplos e públicos. A busca por lugares de encontro e maior interação social sempre foi uma característica da comunidade LGBT, que como alternativa buscava (e continua buscando) um refúgio em determinados pontos das grandes, médias e pequenas cidades, dos quais “se apropria”. Com isso, a cidade tornou-se um espaço de multidão e anonimato em grandes centros com relações sócio-sexuais potencializadas e legitimadas como a concentração de serviços de construção de sentimentos de pertença a uma “comunidade”, ou grupo social, devido a uma maior interação social com os seus pares, com relações entre as dinâmicas de amizades e relações sociais. Porém em pequenos centros urbanos o isolamento e a marginalização aparecem muito mais presentes do que em grandes centros urbanos, devido a falta de espaços de multidão e o anonimato, pois em pequenos centros urbanos, as manifestações culturais são mais características e específicas.

Abstract

When we think of Ourinhos, a social group (LGBT movement) and the concept of space, a place or a means of expansion of uses and virtual spaces of spaces centered on the characteristics of this group, originates a use of its specificities of certain urban spaces. The occupation of urban public space has always been considered as a factor that delimits the development of contemporary, post-industrial societies. The ease of meeting has always been guided by greater accessibility in the public space, such as the street, as squares and other multiple public spaces. The search for places of encounter and greater social interaction was one of the characteristics of the LGBT community, which companies seek, in search of large, medium and small cities, of which "appropriates". With this, the city became a space of multitude and anonymity in great centers of beneficiary relations and legitimized as a concentration of services of construction of feelings of belonging to a "community", or social group, due to a greater social interaction with their peers, with relationships between dynamics of friendship and social. Small and large urban spaces, due to a lack of bandwidth and anonymity, because in small urban centers, as cultural manifestations are more characteristic and specific..

Dedicatória

Á minha mãe Maria Cristina, à minha avó Oraide, as minhas tias Ana Maria e Carmem e a minha prima Ana Julia.

Agradecimento.

Gostaria de agradecer a muitos amigos que estão no mesmo processo intelectual, artístico e entendimento de mundo e que não se submetem ao que é imposto e tentam de algum modo ultrapassar as barreiras tradicionais criadas pela sociedade e muitas vezes repetidas por nós. Neste sentido, agradeço, a família Campos por ter me estruturado para a vida, as Escolas públicas: Joaquim de Michielli, Azarias Leite e Luiz Zuiani as quais me deram técnica e para perpetuar meu conhecimento. Bem como as duas repúblicas que mudaram a minha vida enquanto ser humano, a primeira República Popular da Augusta que me fez entender o que é ser indivíduo e conviver com pessoas que serão amigos por toda uma vida; a segunda agradeço, com ênfase, a todos os sobrinhos, sobrinhas e agregados da República Sua Tia, um lugar que me tirou da zona de conforto e me ensinou que o mundo é muito maior do que os muros que construímos.

Também agradeço ao Cursinho CACUO, o qual desenvolve um programa de efetiva atuação no ingresso de alunos de baixa renda em universidades públicas. Assim como aos professores participantes desta caminhada teórica sobre o que está acontecendo à nossa volta e além de nossos olhos. Como isso nos foi passado e como devemos produzir e reproduzir o que entendemos deste processo. Agradeço a todos os professores, técnicos, administrativos e funcionários terceirizados do campus da Unesp Ourinhos a dedicação e, em especial, a minha orientadora professora Fabiana Lopes da Cunha.

Por fim, e nem um pouco menos especial agradeço a presença de Carlos Barra, Rodrigo Modesto e Elaine Santos, produtores de eventos que cederam entrevistas e me auxiliaram neste trabalho sobre manifestação cultural, gênero e geografia.

Citação

Ninguém ama os homossexuais e nenhuma história é contada através da nossa perspectiva.
 Ninguém ama os homossexuais e toda relação amorosa é introspectiva.
 Ninguém ama os homossexuais e todo silenciamento causado na risada mata um de nós todos os dias.
 Ninguém ama os homossexuais “chegando em casa, viva, lutando para viver mais um dia”
 Ninguém ama os homossexuais e o que é sonho para você?
 Ninguém ama os homossexuais e toda opressão é causada pelo olhar.
 Ninguém ama os homossexuais e eu já chorei por causa de um olhar.
 Ninguém ama os homossexuais e ninguém aqui conhece seus privilégios.
 Ninguém ama os homossexuais, branco, preta, cis ou trans.
 Ninguém ama os homossexuais e eu vivo sozinho em um mundo de ilusão!
 Ninguém ama os homossexuais e apenas somos usados como prazeres.
 Ninguém ama os homossexuais e o “soneto da felicidade” não funciona com a gente.
 Ninguém ama os homossexuais e por favor não “me chame pelo seu nome”.
 Ninguém ama os homossexuais e parem de falar “pra gente vira homi”.
 Ninguém ama os homossexuais e mulheres lésbicas não sentem falta de pau.
 Ninguém ama os homossexuais e mais uma travesti foi assassinada.
 Ninguém ama os homossexuais e o Estado nos engoliu e excluiu.
 Ninguém ama os homossexuais e “você não faz o meu tipo”.
 Ninguém ama os homossexuais e todos nossos sonhos foram roubados.
 Ninguém ama os homossexuais e mais um LGBT foi deslegitimado.
 Ninguém ama os homossexuais e a ilusão bateu na porta.
 Ninguém ama os homossexuais e eu já desejei “estar morta”.
 Ninguém ama os homossexuais e os heterossexuais entendem o debate por conveniência.
 Ninguém ama os homossexuais e nos taxam por ser “sem paciência”
 Ninguém ama os homossexuais e eu sou sempre sou deslegitimizado.
 Ninguém ama os homossexuais e nossos corpos são marginalizados
 Ninguém ama os homossexuais e vamos, juntas, destruir o patriarcado.

(VICENTE, 2018)

Capítulo 1 - Introdução e Justificativa.

Quebrando leis e desobedecendo regras
Sem ser um anarco-social
Entre os gays e as lésbicas não se discute
O que fazer com quem é homossexual
Tantas outras preocupações que eu sinto vindo de vocês”¹

A história social e política LGBT do Brasil sempre foi muito nebulosa² e controversa e a literatura sobre o assunto, apesar de existir, é limitada, de certo modo, negligenciada dentro da ciência geográfica³. Iniciei esse trabalho com o intuito de fazer um levantamento bibliográfico e leitura do que a Geografia havia produzido sobre o tema. Depois de meses de trabalho, poucos textos foram encontrados sobre o assunto⁴. Por conta disso, optamos por buscar compreender o cenário LGBT em Ourinhos, cidade onde fiz minha graduação.

Ourinhos completou seu centenário de existência oficial em 2018 e, ainda não se tem uma discussão e narrativa histórica dos espaços e vivências dos LGBTs no município. Querendo preservar e documentar a produção da temática de eventos da cultura e identidade LGBT⁵ de Ourinhos, nosso intuito aqui é debater como foram as produções desses eventos no decorrer da história do município, uma vez que será por meio das festas deste público que pretendemos compreender a produção do espaço cultural urbano local. Diante do exposto, começamos com a seguinte

¹ Pereira, Edgar. Devolva meu disco voador. “Paralelo 22s”. Gravado por Alexsandro Vieira Machado. Estúdio ZEN. Mixado por Rodrigo Locaut no MPM RECORDS em Guarulhos, Brasil. <https://www.youtube.com/watch?v=eV-mgEYLGKY>. Acesso em: 10 set. 2015

² TREVISAN, João Silvério. **Devasso no Paraíso**: a homossexualidade do Brasil, da colônia à atualidade.. Rio de Janeiro: Record, 2002. 586 p.

³ SILVA., Joseli Maria (Org.). **Geografias Subversivas**: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2009. 313p.

⁴ O que a academia pública paulista já produziu sobre travestis e transexuais?

⁵ GREEN, James Naylor. **Além do Carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX.. São Paulo: Unesp, 2000. 586p.

pergunta: Qual o diálogo entre o processo de urbanização e a construção de uma cultura e identidade LGBT no município?

No decorrer da pesquisa e de nossa vivência no meio LGBT, percebemos a ausência de fontes escritas sobre essas festas e espaços dentro da cidade. Além disso, durante parte dos anos que vivi em Ourinhos percebi, também, que o grupo LGBT local não dialogava de imediato com pessoas que vinham de outras cidades. Isso talvez se deva a uma certa negligência e esquecimento da política local, o que fica evidente pela falta de espaços físicos permanentes ou perenes dessa comunidade, e também de lugares para manifestações e celebrações. Ourinhos é uma das poucas cidades médias que não tem, por exemplo, Parada LGBTQ.

Durante a elaboração desse trabalho e em nossas entrevistas os produtores desses eventos os denominaram como GLS⁶ e não como LGBT ou LGBTQ⁷. Tal fato nos estimula a refletir como a cidade olha esse movimento: o termo GLS foi substituído por LGBT em vários locais, com acréscimo da identidade de gênero T nos moldes dos anos 80, 90⁸ e, mesmo após vinte anos dessa alteração, o diálogo da população local sobre a comunidade parece ter parado no tempo ou não acompanhou tal movimento sobre os debates de gênero.

Sobre a pesquisa, nos perguntamos em alguns momentos se tal tema teria espaço para ser discutido dentro da geografia, ou se essas discussões não seriam mais apropriadas para as ciências sociais, história ou antropologia. No entanto, entendemos que tal assunto é insuficientemente discutido dentro da geografia e, podemos afirmar, que tais debates não existem dentro do campus da Unesp

⁶ Gays, Lésbicas e Simpatizantes

⁷ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais, Transgênero e Queers

⁸ SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista (Org.). **Geografias Malditas**: corpos, sexualidade e espaço. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2013. 400p.

Ourinhos, não fazem parte da grade curricular e nem são tratados dentro de alguma disciplina. Não se trata apenas de falar sobre produção de manifestações e festas LGBT do município, mas de abordar os temas de identidade de gênero e orientação sexual, que fazem parte do PNC⁹ e tem o tema transversal de pluralismo cultural e orientação sexual. Tais temas propõem a ruptura de paradigmas dentro da Geografia, ciência essa que trata com apatia as diversas formas de espacialidade quando considera somente as expressões tradicionais hétero para objeto de estudo. Além do mais, esse trabalho pretende trazer uma ruptura dentro da ciência geográfica, que tem suas discussões e pesquisas pautadas numa visão androcêntrica, do homem branco e heterossexual, e propõe, portanto, trazer uma pluralidade de olhares com as abordagens de territorialidade queer¹⁰ ou feministas¹¹.

Muito da análise e o recorte espacial sobre esse assunto, vem da minha vivência e de questionamentos sobre quais os locais, espaços e como a comunidade LGBT de Ourinhos construiu sua identidade e sociabilidade. Tal escolha do recorte se deve, ainda, pelo silenciamento do tema sobre a população LGBT local com a população LGBT da universidade, pois o contato entre esses dois grupos praticamente inexistia. A população LGBT da Unesp Ourinhos, em geral, não é originária de Ourinhos, é composta de pessoas provenientes de cidade maiores, menores ou iguais às de Ourinhos, mas com características LGBT culturais diferentes.

⁹ Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1997), documenta que orienta o ensino de Geografia para a educação básica.

¹⁰ A teoria **queer** é uma teoria sobre o gênero que afirma que a orientação sexual e a identidade sexual ou de gênero dos indivíduos são o resultado de um construção social e que, portanto, não existem papéis sexuais essencial ou biologicamente inscritos na natureza humana, antes formas socialmente variáveis de desempenhar um ou vários papéis sexuais.

¹¹ SILVA, Joseli Maria; SILVA, Augusto Cesar Pinheiro da. (Org.) **Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2011. 263p.

O intuito da produção deste Trabalho de Conclusão de Curso é trazer esse assunto para discussão na geografia, para a comunidade científica de Ourinhos, mas ao mesmo tempo para a população LGBT e à comunidade em geral. Visto que, muitos direitos sociais, adquiridos por intermédio de lutas históricas, estão hoje ameaçados por bancadas fundamentalistas que colocam em pauta um grande retrocesso, a falta de diálogo e o ódio, advindos de ideias conservadoras. Além do mais, o trabalho poderá servir para manter a base de discussão sobre Universidade e a população local, manifestação cultural, espaços urbanos, territórios e o diálogo com processos geográficos municipais, que acreditamos ser essenciais, para o entendimento desta comunidade dentro do curso de Geografia da Unesp – Campus de Ourinhos.

Muitas dúvidas surgiram na elaboração desse estudo, mas sua força motriz está nas seguintes questões: por onde os LGBTs já foram em Ourinhos? Quais foram os lugares em que se encontraram? Como festejaram? Como compartilharam suas experiências? Como foi ou é o processo de identidade cultural LGBT de Ourinhos? Como os LGBTs se inseriram no processo histórico da cidade, uma vez que as orientações sexuais e as identidades de gêneros são fatores deliberativos para a composição de grupos sociais, tribos urbanas ou até mesmo de territorialidades.¹²

Este estudo é, portanto, no nosso entendimento, essencial para Ourinhos, principalmente no campo da geografia, especificamente porque busca explicar como foram compostas as manifestações urbanas dos grupos LGBTs, dentro do município.

¹² SILVA, Joseli Maria; SILVA, Augusto Cesar Pinheiro da. (Org) **Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2011. 263p.

Capítulo 2 - Além das boates, bares, banheiros e esquecimento.

Uma revisão bibliográfica sobre cultura, cidades e territórios LGBT.

Baseado em carne viva e fatos reais
É o sangue dos meus que escorre
pelas marginais
E vocês fazem tão pouco
mas falam demais
Fazem filhos iguais,
assim como seus pais¹³

Para melhor compreensão, sobre os processos culturais LGBT de uma sociedade urbana, é necessário entender como é o processo e o contexto urbano municipal. Green faz isso em sua obra¹⁴ retratando como foi o processo de urbanização da cidade do Rio de Janeiro e da cidade de São Paulo. Em seu livro ele usa a nomenclatura Homossexualidade, porém aqui, usaremos LGBT para melhor compreensão e elaboração do nosso estudo. A pesquisa é sobre a formação cultural e o entendimento urbano LGBT de Ourinhos e seus territórios e espaços, aspectos históricos por meio de festas que ocorrem mensalmente em lugares específicos, divulgados via redes sociais.

Joseli Maria Silva¹⁵, geografa, tem um estudo aprofundado sobre geografia, gênero, espaço, sexualidade e poder e traz, em um de seus textos, perspectivas para uma análise geográfica em que a sexualidade e o gênero são fatores delimitantes. Porém, quando a doutoranda estudava a verticalização de Guarapuava-PR, desenvolvendo um artigo *Cultura e Territorialidades Urbanas - Uma*

¹³ Quebrada, Linn da. Bomba pra Caralho, "Pajubá". Independente. 2017. Disponível https://www.youtube.com/watch?v=ZYOlVMyZ_GU. 28 de set de 2017.

¹⁴ GREEN, James Naylor. **Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX.** São Paulo: Unesp, 2000. 586p.

¹⁵ Graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (1988), Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina (1995), Doutorado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002) e Pós-doutorado em Geografia e Gênero na Universidade Complutense de Madrid (2008- Bolsista CAPES). Pós-Doutorado em Geografia e Sexualidades na University of Brighton (2015- Bolsista CAPES). É docente do Ensino Superior desde 1990. Atualmente é professora Associada, nível B da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

abordagem de pequena cidade, publicado na revista de História Regional no ano 2000, trazendo importantes abordagens para o assunto, as quais neste trabalho e neste capítulo, iremos debater e entender como é o processo de urbanização e formação cultural LGBT de Ourinhos. Assim como a formação desses espaços urbanos, com o recorte cultural LGBT. Segundo Silva (2000):

As relações sociais que produzem o espaço urbano não resultam apenas em formas materiais e funcionais que sustentam o processo de produção capitalista. Então, as relações desse processo produzido pelo processo urbano é resultante apenas em formas "materiais e funcionais". Ela diz que essas materiais e funcionais são também marcadas pelos códigos e símbolos que se constroem na vida cotidiana e que estabelecem um sentido particular no processo de produção da cidade. A cidade é constituída por *homens* que não se esgotam numa dimensão biológica e ou funcional, mas compõem, através de sua existência em sociedade, o processo de construção social da realidade. Essa análise simples diz que o privilégio de homens, branco e heterossexuais determina como a cidade é constituída, através de cargos públicos (política) e privilégios econômicos (econômica), não sabendo como estigma suas dimensões biológicas e funcionais. Homens-branco, que é as pessoas privilegiadas pelo processo histórico do capitalismo faz com que o privilégio heterossexual determine a formação cultural do município.¹⁶

Partindo de um perfil urbano, em que os homens não têm dimensões biológicas e funcionais Silva afirmando que:

O perfil urbano de pequenas e médias cidades é ainda pouco explorado pelos geógrafos brasileiros. A maior parte da produção científica relativa ao urbano é característica da realidade social metropolitana. Nesse sentido, este ensaio discute a maneira como a cultura se expressa em territorialidades nas pequenas cidades. Este tema, além da necessidade de produção teórica que respalde os estudos científicos das cidades não metropolitanas, surge da experiência pessoal da autora, tendo em vista o universo cultural em que viveu e trabalhou, já que interpretar a cultura pressupõe mergulhar nos códigos e símbolos que a constituem.¹⁷

Além do perfil urbano de cidades médias não ser muito explorado pela geografia Brasileira, é necessário "Mergulhar nos códigos e símbolos que a constituem"¹⁸, para então compreender como é a formação do município de

¹⁶ SILVA, Joseli Maria. Cultura e Territorialidade: uma abordagem da pequena cidade.. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 5, n. 2, p.9-39, 2000.

¹⁷ SILVA, Joseli Maria. Cultura e Territorialidade: uma abordagem da pequena cidade.. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 5, n. 2, p.9-39, 2000.

¹⁸ SILVA, Joseli Maria. Cultura e Territorialidade: uma abordagem da pequena cidade.. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 5, n. 2, p.9-39, 2000.

Ourinhos, como foi o desenvolvimento urbano cultural LGBT do município. Uma das perguntas que fizemos durante esse trabalho e que ajudaram a construir o texto: Como se constituem os símbolos e como eles são representados? Muito da cultura que o município desenvolveu será apropriada pela comunidade LGBT, isso em vários âmbitos das relações sociais. A cultura e as territorialidades LGBT urbanas são abordagens recentes na geografia brasileira, abre-se então o parecer de ser um estudo recente dentro da geografia, com isso novas análises surgiram para melhor compressão da sociedade moderna. A demonstração de Maurício de Almeida Abreu:

[...] essa não foi uma das preocupações dos geógrafos brasileiros até o início dos anos 90. Atualmente, diante do processo de uniformização técnica, expansão dos meios de comunicação, estandardização¹⁹ das paisagens urbanas e do modo de vida ocidental, aprofunda-se em diversas ciências sociais a preocupação de apreender a diversidade num mundo aparentemente homogêneo e articulado. Neste sentido, destacam-se os temas relacionados com a existência humana, a experiência, sentimentos de identidade, como os indivíduos e grupos constroem a sua singularidade mesmo dentro de um crescente processo de difusão da cultura de massa.²⁰

Diante do processo de uniformização técnica, que são expandidos pelos meios de comunicação, e padronizadas dentro do modo de vida ocidental, podemos perceber que as manifestações culturais típicas de cada região se manifestam em diferentes proporções. Com isso, a geografia cultural ficou vinculada àquilo que era a materialidade da paisagem como declara Sauer:

[...]o homem, por si mesmo, é objeto indireto da investigação geográfica, confere expressão física à área com suas moradias, seu lugar de trabalho, mercados, campos e vias de comunicação. A geografia cultural se interessa, portanto, pelas obras humanas que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem uma expressão característica. A geografia cultural, talvez desenhe bem a postura e a ênfase aos elementos materiais da paisagem privilegiada os objetos de estudo que

¹⁹ Estabelecimento de um padrão: padronização, uniformização, normalização, normatização.

²⁰ ABREU, Maurício de Almeida. Estudos geográficos da cidade no Brasil: evolução e avaliação (contribuição à história do pensamento geográfico brasileiro). **Revista brasileira de geografia**, Rio de Janeiro, v. 56, n. 1/4, jan. / dez. 1994.

apresentavam maior visibilidade, ou seja, onde a diferença está nítida, palpável, relegando a um segundo plano outras dimensões sociais e psicológicas da existência humana que, por sua vez, também determinam a materialidade.[...]²¹

O processo cultural, portanto, é o resultado da vida em sociedade, se materializa pelas relações sociais que estabelecem símbolos, os quais resultam de uma determinada visão de mundo e manifestam-se de várias formas de comunicação: pela linguagem, comportamentos, mecanismos, materiais etc. Estes símbolos instituídos têm a capacidade de influenciar e controlar o comportamento humano, dependendo, é claro, da sua capacidade de transmitir e reforçar sistemas ideológicos já dados. A sociedade é considerada um agregado de relações sociais e a cultura é o seu conteúdo, enfatizando que, os recursos acumulados são adquiridos como herança, na medida em que a comunidade os utiliza, transforma, acrescenta e transmite.²²

Esta noção de cultura Queer ou LGBT esteve por muito tempo ausente nos estudos dos geógrafos, que, poucas vezes, questionaram a profundidade e condições existenciais dos seres humanos desses grupos, tendo uma preocupação muito maior, por exemplo, com a diferenciação das paisagens da terra. Entretanto, a rápida modernização da sociedade, a divisão do trabalho e o crescimento da uniformização das técnicas têm lançado questionamentos aos geógrafos, que agora tem como grande desafio a análise de sociedades complexas.

[...]caracteriza as sociedades complexas como constituídas de uma coexistência de diferentes estilos de vida e visões de mundo, havendo momentos em que grupos se unem numa ação coletiva sustentada por crenças e valores compartilhados, mesmo existindo distintas categorias sociais.²³

²¹ SAUER, Carl O.. **Geografia cultural. Espaço e cultura**. Rio de Janeiro, n. 3, dez. 1996, p. 4

²² VELHO, Gilberto. **A utopia urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

²³ Gilberto; VELHO Otávio (org). **Duas conferências**. Rio de Janeiro: Câmara de estudos avançados/FCC/UFRJ, 1992,

Claval destaca-se pelo estudo das sociedades urbanas industriais, utilizando a análise do papel da sociedade. Segundo Claval (1999)

Os papéis sociais são desempenhados através de tipificações de conduta já socialmente aceitas e objetivadas. "As instituições incorporam-se à experiência do indivíduo por meio dos papéis. Estes, linguisticamente objetivados, são um ingrediente essencial do mundo objetivamente acessível de qualquer sociedade. Ao desempenhar papéis, o indivíduo participa de um mundo social. Ao interiorizar estes papéis, o mesmo mundo torna-se subjetivamente real para ele.²⁴[..]

Como meio de abordagem das sociedades urbanizadas, tentando ultrapassar a abordagem cultural por meio dos gêneros da vida, argumentando que:

[...] a maneira como os papéis se articulam contribui para moldar a personalidade de base dos indivíduos; sua interiorização é explicada pela mecânica dos status. (...) A cultura não aparece mais como uma realidade monolítica; cada um recebe uma cópia do jeito diferente, modificando-se através da sua existência.²⁵

Seu entendimento de cultura também relaciona-se com um processo contínuo de criação. Os papéis sociais são apreendidos ao longo da vida e modificados por intermédio da experiência, concebendo que a cultura é, portanto, um sistema aberto e mutável, a "soma dos comportamentos, saberes, técnicas, conhecimentos e valores acumulados pelos indivíduos durante seus processos de vida, tem um referencial em escala, pelo conjunto dos grupos que fazem parte.²⁶ Com isso, a concepção de uma criação contínua de contestação da cultural produzida pelos poderosos também é desenvolvida.²⁷ Eles idealizam a cultura sendo um "sistema de significações", por meio da qual um sistema social é comunicado, reproduzido, executando e explorando um sistema de significações inter-relacionadas e intrínseco

²⁴ CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 1999.

²⁵ GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p.24.

²⁶ CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 1999, p.51.

²⁷ DUNCAN, James; DUNCAN, Nancy. Reconceptualizing the idea of culture in geography: a reply to Don Mitchell. **Transactions of the Institute of British Geographers**, London, v. 21, n. 3, 1996, p. 577.

aos sistemas econômicos e políticos e não pode ser tratado de forma separada. Do mesmo modo, Denis Cosgrove, desenvolve seu argumento de que a cultura é:

[...]não é algo que funciona através dos seres humanos, pelo contrário, ela é constantemente reproduzida por eles em suas ações, muitas das quais são ações não-reflexivas, do convívio da vida cotidiano [...] a cultura é, ao mesmo tempo, determinada por determinante da consciência e das práticas humanas.²⁸

As práticas, as quais são desenvolvidas pelos indivíduos ou grupos de indivíduos, estão intimamente relacionadas com o exercício do poder, no qual um grupo impõe, aos demais, seu modo de vida e, mediante este domínio, reproduz a cultura e garante a sua perpetuação. O espaço "é evocado para articular e reforçar a aceitação e participação no código cultural da classe dominante"²⁹

A dimensão da subjetividade das relações entre seres humanos e o espaço tem sido analisada pela corrente humanista da geografia, por meio da categoria de "lugar". Os geógrafos que fazem parte dessa corrente se atentam em interpretar códigos e significados dos lugares, descobrindo ideias e as ideologias dos indivíduos, pois, estes vivem o lugar conforme sua cultura que, por sua vez, influenciam seus conhecimentos e ações. Para estes, o lugar lhes aparece como um "mundo de significado organizado"³⁰ e serve para a reafirmação da identidade.

Parece difícil constituir uma relação entre a cultura e o território, o arsenal metodológico desenvolvido pela ciência geografia é restrito e experimental. A tradição da descrição e de objetividade, da geografia, dificulta a este estudo lidar com a relatividade das questões que se colocam quando se defronta com a diversidade cultural. Primeiramente, o conhecimento de uma cultura requer que se

²⁸ COSGROVE, Denis E. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (orgs.) **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: UERJ, 1998, p.101-102.

²⁹ COSGROVE, Denis E. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. **Espaço e cultura**. Rio de Janeiro, n. 5, dez. 1998, p.27

³⁰ TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983, p.198.

envolva nos códigos que determinam as relações culturais; em segundo lugar, é necessário aceitar a experiência de vida expressa nos discursos dos indivíduos evitando delimitar, a partir da realidade objetiva, a qual deve admitir as diferentes realidades que correspondem a divergentes entendimentos individuais ou grupais de seu mundo. Por mais que se aprofunde nos universos culturais opostos, Geertz afirma que sempre se está interpretando culturas desiguais, de segunda ou terceira mão, porque "somente um 'nativo' faz a interpretação de primeira mão: é a sua cultura"³¹

Para Haesbaert³² o território tem duas faces: o espaço dominado ou apropriado com um sentimento político, mas apropriado simbolicamente, em que as relações sociais produzem ou fortalecem uma identidade, utilizando-se do espaço como referência. Assim, a dupla face da dimensão do território, cultural e político, pode estar associado, reforçado e, ainda mais, ser controverso, devendo ser analisado de acordo com formas e intensidade com que se apresentam nas relações entre a proporção (político-econômica) e a proporção imaterial (simbólico-cultural).

Alguns autores têm priorizado a proporção do simbólico cultural como relações de proporção na construção do território, considerando uma identificação que determina grupos que desenvolvem seus "espaços vividos" ³³, como demonstra Felix Guatari:

Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser

³¹ GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p.25.

³² HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, Iná Elias de et al. (org). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

³³ GUATARI, Félix. **Espaço e poder: a criação de territórios na cidade**. Espaço & debates, São Paulo, ano V, n. 16, 1985.

relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente 'em casa'. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos.³⁴

Os territórios estão ligados a uma ordem de interpretações individuais e coletivas, e o espaço conectado às relações funcionais de toda espécie. O espaço funciona como uma referência externa, em relação aos objetos que contém e ao desenvolvimento, e o território funciona em uma relação intrínseca com a emocionalidade e abstração que o delimita.³⁵

Com base na fenomenologia, Werther Holzer³⁶ constrói diferente entendimento na definição de território, apresentando limites do conceito construído por Robert Sack³⁷. O primeiro limite é que a noção de poder desenvolvida por Sack exclui a possibilidade de grupos com outras estruturas de organização, por exemplo nômades, possuírem territorialidade e o segundo é o de que a territorialidade, durante o processo social, não remete diretamente a uma área geográfica em que se desenvolve tal processo. Holzer certifica que existem possibilidades de constituição de territórios fora de uma ordem planejada por quem detém poder político ou econômico. Argumenta ainda que, o território pode ser visto como um conjunto de lugares, onde se desenvolvem laços afetivos e de identidade cultural de determinados grupos sociais. Ademais, que o território não precisa ser necessariamente fechado, a partir de uma delimitação rígida de fronteiras. Neste

³⁴ GUATARI Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica...**, p. 323.

³⁵ GUATARI, Félix. **Espaço e poder: a criação de territórios na cidade**. Espaço & debates, São Paulo, ano V, n. 16, 1985. p.110.

³⁶ HOLZER, Werther. **Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente**. Território, Rio de Janeiro, ano II, n. 3, jul. / dez. 1997.

³⁷ Cf. SACK, Robert. **Human territoriality: its theory and history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

sentido, "a concepção de território tem como base o 'lugar', este sim um conceito essencial para a formulação de um 'mundo' pessoal ou intersubjetivo"³⁸ Por isso, pressupõe que a "territorialidade é melhor compreendida por meio das relações sociais e culturais que o grupo mantém com esta trama de lugares e itinerários, que constituem o seu território".³⁹

Com o desenvolvimento desta argumentação, Holzer abre um campo vasto sobre a possibilidade de estudos geográficos das sociedades complexas. Compreendendo que a "territorialidade é a expressão dos comportamentos vividos, ou melhor, da constituição dos mundos pessoal e intersubjetivo, englobando a relação do território com o desconhecido - espaço estrangeiro"⁴⁰, o autor possibilita o traçado da diversidade das identidades culturais nas cidades. Contudo, podemos compreender como os grupos sociais ordenam e sistematizam o/seu mundo, qual é a ideologia que identifica o grupo, quais são os princípios organizacionais simbólicos do seu universo e o tipo de poder que influencia ações, que marcam opções e comportamentos em relação ao espaço e o regimento dos territórios urbanos.

As bases que concretizam as relações de poder delimitam e definem um espaço e território, mas devem ser interpretadas, lembrando, segundo Marcelo Lopes de Souza⁴¹, que o poder seja legítimo. No entanto, deve-se também analisar o tipo de autoridade que domina os seres humanos e de que maneira o poder é

³⁸ HOLZER, Werther. **Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente**. Rio de Janeiro. dez. 1997. p. 83

³⁹ HOLZER, Werther. **Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente**. Rio de Janeiro. dez. 1997 / p.83-84.

⁴⁰ HOLZER, Werther. **Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente**. Rio de Janeiro. dez. 1997. p. 84.

⁴¹ SOUZA, Marcelo Lopes de. CASTRO, Iná Elias (org.) **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 86.

legitimado pelos grupos subordinados. Para que a legitimidade aconteça, ela deve ser sustentada e garantida, tendo que “acreditar” necessariamente na legitimidade ou ter vontade de obedecer, ou ter um argumento justificável interno para querer obedecer. A organicidade dos motivos que levam grupos a obedecer à autoridade de outro, determina o tipo de dominação envolvida, podendo ser uma de ordem pessoal ou impessoal, por meio de aparatos formais e informais. Para que o poder tenha manutenção "o domínio organizado, que demanda a administração contínua, exige que a conduta humana seja condicionada à obediência para com os senhores que pretendem ser os portadores do poder legítimo" ⁴²

A legitimidade do poder só é conquistada ou preservada se seus aspectos simbólicos estiverem permanentemente disseminados na vida social, e os valores culturais dos indivíduos submetidos à obediência, por intermédio do poder simbólico. Segundo Bourdieu:

[...]o poder simbólico como sendo o "poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário."⁴³.

Este poder pode ser constituído nas relações entre aqueles que exercem o poder com aqueles que estão sujeitos a ele, fundando assim, na própria estrutura relações sociais que reproduz crença.

Os indivíduos e grupos de indivíduos da sociedade urbana industrial estabelecem relações abrangentes de múltiplas direções, dos mais variados aspectos. Com isso, os valores desta sociedade apresentam-se como homogêneos:

⁴² WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982, p.100.

⁴³ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p.14.

na paisagem urbana recorrente, pode-se revelar quais são os representantes desses grupos, como se dispõem pelo mundo, como se relacionam com a sociedade e estabelecem relações e se apropriam de determinados espaços da cidade. Portanto, a cidade, pode ser entendida como um mosaico de territórios estabelecidos de maneiras simultâneas e sobrepostas, como uma teia de relacionamentos entre indivíduos ou grupos. O território nestas relações será diferente em função do aspecto social, a partir do qual o território é concebido. Para Silva:

A cidade apresenta-se com uma sobreposição, articulação, justaposição de territórios. Os grupos que fazem parte de uma territorialidade resistem, estabelecem pactos e influenciam a formação de outros territórios. A estrutura que eles revelam, as relações que se estabelecem entre eles são dinâmicas numa sociedade complexa. Os mesmos grupos que estruturam as relações para a constituição do território do tráfico podem ser aqueles que estruturam a territorialidade pentecostal e o da prostituição, por exemplo. Esta é a complexidade dos territórios da cidade que a geografia tem que enfrentar para a abordagem da cultura e das territorialidades urbanas. Um caminho que mal começou a ser percorrido na geografia urbana brasileira e que tem um vasto campo a ser explorado diante da crescente complexificação social.⁴⁴

Dessa forma, o indivíduo é fundamental como elemento cultural e para a compreensão das territorialidades urbanas em cidades pequenas.

Os cientistas sociais, especialmente os geógrafos, privilegiam o estudo das cidades de grandes dimensões pois sua forma espacial apresenta-se mais complexa do que a das pequenas cidades. A aparente uniformidade e regularidade das pequenas e médias cidades desestimularam os geógrafos que se preocupam com a materialidade do espaço e a problematização sobre espaços que parecem se caracterizar pela falta de dinamismo. As pequenas cidades foram esquecidas como integrantes da totalidade da sociedade moderna, sempre vistas em oposição às grandes cidades, ou como uma repetição atrasada destas. Se as grandes cidades eram complexas, símbolo de modernidade, atraentes e representavam o futuro, as pequenas cidades eram simples, símbolo do atraso, abandonadas e fadadas a ficarem no passado; entretanto, mesmo assim, estas apresentam relações sociais a partir de códigos particulares e constituem territórios específicos, cuja lógica só pode ser entendida no desenrolar de sua vida cotidiana, mergulhando-se no universo cultural que lhes dá sentido.⁴⁵

⁴⁴ SILVA, Joseli Maria. Cultura e Territorialidade: uma abordagem da pequena cidade.. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 9-37, n. 52, p.9-39, 2000.

⁴⁵ SILVA, Joseli Maria. Cultura e Territorialidade: uma abordagem da pequena cidade.. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 9-37, n. 52, p.9-39, 2000.

Entende-se que, na maioria das vezes, as relações sociais em cidades pequenas são marcadas pela pessoalidade, que geralmente um controle efetivo tem sobre membros de sua coletividade. Porém, com o advento da internet novas relações e perspectivas foram desenvolvidas como o agendamento (save the date)⁴⁶ e a divulgação dos eventos via redes sociais, entretanto com novas técnicas, surgem novos eventos na cidade de Ourinhos como “*Cockie que Brilho*”, organizado João Penna, marcado e divulgado via redes sociais em lugares específicos, não fixos, no qual o papel das redes sociais é usado para convidar, divulgar e viralizar o evento, onde todos convidados encontram-se em lugares esporádicos, em específicos lugares públicos da cidade.

Geertz retrata que a cultura sob a perspectiva de um 'mecanismo de controle', argumenta que ela "inicia-se com o pressuposto de que o pensamento humano é basicamente tanto social como público - que seu ambiente natural é o pátio familiar, o mercado e a praça da cidade".⁴⁷ Nesta perspectiva, o autor expõe que é necessário atentar-se para o “comportamento” das pessoas para as “micropolíticas” de que falam Guatari e Rolnik⁴⁸, porque é por intermédio da ação social que as formas culturais encontram articulação e, assim, desenvolvem seu papel no padrão de vida estabelecida.

Além do ambiente padrão estabelecido, o familiar com suas referências, o externo ao “ambiente familiar”, a “vizinhança”, também exerce suas referências. Pois quando atravessa esses dois ambientes, o familiar e a vizinhança, ganha notoriedade e importância. As relações limites com os “vizinhos” servem de

⁴⁶ Expressão usada via rede social para salvar a data do evento.

⁴⁷ GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 57.

⁴⁸ GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Vozes, 1986

encontros e lazer, como bares, lanchonetes, salões de baile, igrejas ou até mesmo campos de futebol. O entendimento quanto à forma do comportamento das pessoas é sujeito a uma determinada forma de controle, é bem aprofundado em cidades pequenas, pois "todo mundo conhece todo mundo e se mete na vida de todo mundo". Os espaços que frequentam acabam construindo uma identidade, que são utilizados como referências para distinguir seus usuários e adequado a uma rede de relações que, para pertencer a esta rede, é necessário, insequentemente, que se cumpram determinadas regras de convívio. A necessidade do convívio em pequenas cidades é limitada, "leva o cidadão a se manter como que 'na defesa', no interior de códigos sociais precisos, todos centrados em torno do fato do reconhecimento, nesta espécie de coletividade". Essa necessidade de convivência da pequena cidade pode ser definida nos termos que fala Pierre Mayol⁴⁹ ao estudar um bairro parisiense, a necessidade de, no interior de códigos sociais precisos, todos centrados em torno do fato do reconhecimento, nesta espécie de coletividade". Mônica Sampaio Machado analisa a dimensão territorial da religião, as organizações territoriais das igrejas pentecostais em Niterói - Rio de Janeiro⁵⁰ e Marcelo Lopes de Souza demonstra a territorialidade do tráfico de drogas nas favelas do Rio de Janeiro, apresentando-as dominadas pelo tráfico como territórios fechados e o estabelecimento de um poder paralelo ao do Estado.⁵¹ Esses temas não necessariamente dialogam com produção da identidade LGBT, mas dialogam diretamente com a construção da identidade religiosa pentecostais e como

⁴⁹ MAYOL, Pierre. Morar. In: CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre (orgs.). **A invenção do cotidiano 2 - Morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 46.

⁵⁰ MACHADO, Mônica Sampaio. A territorialidade pentecostal: uma contribuição à dimensão territorial da religião. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 4. dez. 1997.

⁵¹ SOUZA, Marcelo Lopes de. As drogas e a 'questão urbana' no Brasil. A dinâmica sócio-espacial nas cidades brasileiras sob a influência do tráfico de tóxicos: In: CASTRO, Iná Elias de et al. (org.). **Brasil: questões atuais da reorganização do território**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

é apresentado o domínio do tráfico nas favelas do Rio de Janeiro, dialoga, diretamente com a formação do espaço urbano e sua territorialidade. Assim é a análise de Ribeiro e Botelho de Mattos sobre o território da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro⁵², também apresenta o caráter cíclico, fluido e instável de sua constituição, demonstrando as regras estabelecidas pelos grupos (prostitutas, michês e travestis) para a convivência em tal espaço.

O conhecimento adquirido destas "coletividades" e, que buscam um reconhecimento social, significa conseqüentemente, aderir a um sistema de valores e desempenhar comportamentos para cumprir certos papéis sociais que foram determinados ou acordados pelo grupo. A conveniência é, assim, "um gerenciamento simbólico da face pública de cada um de nós desde que nos achamos na rua"

Ela engendra de forma simultânea a maneira com que se é percebido pelos outros e um meio de se obrigar à submissão pela regulação interna que se desenvolve no sujeito, ditando comportamentos adquiridos por herança, seja afetiva, política ou econômica. Os usuários obedecem às regras sem necessariamente dar-se conta disso, pois o padrão está internalizado e, para obter o reconhecimento da coletividade e aproveitar-se das relações sociais profundamente marcadas pela personalidade, não se deve transgredir as regras culturais, "não se pode causar falatório na cidade"⁵³

Michel de Certeau enfatiza a riqueza dos relatos das experiências dos sujeitos em relação ao espaço. Este autor considera que, no momento em que uma pessoa transforma sua experiência em relato, já está filtrando e estabelecendo ligações com o universo cultural que lhe está internalizado. Relata que "esses

⁵² RIBEIRO, Miguel Angelo Campos; MATTOS, Rogério Botelho de. **Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro**. Território, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jul./dez. 1996.

⁵³ MAYOL, Pierre. Morar. In: CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre (orgs.). **A invenção do cotidiano 2 - Morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 46.

⁴⁹ MAYOL, Pierre. Morar. In: CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre (orgs.). **A invenção do cotidiano 2 - Morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 49

comportamentos de relato, oferecem um campo muito rico à análise da espacialidade. O relato tem papel decisivo. Sem dúvida 'descreve'. Mas 'toda descrição é mais que uma fixação', é 'um ato culturalmente criador'”⁵⁴ Contudo, relata-se que mesmo em pequenas cidades, com uma estrutura material simples, a população percebe uma diferença interna, mantendo diferentes comportamentos e relações, dependendo do lugar onde estejam. É muito comum que habites de bairros utilizam expressões como "vou subir para a cidade", quando desloca-se de seu “próprio” espaço urbano de vizinhança em direção à área central. Esta expressão não está associada à topografia, muito menos encontra-se fora do perímetro urbano.

O fato de "subir" denota o reconhecimento de uma hierarquia social, e a "cidade" está relacionada com a percepção de que, na área central, desenrolam-se relações diferenciadas daquelas desenvolvidas na vizinhança do bairro, muitas vezes compostas por uma população com forte tradição rural. Sendo assim, observa-se, então, que em cidades pequenas, há uma estrutura material simples, seus habitantes percebem sua diferenciação interna, porém, diferenciam seus comportamentos em relação ao lugar dependendo do lugar em que estejam.

É em área central destas cidades que estão localizados os serviços públicos, o comércio, o sistema judiciário e o religioso. Há, nesse local, uma convivência de dois códigos, "um moderno e igualitário - pelo qual somos 'indivíduos', seres autônomos, iguais perante a lei e o Estado; e outro tradicional e hierárquico - pelo qual somos pessoas, seres relacionais, com prerrogativas dadas por lugares ocupados em determinados segmentos da sociedade e do espaço onde vivem”⁵⁵

⁵⁴ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 208.

⁵⁵ PRADO, Rosane Manhães. Cidade pequena: paraíso e inferno da pessoalidade. **Cadernos de antropologia e imagem**, Rio de Janeiro, n. 1, 1995. P. 35

A existência e sobreposição dentre esses códigos são marcados por uma supremacia de noção sobre a outra, na pequena cidade, embora tenham sistemas burocráticos a serem obedecidos, as relações sociais são marcadas pela personalidade. Quaisquer que seja o ponto comercial ou a atribuição do serviço público em que você "se sabe com quem está falando?". As práticas desenvolvidas são pessoais, entre indivíduos, que sempre são identificados com particularidade, reconhecidas socialmente e espacialmente localizadas.

Em pequenas cidades, embora desempenhar diferentes papéis, o "sigilo" é quase impossível, e a pessoalidade impera nos comportamentos individuais. Assim, as relações atreladas ao caráter formal é totalmente relacionada, entrelaçada, com relações afetivas, parentesco e respeito, gerando assim, uma confiança estabelecida em regras e códigos relacionados a uma ética específica: o da convivência, em específico a confraternização. Os negócios são exemplificados, estabelecidos com base em confiança pessoal e regras que não são quebradas, justamente porque quem as "quebrar" ou "violar" também estão sujeitos a perder os ganhos do capital dos relacionamentos.

A pequena cidade também abriga grupos heterogêneos do ponto de vista de sua origem étnica, sexo, idade, procedência, linhagens, crenças e ofícios. "Nenhuma sociedade é monolítica culturalmente, sempre apresentando planos e dimensões diferenciadas em função de seu modo singular de construção da realidade"⁵⁶

⁵⁶ Gilberto Velho, em *Unidade e fragmentação em sociedades complexas*, publicado na coletânea VELHO, Gilberto; VELHO Otávio (org). **Duas conferências**. Rio de Janeiro: Câmara de estudos avançados/FCC/UFRJ, 1992, caracteriza as sociedades complexas como constituídas de uma coexistência de diferentes estilos de vida e visões de mundo, havendo momentos em que grupos se unem numa ação coletiva sustentada por crenças e valores compartilhados, mesmo existindo distintas categorias sociais.

Para Wallerstein há, para cada grupo, um universo de cultura destino e, ao mesmo tempo, cada um deles participa de muitas culturas.⁵⁷ Dependendo do recorte social, e de que tais grupos se apropriam de determinados espaços da cidade, mesmo que de maneira temporária, pode-se reconhecer uma territorialidade urbana também em pequenas cidades.

Se em pequenas cidades "todo mundo se conhece" esse reconhecimento torna o controle social muito mais rígido, reconhecem-se diferenças internas de cada grupo social e os lugares de cada um na estrutura social e espacial da cidade. Entretanto, considerando-se o conceito proposto por Werther Holzer, que define o território como um conjunto de lugares, onde desenvolvem-se laços afetivos e de identidade cultural de um determinado grupo social, independente de ser ou não um espaço fechado, é possível sustentar a existência de territorialidades nas pequenas cidades⁵⁸. É importante lembrar que, para este autor, "a territorialidade é melhor compreendida através das relações sociais e culturais que o grupo mantém com esta trama de lugares e itinerários que constituem o seu território."⁵⁹

Então, sendo assim, cada recorte social, cada grupo que tiver uma identidade (um histórico comum), representado por instituições (formalmente ou informalmente) e que possua espaço próprio de socialização, constitui um território. Magnani utiliza o termo "pedaço" para verificar o estabelecimento e reforço de laços de sociabilidade, diferenciando os "que fazem parte do pedaço" e os indivíduos que não pertencem, que participam da mesma rede de socialização "os que estão fora do

⁵⁷ WALLERSTEIN, Immanuel. Cultura como campo de batalha ideológico do sistema mundial moderno. In: FEATHERSTONE, Mike (org.). **Cultura Global**. Petrópolis: Vozes, 1998.

⁵⁸ HOLZER, Werther. **Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente**. Rio de Janeiro, ano II, n. 3, jul. / dez. 1997 p.83-84.

⁵⁹ SILVA, Joseli Maria. **Cultura e Territorialidade: uma abordagem da pequena cidade.. Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 5, n. 2, p.9-39, 2000.

pedaço”, e considerar um estabelecimento dos “pedaços” é uma forma de sociabilidade e de apropriação do espaço.⁶⁰

Com tais trajetos, por meio dos quais, sujeitos observam a apreender a cidade e a criar sua imagem, são percorridos e reforçados laços de sociabilidade, pois propiciam o encontro do amigo “mais chegado” com o amigo “menos chegado” para que em espaços comerciais exercitem os códigos da convivência, descritos por Pierre Mayol⁶¹. Assim, “caminhando, estamos no mundo, encontramos num lugar específico e, ao caminhar nesse espaço, tornamo-lo um lugar, uma moradia ou um território, uma habitação com um nome.”⁶²

Com isso, em uma pequena cidade, em qualquer ponto dela, do mais alto ou mais baixo, sempre encontram-se seus limites. A diversidade está presente. Para Lynch⁶³ os bairros apresentam um caráter comum que estabelece uma identificação aos que habitam na cidade. Esta identificação não é, na maioria das vezes, claro a um visitante, mas é reconhecida mentalmente por pessoas que habitam nesse local.

As categorias de lugares e itinerários são formados pelo uso e apropriação de lugares e espaços que constituem a chave para leitura, sobre qual se tem o entendimento e orientação na cidade. Ao focar a lógica que compõe as relações sociais que determinam as localidades, podem-se encontrar justificativas para o sucesso ou não de empreendimentos comerciais.

⁶⁰ MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca (orgs.). MAGNANI, José Guilherme C. **Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. Na metrópole: textos de antropologia urbana.** São Paulo: EDUSP, 1996.

⁶¹ MAYOL, Pierre. Morar. In: CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre (orgs.). **A invenção do cotidiano 2 - Morar, cozinhar.** Petrópolis: Vozes, 1996.

⁶² HILLMAN, James. **Cidade. & alma.** São Paulo: Studio Nobel, 1993.

⁶³ LYNCH, Kevin. **La imagen de la ciudad..** Buenos Aires: Ediciones Infinito, 1974

Contudo, o domínio da personalidade nas relações sociais, em pequena cidade, trata-se de uma sociedade complexa, dividida em classes e comportamento de inúmeros universos alternativos, como por exemplo, diferentes religiões, pertencimentos social e políticos ou tradicionais étnicas culturais que, ao se apropriarem do espaço, podem constituir, portanto, territórios próprios. A sociedade por si não é fechada, com o desenvolvimento dos meios de comunicação e da interação de outros espaços, pode constituir e modificar padrões socialmente impostos. As territorialidades formadas por códigos culturais podem ser substituídas por outras, assim originando uma lógica em um universo cultural, que aqui neste trabalho entendemos como a comunidade LGBT e seu universo cultural. Cabe identificar os códigos, que sobrepõem e justapõem o entendimento ao qual foi constituído, com isso novas territorialidades. Necessário, portanto, desenvolver na ciência geográfica um instrumento metodológico que permita a identificação e o manejo da subjetividade e que envolva a produção do espaço e suas diversas características e culturas.

Capítulo 3 - O início com Barra, a era Modesto e Nany e seu lacre.

Metodologia, Análises das Entrevistas e a primeira memória LGBT de Ourinhos.

Viados que proliferam em locais frescos e arejados
De mendigos à doutores
Cercados por seus pudores
Caninos e mecanismos, afiados
Fazem suas preces, diante de mictórios
Fé! Em pele de vício
Ajoelham, rezam
Genuflexório
Acordam pra cuspir
Plástico e fogos de artifícios⁶⁴

Para o presente trabalho foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o tema de território, espaço, gênero, sexualidade, poder e população LGBT. Nossa participação no grupo INDACA⁶⁵ e a atuação de vários anos como coordenador de relações culturais no CACUO⁶⁶ nos estimulou a pensar algumas questões que gestaram um grupo de pesquisa e discussão sobre temas ligados à geografia, sexualidade e gênero em um cursinho comunitário(dentro da UNESP/Ourinhos), único gratuito da região de Ourinhos , e tais debates nos fizeram refletir sobre tais temáticas.

No decorrer deste trabalho no ano de 2018, entrevistamos três produtores de eventos LGBTs da cidade de Ourinhos: O primeiro Carlos Barra, o segundo Rodrigo Modesto e a terceira Elaine Santos, com o objetivo de compreender e analisar a dinâmica cultural do território em Ourinhos e sua relação com a população LGBT. Tal pesquisa foi estimulada também por uma dúvida pessoal, pois identificando-me como membro da população LGBT e morando durante anos em Ourinhos, analisei as festas que frequentei como um membro da comunidade, ou seja, utilizei nesse trabalho um método antropológico, o de observação participativa. Todas as

⁶⁴ Quebrada, Linn da. Submissa do 7º Dia, "Pajubá". Independente. 2017. Disponível https://www.youtube.com/watch?time_continue=2&v=Kfjhie6Y5Qc 5 de out de 2017.

⁶⁵ Grupo de discussão e intervenção de geografia, sexualidade e gênero.

⁶⁶ Cursinho Alternativa do Campus da Unesp Ourinhos.

perguntas feitas aos entrevistados foram elaboradas em conjunto com orientadora Profª Drª. Fabiana Lopes da Cunha.

Nessas, nos preocupamos em compreender as vivências dos produtores, dos eventos no município, da população e como é essa identidade LGBT em Ourinhos. As perguntas buscam saber quais eram esses espaços e porque eram neles que esses eventos ocorriam? Como os eventos eram organizados? Havia uma rotatividade dos locais? Se sim, porque? Havia ou não repressão pública, policial, social ou política? Havia e há uma relação entre os donos das casas de eventos, os produtores dos eventos e a comunidade LGBT de Ourinhos? Essas foram algumas questões que nos levaram a buscar entender e responder nossas dúvidas a respeito do nosso tema de pesquisa. Além disso, as questões buscaram relacionar o contexto histórico, o município e o sentimento de pertencimento da população LGBT em relação a este território. Também buscamos conciliar o processo de formação da identidade LGBT, associando aos nossos conhecimentos empíricos.

Para este trabalho de conclusão de curso, a pesquisa exploratória, que tem "como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entre-vistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão⁶⁷. E a metodologia, pois busca investigar e compreender como é o organismo, aqui nesse estudo sobre o processo da produção cultural LGBT e a materialização em Ourinhos. Nossa metodologia nesse trabalho foi buscar comprovar nossas hipóteses embasados em uma revisão bibliográfica sobre o tema e entrecruzando esta com a análise de situações e coisas que vivemos nesses

⁶⁷ GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

eventos e dentro desse grupo LGBT na cidade de Ourinhos, entrevistando os produtores de eventos. Isso nos fez delimitar nosso recorte espacial, a cidade de Ourinhos, e temporal, posto que esses eventos tiveram início na década de 1980 e ocorrem até os dias atuais.

Todas as entrevistas foram transcritas na íntegra, desenvolvendo uma metodologia A História oral temática proposta por Meihy.⁶⁸ As entrevistas tem um tema central e as entrevistas são direcionadas pelo tema central proposto, com isso a metodologia foi desenvolvida a partir de um conjunto de relações a partir de um conjunto de narrativas de pessoas (que produziam) e ainda produzem eventos LGBTs em Ourinhos. Uma construção sobre uma micro-história local com uma micro-história global.

A partir de todo esse material e questões levantadas a partir dele, buscamos relacionar o tempo, o espaço (ou espaços), a formação, construção e a marginalização das relações sociais criadas no município e em relação à ele.

A primeira entrevista foi com Carlos Barra no dia 25/10/2018, dividida em duas partes; a primeira parte com 46:11 minutos e a segunda parte no mesmo dia com 07:55 minutos de duração em seu ateliê localizado em Ourinhos, onde reside há mais de 20 anos. Carlos Barra é um dos nomes mais importantes para eventos LGBTs em Ourinhos, pois organiza eventos desde o final dos anos 80 e 90 e começo dos anos 2000. A segunda entrevista foi Elaine Santos em formato de ligação, uma vez que a produtora não reside em Ourinhos, a entrevista foi no dia 02/11/2018 com duração de 34:28 minutos e o terceiro entrevistado foi Rodrigo Modesto, encontra-se em Maceió, concedida no dia 13/11/2018, via Skype dividida em

⁶⁸ MEIHY, J.C.S.B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2002.

três partes, a primeira com 12:43 minutos, a segunda com 21:12 minutos e a terceira com 12:47 minutos. Ambas seguiram as mesmas perguntas, mas em ordem diferente. Todas as entrevistas foram feitas apenas em um dia, mas com divisões de gravações.

Com a elaboração das perguntas, quis compreender como foi o processo e contexto de formação e organização dos eventos LGBT em Ourinhos, que curiosamente têm seus seguidores e suas transições culturais. O subtítulo deste capítulo é “A primeira memória LGBT de Ourinhos”, traz o primeiro estudo sobre o tema na Geografia de Ourinhos, que abre um leque a ser debatido, tendo a geografia, o gênero, a cultura e a formação territorial como elemento fundamental para a elaboração de comportamentos culturais regionais, pois não é só a população de Ourinhos que frequenta esses eventos, fica evidente nas entrevistas, que todos os municípios ao redor de Ourinhos, em um raio de 60km têm conhecimento sobre o evento, então cria-se um fluxo, movimentações as quais a geografia precisa debruçar. Neste capítulo, tentarei dialogar trechos das entrevistas com produtores de eventos em uma análise teórica que dialoga com as relações sociais, econômicas e culturais criadas. Além de colocar uma cronologia sobre os acontecimentos de maior importância, mostrando como é o materialismo histórico produzido sobre o tema.

3.1 - Carlos Barra e o seu o início.

Carlos Barra, o primeiro a ser entrevistado, membro notório da cidade de Ourinhos, produziu eventos “GLS” durante anos: “Eu nunca fiz festa com o objetivo de arrecadar dinheiro, fazia festa para criar um espaço, lutei muito pra criar esse espaço gay em Ourinhos, e eu consegui! Tanto que eles estão fazendo ai.”⁶⁹ Responsável por modelar como eram os eventos LGBT de Ourinhos, desenvolveu

⁶⁹ Entrevista Carlos Barra dia 25/10/2018 em seu ateliê localizado em Ourinhos.

muito eventos nas décadas de 80 e 90 e início dos anos 2000. Em sua entrevista foram separados trechos de grande importância, assim como os outros entrevistados, fazendo refletir pontos relevantes sobre a identidade cultural LGBT e processos os quais elas sofreram. Por isso, a primeira parte deste capítulo será o processo histórico, por meio de memórias de Barra, enfatizando Green e citando Fly, dois importantes teóricos LGBT, Segundo Green:

Peter Fry também afirmou que em algum momento dos anos 60 uma nova identidade sexual surgiu. Ela tomou forma inicialmente entre os homossexuais masculinos de classe média nos centros urbanos brasileiros era baseada mais numa escolha do objeto sexual do que em papéis de gênero. A Urbanização, a expansão da classe média, uma contracultura endógena, mudanças nas relações de gênero, influências culturais gays internacionais, tudo isso contribuiu para a construção dessa identidade, que era semelhante à identidade gay que se desenvolveu nos Estados Unidos nas décadas de 1930 e 1940.⁷⁰

Com o desenvolvimento de novas identidades, a partir dos anos 60, com a industrialização e a expansão da classe média, as relações sociais em centros urbanos começaram com uma nova concepção sobre relações sociais, contribuindo para uma contracultura endógena com mudanças nas relações de gêneros, influências internacionais, que acarretou na construção de uma identidade LGBT.

Segundo Parker

Os dois padrões coexistem atualmente no Brasil. Homens de origens culturais pobres e operárias ainda moldam seu comportamento sexual segundo a tradicional díade homem/bicha, e os homossexuais urbanos de classe média, em geral abraçaram o que é conhecido como uma identidade gay. De fato, pode-se pensar nas múltiplas homossexualidades ou sexualidades, já que também permanece comum uma forma de bissexualidade, o fenômeno do homem casado que pratica sexo com outros homens e ainda assim mantém relações heterossexuais⁷¹

⁷⁰ Green, James Naylor, 1951 - Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX / James N. Green; tradução Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. - São Paulo: Editora UNESP, 2000. p29.

⁷¹ Green, James Naylor, 1951 - Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX / James N. Green; tradução Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. - São Paulo: Editora UNESP, 2000. p29.

Importante enfatizar que com novos comportamentos “tomou forma inicialmente entre os homossexuais masculinos de classe média nos centros urbanos brasileiros era baseada mais em uma escolha do objeto sexual do que em papéis de gênero” e com os papéis de gênero no Brasil são comportamentos socioculturais, onde os mais pobres e proletários têm a dicotomia homem/bixa, facilmente, interpretada como homem/mulher e a classe média desenvolveu uma cultura abraçando o que é conhecido como uma identidade gay, contrapondo a dicotomia homem/bicha e identificando a cultura gay. Em algumas literaturas, é conhecida como cultura LGBT ou cultura Queer. Essa cultura desenvolveu-se em centros urbanos, hoje é muito representada em aplicativos de encontros gays e casas noturnas em grandes centros, dialogando muito com que Barra disse em entrevista sobre os primeiros lugares LGBT de Ourinhos.

Os primeiros acontecimentos gays noturno em Ourinhos começou mais ou menos há 30 anos atrás, o primeiro movimento de uma casa noturna, porque o que acontece, em local em cidade pequena, se criar um barzinho, vem você que é gay, vem outro que é gay, vem um artista, vira um espaço gay mas sem o título, se coloca o título, cai fora o pessoal "normal", se você não colocar bar gay ou GLS, o povo "normal" vai e as gay no meio. Tinha o "dona maria", era um encontro de gays, um restaurante em frente ao Banco Itaú⁷² ali a noite se encontrava vários gays, mas sempre sem colocar o rótulo.⁷³

Segundo Barra os primeiros relatos de manifestações LGBT em Ourinhos foram os anos 80, porém não era um espaço LGBT, mas na região central do município, na qual a população se encontrava para sociabilização, importante enfatizar que “se criar um barzinho, vem você que é gay, vem outro que é gay, vem um artista, vira um espaço gay, mas sem o título e se coloca o título, cai fora o pessoal "normal", se você não coloca um bar gay ou GLS, o povo "normal" vai e as gay no meio”. Onde não se é naturalizado o espaço LGBT e sim ressignificado a formação do espaço LGBT, cujo em cidades pequenas é diferente dos centros

⁷² Rua Nove de Julho com Altino Arantes

⁷³ Carlos Barra dia 25/10/2018 em seu ateliê localizado em Ourinhos.

urbanos. Importante a ser entendimento sobre processo cultural brasileiro. Segundo Green:

A comunicação rápida entre esses dois centros urbanos Rio-São Paulo, criou expressões culturais semelhantes, assim. Como códigos, gírias e comportamentos sexuais similares. Entretanto, diferenças entre as duas décadas cidades influenciaram alguns aspectos da formação da subcultura homossexual. As tradições e a cultura afro-brasileira tiveram maior influência no Rio de Janeiro, enquanto a imigração européia e japonesa em grande escala para São Paulo gerou diferentes composição étnica, social e cultural.⁷⁴

Entende-se então que o processo de imigração européia e japonesa em grande escala para São Paulo, causou diferenciações na composição étnica, social e cultural, com isso manifestações as quais foram compostas, em outra parte retirada da entrevista, diz que o primeira ambiente Gay de Ourinhos, Barra foi enfático.

O primeiro ambiente gay que teve aqui foi o Akita, um restaurante durante o dia, perto da prefeitura⁷⁵ de uma senhora japonesa Claudia, abria durante o dia e tinha um salão no fundo, naquela época tinha muito show de transformismo no Silvio Santos. "Monta aqui showzinho de noite, você vai ver, vai atrair gente" pegou quatro amigos nossos gays, uma virou DRAG: Daiane Calegari, tinha Érica, uma travesti e mais uma meia dúzia de gays que faziam shows a noite, aquilo lotava, foi o primeiro espaço gay Ouriense, as estrelas da casa era a Marriete, Eloisa Mané. O Celso, e o Walter Cabeleireiro faziam show, dali saiu estrelas que passaram por coisas e estão vivas até hoje.⁷⁶

A afirmação de Green e Fly⁷⁷ junto com a entrevista de cedida por Barra, dá-se o entendimento que Ourinhos, localizada no Estado de São Paulo e com grande imigração japonesa sofreu grande influência culturas européias e japonesas. Como não foi preocupação da Geografia Brasileira nos anos 90 e como os primeiros

⁷⁴ Green, James Naylor, 1951 - Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX / James N. Green; tradução Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. - São Paulo: Editora UNESP, 2000 p. 36

⁷⁵ Prefeitura encontra-se na Rua Abrahão Abujamra 62 - Ourinhos.

⁷⁶ Carlos Barra dia 25/10/2018 em seu ateliê localizado em Ourinhos.

⁷⁷ Green, James Naylor, 1951 - Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX / James N. Green; tradução Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. - São Paulo: Editora UNESP, 2000 p. 36

acontecimentos aconteceram nos anos 80 como afirma Joseli Maria Silva, estamos a partir de um processo de unificação técnica, meios de comunicação e normatização das paisagens urbanas. Não é impressionante que o primeiro espaço LGBT de Ourinhos não era especificamente LGBT. Todos esses conjuntos de regras que padronizações comportamentos impondo um modo de vida ocidental, aprofundando assim homogeneizando dos padrões sociais, culturais, estéticos, econômicos em um país muito diversidade, destacando experiências, sentimentos, identidades de indivíduos e grupos que constroem a partir da sua singularidade, mesmo dentro de um crescente processo de difusão da cultura massa. Foi a partir de processos culturais, elaborados os primeiros locais em Ourinhos, assim podemos analisar outras influências que vieram para a formação desta identidade e cultura, segundo extraída na entrevista.

Depois, três ou quatro anos, um cara de Bernardino de Campo, Rogério montou uma no final da expedicionários⁷⁸ chamada GENTS PRIVE, tinha uma GENTS em São Paulo, ele montou essa GENTS PRIVE, naquela época.⁷⁹

Com isso, os primeiros espaços LGBT em Ourinhos foram o Akita e o Gents Prive. Esses dois locais foram de grande importância para o desenvolvimento da construção de espaços onde a população LGBTs poderia se expor, se encontrar, se identificar e ficar mais à vontade, em uma cidade do interior paulista ainda bem conservadora. Outra conclusão que chegamos com a análise dessa entrevista é que Ourinhos foi influenciada por movimentos e eventos que ocorriam no eixo Rio-São Paulo, o que denota que tais eventos tinham conexão com o contexto histórico sobre certa liberalidade e afirmação de grupos que são considerados como sendo “minorias”, dos quais o LGBT também faz parte.

⁷⁸ Rua dos Expedicionários.

⁷⁹ Carlos Barra dia 25/10/2018 em seu ateliê localizado em Ourinhos.

Com isso, os primeiros espaços LGBT que foram o Akita logo após o Gents Prive, esses dois locais foram de grande importante para o desenvolvimento deste estudo, entendo que eles, modulado de como eram as composições, as quais os processos históricos eram elaborados, então um dos primeiros entendimento que se tem sobre o tema: Ourinhos foi influenciada pela composição Rio-São Paulo, fazendo parte do eixo de entendimento estadual. Naquela época as balada referência "era Nostro Mundo, a Blue Space. A The Week vem depois, quiseram separar essas gay poc-poc⁸⁰ das finas."⁸¹ Isso nos faz abrir uma nova discussão. A classe, que em Ourinhos é materializados através de convites VIPS a qual, de certo modo desenvolve uma "cultura" nas festas posteriores de outros produtores. "na The week é mostrar o corpo para as pessoas, você não vê "gente feia" na the week a água é vinte reais, eu acho qualquer tipo de descriminalização um horror." Tando a The Week, quando a Blue Space se tornaram referência sobre produção cultural LGBT nacional, ambas localizadas em São Paulo, isso influenciou a noite LGBT Ouriense, Segundo Barra:

Eram shows aos moldes das grandes casas de São Paulo. Começava um DJ a meia noite às duas da manhã balada, depois entrava hostes, fazia a apresentação, das duas às três, show com a drag, gogoboy, gogogirl e depois balada de novo até seis horas da manhã. As festas que eu fazia no Pedrão⁸² acabava as boates heteros, os cara que gostava de dança ia nas festas, entravam de graça e ficavam dançando até cinco, seis horas, naquela época a gente fazia festa e o som que a gente gostava era o som eletrônico, a gente usava a expressão "som de garagem" som que ainda não tinha saído, eram músicas raras, difíceis de você ver, tinha balada, que as músicas só começava a toca no mercado dois, três meses depois, legal era isso. Você contratava o DJ, ele era específico, tinha que batalha muito, conversa, hoje? se vai na festa as pessoas querem funk, pagode e sertanejo. Eu fiquei de boca aberta, as festas caíram, pra caramba...⁸³

⁸⁰ Expressão usada no meio LGBT para se referir a um homossexual afeminado.

⁸¹ Carlos Barra dia 25/10/2018 em seu ateliê localizado em Ourinhos.

⁸² Mansão Pedro Queijeiro. Rua Eurico Amaral dos Santos

⁸³ Carlos Barra dia 25/10/2018 em seu ateliê localizado em Ourinhos.

Como "eram feitas ao moldes das grandes Casas de São Paulo", entende-se portanto que essa influência é materializada e consumada em espaços de eventos LGBT em Ourinhos, contudo podemos afirmar que as relações sociais criadas a partir de construções sociais sobre ser LGBT instituído, cria-se, relações sociais criadas a partir de construções sobre macho/bixa e identidade gay que fluíram-se conforme o advento da internet, essa dicotomia hoje são muito mais de um território instituído do que um território instituinte⁸⁴. Pois novos conceitos pós-capitalistas urbano foram fortemente estabelecidos e consumados a partir de novos conceitos e consumo e hoje esse debate pode se muito mais fluido, pois além de mostrar como eram a elaboração destes eventos, o trabalho de divulgação, venda de convites de todas as relações as quais foram estabelecidas no processo desses eventos, criou-se portanto uma dinâmica própria, esse modelo ainda é presente nos processos de venda de convite em Ourinhos.

Não tinha internet, fizemos um monte de propaganda, Eu comecei a fazer festas junto com o Tiquinho, ele locava som, a um mês, a cada três meses, eu tinha promotores, o Modesto de Jacarezinho, o Bruno de Santo Antônio, o Carlos de Assis, o Rogério de Bernardino, e de Piraju a Fernanda. O Modesto era meu melhor promotor, tinha época que vendia 150 convites, perguntei você quer trabalhar, te pago um salário por mês, mais comissão das festas e vamos fazer uma festa por mês, ele veio, só que ele era medroso, por isso ele passou a fazer baladinha e não festas como eu fazia... Nós trabalhamos um ano fazendo festas, só que as festas, mensais começaram a cair muito, um público de 300 e poucas foi para 150, 180 pessoas. Antes de ser mensalmente, a gente fazia umas três ou quatro por ano, terminava um começava outra, aí começamos mensalmente em 2012, e eu me candidatei, nisso o Modesto, fazia a festa dele acoplada a minha no aniversário dele, pegava essa data e fazia a festa dele, eu parei em maio, ficou maio, junho sem fazer, julho e em agosto ele fez a dele, pessoal gostou e começou a fazer, só que ele fazia baladinha, ele pegava um DJ que tocava alguma coisa. Ele é extremamente relacionado, pessoal gosta bastante dele. Ele começou a fazer baladinha e isso começou a virar.⁸⁵

⁸⁴ ORNAT, Marcio Jose. **Território da prostituição e instituição do ser travesti em Ponta Grossa PR**. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Estadual de Ponta Grossa. PR.

⁸⁵ Entrevista concedida por Carlos Barra dia 25/10/2018 em seu ateliê localizado em Ourinhos.

Ressaltando que nesse trecho da entrevista Barra começa uma transferência em relação a produção de eventos. Esse fato é bem evidenciado na transferência de evento junto com o aniversário do Modesto, que simbolicamente continuou com a produção a qual Barra iniciou, óbvio que com algumas diferenças mas a transição estava se consolidando, denota a consolidação também desses eventos. Existiu ao decorrer das entrevistas, relatos de como eram as relações com os donos das casas noturnas com os produtores de eventos Barra afirma que:

A gente aluga Barra, mas que se vai fazer? Ah uma festa GLS?!, Ah não dá, não pode. Não rolou. Na FAPI⁸⁶ se paga aluguel, você pagava só a taxa para usar o espaço, então paguei duas vezes. Enquanto eu pagava mil reais no Pica Pau⁸⁷, aluguel na FAPI era por 214 reais. Fiz a primeira vez, foi um zunzunzum dos vizinhos, entraram com um pedido na prefeitura, não deixaram eu fazer mais nada, não pude fazer, teve outras festas, mas festas GLS não pode. "Ah porque não dá, não sei o que". No Pedrão Queijeiro⁸⁸ juntou os vizinhos pararam de alugar. GLS não dá. Barra não dá, não quero associar o nome a isso.⁸⁹

Ao retratar sobre os processos Barra faz várias ressalvas de como era o tratamento com a população LGBT, uma vez que os valores morais eram maiores e os meios muito mais burocrático, podendo ter quebra de contratos. Todos os outros promotores de eventos sofreram de algum modo LGBTfobia. Segundo Barra:

A cidade é pequena, não comporta, você precisa de retorno financeiro, depois que parei de fazer festa e o Modesto começo a fazer, deixou de ter festa e começou a ter baladinha, pessoal se encontrar, se beija e encher a cara, parou de ter festas glamurosas, com shows, gogoboy, gogogirl, com gente famosa.⁹⁰

Conforme visto, na transição de produção eventos LGBT. Barra autodenomina suas festas como "festas glamorosas" com "show de drag, gogoboy, gogogirl com atrações artísticas". Que se diz justapor a como é os eventos de Modesto, portanto,

⁸⁶ Feira de Agropecuária e Industrial de Ourinhos.

⁸⁷ Rua do Expedicionário, 1145

⁸⁸ Mansão Pedrão Queijeiro, Rua Eurico Amaral dos Santos 689

⁸⁹ Entrevista concedida por Carlos Barra dia 25/10/2018 em seu ateliê localizado em Ourinhos.

⁹⁰ Entrevista concedida por Carlos Barra dia 25/10/2018 em seu ateliê localizado em Ourinhos.

Barra faz uma reflexão importante sobre a situação política cultural do Brasil e leva o tema LGBT a qual o processo histórico nunca tínhamos pensados em aprofundar o debate, que entre linhas explica quais foram as maiores festas com maior número de participantes, suas relações políticas, principalmente sua contribuição nos eventos LGBTs em Ourinhos, em suas festas e suas atrações.

Eu acho que a gente retrocedeu em muitas conquistas, com a história do Bolsonaro e o povo aceitar o Bolsonaro, a extremo da direita foi contra tudo que a gente lutou. Todo mundo tem um freio, faz de conta que tem um botão, você aperta isso te freia moralmente. Bolsonaro veio nisso como líder, você pode achar que gay é escroto, achar que a mulher é meio, acho que perdemos, mesmo ele não ganhando, ele colocou isso na cabeça das pessoas, isso é embutido na cabeça das pessoas. São poucas que analisam, o que nós merecíamos é pessoas mais mente aberta, mas não somos, não somos um país de mente aberta. “Somos o mundo a caminhando do Trump”. O Bolsonaro ter ganhado aqui, provavelmente ganhe, a gente não está caminhando. Eu acho que estaríamos mais é reprimido. Tinha uma festa que era show bar, eu fiz quatro edições, a gente trazia dez gogoboy, fiz com Silvety Montilla, Paulet Pink, Stripella, Laiza Bombom. A Festa Yes, “nós temos noite GLS”. O convite da Dimmy Kieer, convite do Léo Áquila, as duas festas que deu mais gente, Dimmy Kieer deu 880 e do Léo Áquila deu 700 e pouquinho, do Léo Áquila, Dimmy Kieer em 2010 e o Léo Áquila foi pra comemorar a Celebration. Tenho facebook, Barra Party lá você vai fazer as fotos, tem um monte de foto, eu acho, porque isso é da época que o modesto trabalhava comigo.

Importante ressaltar a primeira parte da entrevista, uma vez que um dos principais assuntos deste trabalho de conclusão de curso é a formação e análise e compreensão sobre o espaço (ou espaços) dos LGBT em Ourinhos e esse trecho nos traz uma análise e uma reflexão sobre o debate de como é a situação política LGBT em um âmbito nacional, de como é visto, como são as manifestações sobre o tema.

Barra passou a Modesto todo seu entendimento sobre a organização e produção de eventos LGBT e, segundo ele, os comportamentos e as relações, as quais estavam pré-estabelecidos, surgem então novos olhares, se modificam: surgem então novos olhares a partir do ano de 2012, quando Barra para de produzir eventos e surgem novas relações e um novo modo de produzir eventos.



Scanned with CamScanner

Imagem 1 - Cartaz da festa Dicesar BBB10 com Dimmy Kieer no ano de 2010
Fonte: Arquivo pessoal Carlos Barra (20109).

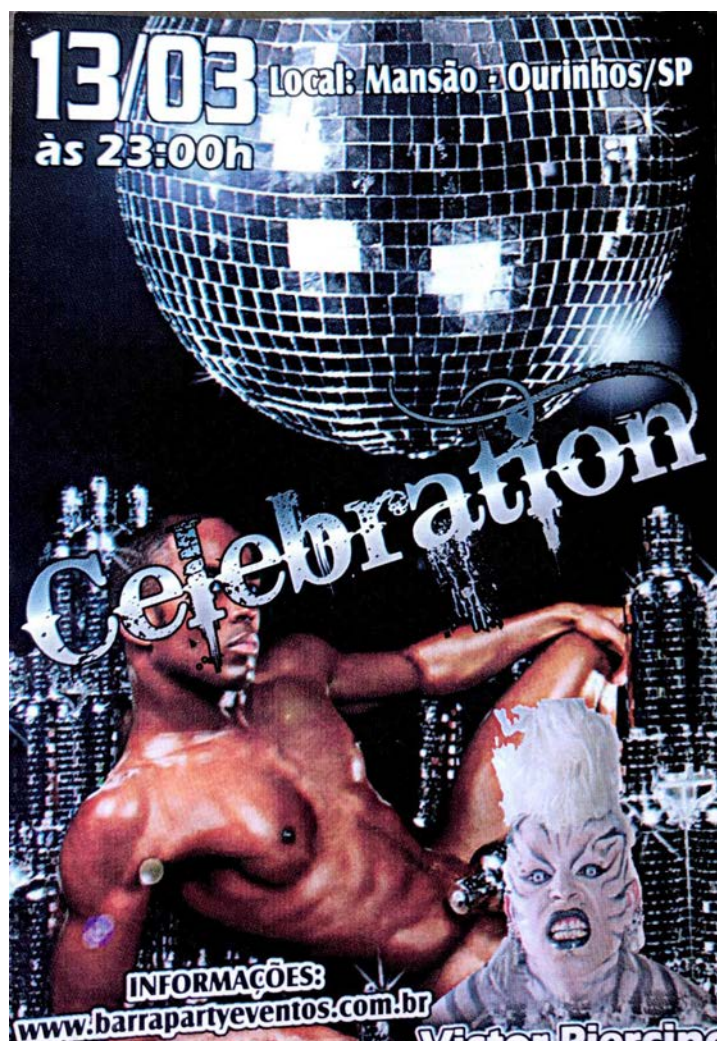


Imagem 2 - Cartaz da festa Celebration com Victor Piercing no ano de 2009
Fonte: Arquivo pessoal Carlos Barra (2019)

Data 23 de Junho de 2007
Local: Chácara Kuka Fresca
à partir das 23:00hs
Ourinhos/SP

NÓS TEMOS NIGHT GLS
Yes

DragQueens
Go go Boys
Go go Girls
Dark Room
Djs
House
Tribal
Electro
Drag Hits
Estacionamento
Gratuito
Segurança

Valor Convite
R\$ 15,00 (Antecipado)
R\$ 20,00 (Na hora)

Convites Antecipados e Limitados

ORGANIZAÇÃO: CARLOS BARRA
Informações: (14) 3326-2701

Dj Fernando Lopes

Não Coloque este impresso em veículos e não Jogue em Vias Públicas

Data 18 de Outubro de 2008 / LOCAL: TATERSAL (FAPI)
À PARTIR DAS 23:00HS

NÓS TEMOS NIGHT GLS
Yes II

Labelle Beauty
Gustavo Lira
Simone Zorge
Guilherme Oliver

Valor Convite
R\$ 15,00 (Antecipado)
R\$ 20,00 (Na hora)

Convites Antecipados e Limitados

DragQueens
Go go Boys
Go go Girls
Dark Room
Djs
House
Tribal
Electro
Drag Hits
Estacionamento
Gratuito
Segurança

Dj Fernando Lopes

HEVELLYN HALLS - HOSTESS
ORGANIZAÇÃO: CARLOS BARRA
Informações: (14) 3326-2701

Salão Abel e Fran 3525-0533 R. Coronel Figueiredo, 107 - Centro Macerém - PR	Rodrigo Modesto Promoter's (43) 9967-6777 rmodesto@hotmail.com www.rmodesto.com	EMERSON MIGUEL e_miguel@hotmail.com 8122-8380 Rodoviana - Ourinhos - SP	FAPI Associação FAPI
Sebastian 3324-4581 Rua Rio de Janeiro, 134 Ourinhos - SP	Miliane Ferreira (14) 9747-3035 e-mail: mlferrera17@hotmail.com Santa Cruz do Rio Pardo/SP	Bruno Benassi (43) 9901-9894 Santo Antônio da Platina/PR	

Data 12 de Dezembro de 2009 / LOCAL: MANSÃO
(OURINHOS/SP)

NÓS TEMOS NIGHT GLS
Yes III

Naomi Sayox

Convites Antecipados e Limitados

DragQueens
Go go Boys
Go go Girls
Djs
Segurança

Valor Convite
R\$ 15,00 (Antecipado)
R\$ 20,00 (Na hora)

Dj Fausto

ORGANIZAÇÃO: CARLOS BARRA (14) 3326-2701

Sebastian 3324-4581 Rua Rio de Janeiro, 134 Ourinhos - SP	Rodrigo Modesto Promoter's (14) 9618-3797 rmodesto@hotmail.com Jacareizinho/PR	Miliane Ferreira (14) 9747-3035 e-mail: mlferrera17@hotmail.com Santa Cruz do Rio Pardo/SP	EMERSON MIGUEL e_miguel@hotmail.com 8122-8380 Rodoviana - Ourinhos - SP	DRE'A CELL Assistência Técnica Celular 9796-8000
--	--	---	--	--

Imagem 3 - Cartazes da festa Yes. Edição 1, 2 e 3.
Fonte: Arquivo pessoal Carlos Barra (2019)



Imagem 4 - Cartaz da festa Pré Reveillon - GLS com Silvettt Montilla.
Fonte: Arquivo pessoal Carlos Barra (2019)

Carlos Barra é um precursor dos eventos LGBTs de Ourinhos, cujo modelo proposto era festas glamourosas que traziam "estrelas" do mundo LGBT para Ourinhos . Denota uma dificuldade em se conseguir um espaços para essas festas. Em geral, era necessário a mudança de lugar, porque havia reclamações da vizinhança e da sociedade em geral, o que nos mostra que apesar do sucesso dessas festas, ou seja, o reconhecimento, havia uma grande demanda para tais

eventos, mas a comunidade ourinhense ainda era muito conservadora para aceitar que esses se desenrolasse ao lado de suas casas, próximos de seus famílias

3.2 - Rodrigo Modesto e a sua era.

Rodrigo Modesto, segundo Barra “meu melhor promotor, tinha época que vendia 150 convites, perguntei você quer trabalhar pra mim e vamos fazer uma festa por mês, ele veio, só que ele era medroso, por isso ele passou a fazer baladinha e não festas como eu fazia”, então, para melhor compreensão desse processo. A contratação de Modesto por Barra abriu um novo formato na produção de eventos LGBT do município, uma vez que a partir desse momento Modesto começou a produzir seus eventos. Modesto enfatiza:

A primeira festa foi em 2003 e a última em 2017, então foi 14 anos. Na verdade, intenção no começo era mais reunir a galera, reunir os amigos, foi em Jacarezinho que eu comecei, daí depois eu entrei com parceria com o Barra, comecei pega gosto pela coisa, mas a intenção sempre foi mesmo reunir. Um fator importante é que eu não chamava de festa, chamava de reunião e a intenção mesmo era reunir os amigos, porque Ourinhos é pequeno, então era meio que sagrado, tem uma reunião por mês, os amigos, reunir, mas daí foi virando, virando e transformou no que era.⁹¹

Assim como Barra queria criar um espaço, Modesto queria fazer "reuniões", pois de algum modo esse espaço imaterial já tinha sido criado em Ourinhos não tendo opção de lugares LGBT que possam frequentar, a necessidade de criar um espaço ou a tentativa dele. Segundo Modesto:

Primeiramente não tinha opção, não tinha pra onde correr, então o pessoal não tinha escolha. Era isso ou era isso, a intenção era reunir os amigos. Eu acho que o pessoal, "fica a vontade", matar a saudade dos amigos, não era sempre, porque o pessoal da região toda se juntava, o propósito maior não era nem festa, fica louco, era mais junta a galera mesmo, os iguais⁹²

Não tendo muitas escolhas, Modesto começou a desenvolver festas cujo a intenção era a interação com entre as pessoas, não o glamour da noite como eram

⁹¹ Entrevista Rodrigo Modesto, concedida no dia 13/11/2018 via Skype.

⁹² Entrevista Rodrigo Modesto, concedida no dia 13/11/2018 via Skype.

as festas de Barra, criando um novo modelo a qual as festas caminhavam, dialogando cultura de massa e cultura popular, um novo modelo de evento estava sendo desenvolvido, com isso, novas perspectivas foram elaboradas e novos fluidos desenvolvido. Barra diz que sofreu com repressão policial e da população, mas com Modesto foi um pouco diferente, pois dialoga cultura de massa e popular. Segundo Modesto:

as festas que a gente fazia era em chácara, numa chácara que era na entrada do Itamaraty e que às vezes apareciam um "bando" e acabava apavorando a galera, as vezes eles conseguiram entrar, as vezes eles não. Chegava a ameaçar o pessoal!⁹³

As primeiras festas LGBT de Ourinhos foram produzidas em chácaras, ao redor de Ourinhos, com isso a população que morava perto destas chácaras queriam participar do evento mesmo não participando da comunidade LGBT, participando do evento, a qual não tinha conhecimento, isso traz mais uma reflexão de que os espaços LGBT em Ourinhos, são rigidamente radicalizado, apenas LGBT e muito pouco simpatizante. Se na sigla GLS, muito usada pelos produtores de eventos, apenas o G e L participassem dos eventos e o S não, uma perspectiva radicalizada, atribuída muito mais a sigla LGBT, avaliando esta perspectiva de que "Não é só Ourinhos. Brasil inteiro é conservador"⁹⁴, Modesto afirma que "não é prioridade para "eles", uma minoria, ainda mais depois de tudo que a gente passou", afirmando "a gente viu lugar que fica na sociedade". Mesmo tendo bastante parcerias, Modesto afirma que teve algumas dificuldades. "Eu tive bastante parceria, nesses quatorze anos. Sozinho mesmo nos três últimos anos." Perguntando qual foi o parceiro de maior tempo, ele respondeu "Foi com o Barra."⁹⁵

⁹³ Entrevista Rodrigo Modesto, concedida no dia 13/11/2018 via Skype.

⁹⁴ Entrevista Rodrigo Modesto, concedida no dia 13/11/2018 via Skype.

⁹⁵ Trechos da entrevista com Rodrigo Modesto, concedida no dia 13/11/2018 via Skype.

Modesto afirma que não prioridade da classe política, ele usa “eles” referindo-se a administração pública perante a população LGBT, tendo o entendimento que “a gente sabe onde fica na sociedade.” Surge então, entre parceiros que ajudaram na elaboração do evento, Elaine que será a terceira e última produtora de evento deste estudo.

"A Elaine me ajudava na venda de convite e na divulgação. Pra arrastar a galera para a festa, essa era a parceria que eu tinha com ela, ela me ajudava na decoração, mas na parte teórica da festa, não."⁹⁶

Elaine ou Nany, como é conhecida, seguia os moldes do Modesto, desenvolveu suas habilidades como organizadora de eventos a partir de relações profissionais com Modesto, pontos as quais ela desenvolve em suas festas. Porém, antes de enfatizar em Elaine, Modesto evidenciou algo de grande importância para a o desenvolvimento das festas LGBTs em Ourinhos.

"Quando a festa passou a ser no Pica-pau⁹⁷, a localização ajudou muito, porque antes quando começou com o Barra, fazia em chácara, era muito escondido, o pessoal até preferia festa em chácara porque era mais reservado, depois ficou fazendo bastante tempo na Mansão do Queijeiro, também é um lugar reservado, pra não dizer escondido e depois quando passou no pica-pau teve mais visibilidade, porque é em uma avenida movimentada da cidade, eu acho que foi um ponto positivo!"⁹⁸

Saindo das periferias e atingindo o centro, as festas LGBTs ganham uma nova modelação, concretizando as “baladinhas” que Barra comentou, mesmo tendo problemas com o dono da casa noturna.

Pica-pau, foi o lugar que mais fez festa, era o interesse financeiro, porque se fosse por interesse social alguma coisa desse tipo podia esquecer, ele é preconceituoso, muito preconceituoso, machista!, a parte financeira, só interessava para ele.⁹⁹

⁹⁶ Entrevista Rodrigo Modesto, concedida no dia 13/11/2018 via Skype.

⁹⁷ Rua dos Expedicionários 1145, Centro.

⁹⁸ Entrevista Rodrigo Modesto, concedida no dia 13/11/2018 via Skype.

⁹⁹ Entrevista Rodrigo Modesto, concedida no dia 13/11/2018 via Skype.

Mesmo com essa dicotomia, Modesto continuou produzindo eventos no Pica-pau, local onde já foi local LGBT no passado, mas naquele momento era locado mensalmente em uma parceria Modesto e Pica-pau, pois, em muitos lugares por mais baratos que eram, não tinha uma infraestrutura ou apenas não queria associar ao nome a uma festa LGBT. Sobre o tema Segundo Trevissan:

A fragilidade desta "aceitação" fica evidente se lembrarmos que o consumismo das sociedades industriais é autofágico: assim como no quadro político-econômico baseia-se no oportunismo do lucro, o consumo funciona como uma faca de dois gumes. Neste sentido, não é contradição mas corolário lógico que uma bancada rica.¹⁰⁰

Segundo esta lógica, Modesto relata por quanto tempo produziu festa neste local e como era a relação com Ourinhos e região.

Foi uma por mês, às vezes acontecia duas, mas em dezembro, fazia duas no mês. Uns três anos que eu fiz lá, doze por ano. No começo, eu não tinha noção do que eu estava fazendo, depois com o passar do tempo eu acabei vendo o papel social que estava desempenhando, eu acho que foi muito importante não só pra Ourinhos mas a região toda, ela não tem nada pra galera fazer, então foi mais esse papel social. Para reunir a galera, principalmente, porque meu propósito maior era unir a galera.¹⁰¹

Só que existia lugares onde não gostavam da idéia de fazer eventos LGBTs, criavam várias burocracias para as pessoas não fazerem eventos, muitas vezes acertavam o contrato, mas depois quando descobriram que era festas LGBT cancelavam a parceria.

fala que tipo de festa que era e não queria alugar, aconteceu muitas vezes, inclusive na penúltima festa que eu fiz em Ourinhos, a proprietária do lugar tinha colocado como regra não alugava pra "have" e nem pra "festa GLS" e mesmo assim, falei que era uma festa do meus amigos, fiz a festa, sabia que ia fazer e não poderia fazer mais. Na Associação dos Frentistas¹⁰², a mulher que era responsável ficou sabendo depois que foi uma festa gay, mandou avisar que não alugaria mais.¹⁰³

¹⁰⁰ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Ed. Revisada e ampliada 5ª ed. , Rio de Janeiro: Record, 2002. 20p.

¹⁰¹ Entrevista Rodrigo Modesto, concedida no dia 13/11/2018 via Skype.

¹⁰²Av. Jacinto Ferreira de Sá, 67 - Vila Christoni. Ourinhos

¹⁰³ Entrevista Rodrigo Modesto, concedida no dia 13/11/2018 via Skype.

Modesto já presenciou políticos querendo fazer campanhas em seus eventos, usar dos eventos para conseguir votos, ressalta

já veio político querendo fazer politicagem, querendo falar com o pessoal, entrar na festa, eu não quis misturar as coisas, inclusive tinha um, chegou a fazer algumas festas em Ourinhos, ele saiu candidato a vereador, e ele chegou a querer fazer campanha e tudo, eu conheço ele a muito tempo e ele nunca se aproximou da galera, não sei porque, conservadorismo também, tem a religião dele, daí na hora que ele precisou de voto, ele queria se envolver com a galera, e eu não achei saudável a mistura."¹⁰⁴

Devido ao fato da urbanização de Ourinhos ser aos moldes de cidades pequenas, as lógicas políticas, econômicas e mentalidades são de cidades pequenas. Muitas características são relevadas ao decorrer deste capítulo. Um fator importante que foi analisado nas entrevistas, tanto Modesto enquanto Elaine tinham dificuldades em fazer convites VIP, pois mostrava, a partir de uma atitude do evento, o comportamento da sociedade brasileira, materializado em forma de evento, segundo Modesto o pedido de VIP foi feito pelas próprias pessoas, que no começo era mais tempo de open-bar mas ao decorrer do tempo, pessoas que não bebiam, "compravam o VIP só pra ficar lá em cima dando close, as bonitas... Sempre tem."¹⁰⁵

Para pensar a cultura guei, podemos dizer, num primeiro momento, que esses símbolos são muito concretos, enredam uma sociabilidade específica, lugares de encontro, bares, boates, clubes, reuniões ou festas, aliás, é típico dos bares gueis servir como lugar de encontro e sociabilidade, ou até mesmo o único espaço onde os gueis podem sentir-se sendo eles mesmos, tendo atitudes de afeto em público, ou seja, sentem-se fazendo parte de um grupo, mesmo que em um lugar fechado e restrito. Ali se constitui, paradoxalmente, um espaço onde se cria uma escala micro social de identificação e cultura gueis, mas que numa projeção macro podemos dizer que é um conceito de cultura e identidade restrito, inerte, porque pensamos, com o aporte de Stuart Hall¹⁰⁶, que o conceito de movimento é inseparável das identidades.¹⁰⁷

¹⁰⁴ Entrevista Rodrigo Modesto, concedida no dia 13/11/2018 via Skype.

¹⁰⁵ Entrevista Rodrigo Modesto, concedida no dia 13/11/2018 via Skype.

¹⁰⁶HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Editora Lamparina. 2014

¹⁰⁷ THÜRLER, Djalma. **A desguetificação da cultura guei**. 2011. *Encontro Funarte políticas para as artes. Professor Adjunto II da Universidade Federal da Bahia (UFBA)*.

Diferente de Barra onde não existia o advento da internet, Modesto usou o advento da internet para divulgar seus evento, com uma metodologia desenvolvida ele conseguia o contato das pessoas e junto fazia o convite.

No começo a gente usava muito o Bate papo UOL, "não tinha muita ferramenta na época, 2003, 2002 no começo de 2000, entrava ali, várias salas, várias abas e da região, cidade pequena não tinha a sala e pegava as salas da região e entrava, "control c + v", aí a pessoa vinha falar comigo, pegava o MSN e adicionava e pronto, minha intenção era pegar o MSN da pessoa, consegui pegar o MSN, aí mandava sempre a propaganda pra ela, email a gente usava bastante, mandava bastante e na época a gente usava muita panfletagem, usava bastante Orkut. A gente colava, fazia cartazes, coloca nos pontos mais visíveis, rodoviária, no centro e sempre tinha uma pessoa que ajudava na cidade, dava panfleto pra pessoa. A gente não distribuía para qualquer pessoa, a gente tinha que saber quem entregar.¹⁰⁸

De algum modo, ter medo de como essa relação com a população local é um dos principais da LGBTfobia, já que tem fobia de qualquer manifestação LGBT. Modesto não divulgava para todas as pessoas o evento, continuando uma lógica as quais foi desenvolvida no tempos que produzia festas e posteriori com outros produtores devido ao fluxo população entre Ourinhos e as cidades ao redor.

a gente nem sempre entregava, ia na cidade, fazia um contrato com uma pessoa, com a ajuda a gente, fazia a panfletagem, às vezes deixa com ela e ela mesmo fazia. Jacarezinho, Santo Antônio da Platina, uma grande parcela vinha do Paraná. 40% Paraná, 60% São Paulo.¹⁰⁹

Tendo o dado de que 40% das pessoas que comparecia ao evento eram do Paraná e 60% de São Paulo, evidencia que para a cultura LGBT, á uma influência muito Paranaense para população LGBT. "pessoal de Londrina, até São Paulo que vinha, gostava, eles achavam as festas mais aconchegante. Todo mundo conservando, fazendo amizade, todo mundo conhecia, cidade pequena é diferente, de você ir numa balada em São Paulo.¹¹⁰

Diferente de Barra, onde sua influência era das grandes casas de São Paulo, modesto teve referências culturais de cidades de médias: Londrina e Bauru, cidades

¹⁰⁸ Entrevista Rodrigo Modesto, concedida no dia 13/11/2018 via Skype.

¹⁰⁹ Entrevista Rodrigo Modesto, concedida no dia 13/11/2018 via Skype.

¹¹⁰ Entrevista Rodrigo Modesto, concedida no dia 13/11/2018 via Skype.

importantes do interior Paranaense e Paulista, que modelaram uma nova imagem de casa noturna, diferente das casas noturna da grande São Paulo. Em uma parte da entrevista, descreve como foi a dificuldade e a falta de incentivo para a criação de um espaço, que dialoga com uma das principais questões sobre esse estudo, a falta de espaços LGBT em Ourinhos.

Incentivo nenhum, tentei muito abrir alguma coisa mais nunca deu certo. A última vez que eu tentei alugar um espaço, o cara na hora que eu falei pra que era, "via na cara" é mais ou menos isso, se for abrir alguma coisa você não pode falar o que que é, se fala o que que é, parece que nada dá certo. Depende do que você construiu! Eu construí um público, já aconteceu de ter festa no mesmo dia de outra pessoa fazer e não me atingir em nada, "mesmo público assim" era uma pessoa não tinha costume de fazer festa e resolveu fazer, se tivesse diálogo "vou fazer uma festa tal dia", mas não teve diálogo, não é companheirismo que fala, mas tem que ter diálogo. Barra fazia festa, competia um com o outro, eu acho tão ridículo, marcava festa no dia de propósito, a pessoa marcava e fazia a mesma no mesmo dia, o público já não é grande e eles ainda dividem o público. Na verdade, criou-se uma rivalidade, e quando fazia isso, eram duas pessoas. Queria fazer festa pra ver quem fazia a melhor festa, porque naquela época eles traziam atração, "não sei quem trouxe tal drag", "não sei quem tal gogoboy". Ficava essa coisa de o melhor do melhor e o Barra gostava desses negócio, de trazer atração, na verdade chamava público. Hoje em dia eu acho que não chama público.¹¹¹

Modesto relata que teve dificuldade de abrir um espaço LGBT em Ourinhos e de que o contexto que ele fazia festas é totalmente diferente do contexto de Barra. Segundo Modesto "nunca trouxe gogoboy. Drag eu já trouxe, o pessoal gosta mais, mas gogoboy que ficar tirando a roupa eu nunca trouxe, não vou numa balada pra ver o cara tirar a roupa." Importante ressaltar, que com a mudança de produtores de eventos desenvolvem novas culturas que ao longo do tempo foram naturalizadas, aperfeiçoadas para o melhor desenvolvimento das técnicas e cultura. Modesto produziu muitos eventos em Ourinhos, quatorze anos, mas foi a entrevista monossilábica, com que, as entrelinhas consegui desenvolver pontos importante, pois consegui assim entender o contexto e como eram desenvolvidos as relações que são criadas para o término desta parte, deste capítulo, separei dois trechos das entrevistas de Modesto que pode ajudar a desenvolver processos de construção de eventos e identidade LGBT de Ourinhos.

¹¹¹ Entrevista Rodrigo Modesto, concedida no dia 13/11/2018 via Skype.

É um mundinho fechado, pessoal criticava muito, gay é mais existente que hétero, não se importam de pagar 60 reais num convite para entrar na festa, não importa de pagar, ele quer chegar lá e compensa os 60 reais que ele pagou e se não compensar, aí eu to ferrado. A primeira festa que eu fiz lá eu aluguei, fiz a festa e na segunda o dono quis fazer parceria mas não deu certo, ele queria fazer uma parceria e continuar usando o Acasala para fazer festas, mas a primeira festa que a gente fez não deu muito certo. Uma cara hetero machista no meio de viado não dá certo. É igual o Pica-pau, hetero, machista, não gosta de viado, mas tava lá no meio. Dinheiro... ele mordida 50% ganhava dinheiro fácil, vinha muito fácil na mão dele, ele não fazia nada, só alugava o espaço.¹¹²



Imagem 5: Cartaz da festa Happy Birthday Modesto

Fonte: <https://www.facebook.com/ModestoDivulga/photos/a.382756925123527/385720828160470/?type=3&theater>. Acesso às 28/03/2019 às 16:30 I

¹¹² Entrevista Rodrigo Modesto, concedida no dia 13/11/2018 via Skype.



Imagem 6: Cartaz da festa Children's Day com Bia Sync.

Fonte: <https://www.facebook.com/ModestoDivulga/photos/a.382401195159100/416339165098636/?type=3&theater>. Acesso às 28/03/2019 às 16:32



Imagem 7: Cartaz da festa Mean Girls.

Fonte: <https://www.facebook.com/ModestoDivulga/photos/a.382401195159100/907429989322882/?type=3&theater>. Acesso às 28/03/2019 às 16:32



Imagem 8: Cartaz da festa Mexican.

Fonte: <https://www.facebook.com/ModestoDivulga/photos/a.382401195159100/681848381881045/?type=3&theater>. Acesso às 28/03/2019 às 16:35



Imagem 9: Cartaz da festa Folia das Manas.

Fonte: <https://www.facebook.com/ModestoDivulga/photos/a.382756925123527/1370711729661370/?type=3&theater>. Acesso às 28/03/2019 às 16:40

3.3 - Elaine Santos e seu Lacre.

Eu vim do legado do Rodrigo, eu Elaine criei uma festa e as pessoas compraram, as pessoas que me seguem, acompanham, porque hoje eu tenho uma certeza absoluta que se eu fizer uma festa eu vou ter cem pessoas, tranquilo. Pra quem trabalha com festa é muito complicado, eu tenho 100, 150 pessoas que ali, eles até pedem desculpa quando não vão. “Meu desculpa, não deu pra ir” porque é uma comunidade pequena, esse legado não é só meu, lógico que eu fiquei conhecida por trabalhar com Rodrigo, a partir do momento que ele parou de fazer festa, as pessoas que conheciam através dele esperavam isso, eu sei que muito do que eu tenho hoje, e aquela visibilidade que ele tinha passou pra mim, não tanto quanto ele tinha, porque, pra mim, sucesso absoluto, muita gente na casa, ser muito conhecido na região é o Rodrigo, por mais que eu tenho muito respeito pela história do Barra, a primeira festa GLS que eu fui aqui em Ourinhos foi através do Barra, mas só que, como se por exemplo o Rodrigo pegou parte do legado do Barra, e daí eu peguei metade do legado do Rodrigo.¹¹³

Elaine Santos é a terceira produtora a ser entrevistada e a única mulher, nos faz traz a reflexão sobre pontos importante sobre o entendimento de Ourinhos e a população LGBT, pois é fruto desta materialização elaborada direta ou indiretamente por Barra e Modesto. Ao decorrer das entrevista com Barra e Modesto ficou visível a diferenciação do tratamento produção dos eventos. Porém ao analisar Elaine é diferente, pois, ela é participante desses eventos enquanto LGBT e ainda continua produzindo eventos. Então, é decorrente do presente, nesta parte do capítulo, iremos entender e debater como são as relações socioculturais em Ourinhos com comunidade LGBT através da chegada do processo de globalização, o fluxo internet, dialogando com a obra *Por uma outra globalização* de Milton Santos¹¹⁴ e entender como na atualidade foram materializações, ações e concepções globais e influenciados por Barra e Modesto no processo histórico local, que aqui é materializado em Elaine.

A Lacre está com um ano. Início da Lacre dia 14 de julho de 2017, eu sempre trabalhei com o Modesto, a gente fazia festas juntos, a gente conversava muito e ajudava ele a vender os convites. Quando ele foi embora, ele comentou comigo “oh, você deveria continuar com isso”. Passo um tempo, um amigo meu ligou, já fazia uns quatro meses que não tinha nenhuma festa, a Laura Trombelli chegou em mim e falou o “Pão do Pub” cedeu uma data pra mim, pra fazer uma festa, você não quer me ajudar?!” Ai falei “Vamos!”, a gente sentou e começou a conversa sobre como seria essa festa, expliquei que não gostaria que fosse uma festa nos moldes do modesto, porque na verdade, aquilo que eu senti, quando ele montava uma festa com um tema, era por o flyer. Exemplo: Katy Perry, imprimia vários rosto da Katy coloca na

¹¹³ Entrevista Elaine Santos, concedida no dia 02/11/2018 via ligação de celular.

¹¹⁴ SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal / Milton Santo. 20ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

decoração e isso, eu queria que as pessoas se envolvessem, quando o Rodrigo foi embora, a galera já esperava que eu fizesse, eu falei: "bom, estão acreditando em mim". Eu já queria trabalhar nessa área de publicidade, também envolve eventos, então foi uma grande sacada, ele indo embora, eu já trabalhava com ele nessa área e gostava e quando ele foi embora, montei uma coisa que eu queria, que na verdade, eu ficava tentando por na cabeça do Modesto.¹¹⁵

"Festas glamourosas e agora é Baladinha"¹¹⁶ este trecho retirado da entrevista com Barra, ressalta um ao entender um novo conceito. Elaine queria continuar com alguns elementos que Modesto criou assim como Modesto continuou com alguns elementos que Barra criou, agora é atrelado a novos tempos. Barra enfatizou que "não tinha internet naquela época"¹¹⁷, porém para Elaine é diferente. Perguntando como é a divulgação dos seus eventos, além de manter promotores em outras cidades, Segundo Elaine:

Eu faço por WhatsApp e Facebook, a maioria das coisas e cartazes, colo carta pela cidade. Porque o cartas eu uso no jornal geralmente é assim, na parte de divulgação, o negócio sede um espaço na página deles, eles fazem o sorteio e postam também no jornal deles, os Flyers do evento.¹¹⁸

O momento mais importante sobre divulgação foi quando Modesto usou as salas do Bate-papo do Uol para divulgar seus eventos¹¹⁹, isso conversa com uma das principais culturas brasileiras sobre relação LGBT: As sala de bate papo uol. Antes da ascensão das rede sociais: Orkut, Msn, Facebook e posteriormente aplicativos de encontros como Grindr, Hornet, Scruff ou até o Tinder. Elaine desenvolveu uma proposta diferente de evento, consolidado e contexto políticos pós-lulismos e a partir das redes sociais e com uma festa cujo o nome é presente dentro da comunidade LGBT: Lacre, do verbo Lacrar e ressignificado no Pajubá "Quando você faz algo muito bem", Arrasa. Desenvolvendo uma sensação de pertencimento muito maior a comunidade. A Lacre funciona nos mesmo moldes dos eventos do Modesto, podendo diferenciar na concepção do evento mas continua aos mesmos moldes dos eventos anteriores com os mesmo problemas estruturais, a

¹¹⁵ Entrevista Elaine Santos, concedida no dia 02/11/2018 via ligação de celular.

¹¹⁶ Trecho entrevista Carlos Barra dia 25/10/2018 em seu ateliê localizado em Ourinhos.

¹¹⁷ Trecho entrevista Carlos Barra dia 25/10/2018 em seu ateliê localizado em Ourinhos.

¹¹⁸ Entrevista Elaine Santos, concedida no dia 02/11/2018 via ligação de celular.

¹¹⁹ Trecho da entrevista Rodrigo Modesto, concedida no dia 13/11/2018 via Skype.

relação ríspida com proprietários das casas noturnas, festas mensais, divulgação em cidades ao redor com as mesmas características e uma nova características marcante, a participação de agentes públicos no aparelhamento sobre a cultura LGBT, é presente em todas as entrevistas. Os eventos continuam com mesmas concepções, diferentes, mas continuam com mesma a essência, desde os tempos de eventos em chácaras de Barra e Modesto até hoje, uma reunião, evidenciada por todos os produtores entrevistados. As relações dos produtores não diferenciou muito com os donos de casas noturna, bares, lugares comerciais, muito menos com agentes públicos que Segundo Santos (2011):

No caso do mundo atual, temos a consciência de viver um novo período, mas o novo que mais facilmente apreendemos é a utilização de formidáveis recursos da técnica e da ciência pelas novas formas do grande capital, apoiado por formas institucionais igualmente novas. Não se pode dizer que a globalização seja semelhante às ondas anteriores, nem mesmo uma continuação do que havia antes, exatamente porque as condições de sua realização mudaram radicalmente. É somente agora que a humanidade está podendo contar com essa nova qualidade da técnica, providenciada pelo que se está chamando de técnica informacional. Chegamos a um outro século e o homem, por meio dos avanços da ciência, produz um sistema de técnicas presidido pelas técnicas da informação. Estas passam a exercer um papel de elo entre as demais, unindo-as e assegurando a presença planetária desse novo sistema técnico.¹²⁰

Quando se coloca um novo sistema técnico, colocamos aqui a internet, em específicos os sistemas de streaming¹²¹, configura-se um sistema de relações as quais estão presentes novos meios as quais as referências foram colocadas a partir da reprodução cultural sobre o tema, a cultura Drag teve uma nova visualização universal com Rupaul's Drag Race¹²², então Elaine relata como foi a criação do evento, dialogando diretamente com Milton Santos, "por meio dos avanços da ciência, produz um sistema de técnicas presidido pelas técnicas da informação" uma vez que o processo de globalização parte de uma padronização universal, um

¹²⁰ SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal / Milton Santo. 20ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011. 141p.

¹²¹ A transmissão contínua, também conhecida por fluxo de mídia ou fluxo de mídia é uma forma de distribuição digital, em oposição à descarga de dados.

¹²² Reality-show Estadunidense, onde Drag-Queens competem.

sistema que vizibiliza o processo a qual a população LGBT está inserido a partir da globalização, em específico o Brasil, que é um país periférico.

Quando eu montei a Lacre, montei ela dentro de um Call Center sentada conversando, “cara, quero fazer isso, eu fui pra uma festa em São Paulo, chama Recalque.” Essa festa não existe mais, se torno a VHS hoje, a Recalque era feita, Daine Rafaeli, divulgo a recalque e aí eu fui na festa, e ele contrataram a Manila Luzzon, que é uma drag do Rupaul. Uma das coisas, que eu pretendo fazer é trazer esse tipo de cultura, mais a cultura DRAG, bate cabelo e performance, que é isso que eu busco pra mim, que é o que eu gosto, não gosto de muita DRAG no evento, porque aí a galera não presta atenção, eu gosto de ter uma personalidade DRAG. Mas não preciso do show exatamente, as pessoas não prestam atenção no show da DRAG, se não for um som, eles não vão parar ficar assistindo, mas se for de duas eles já não ligam, então quando eu vi a Recalque, cara é isso que eu quero. Eu trouxe pra Ourinhos, é do meu jeito, tem coisa que eu trouxe do James, James é Curitiba! Priscila, A VHS e o papel pop. A Priscila é a Recalque.¹²³

A divisão internacional do trabalho modulou as ações e concepções de grandes centros para regiões periféricas, sua produção de nível técnico, cultural etc. isto é materializando as culturas padronizações. O Show de Transformismo do Silvio Santos¹²⁴ foi uma das grandes influências de Barra para a composição dos eventos de cultura LGBT em Ourinhos assim como para Elaine, Rupaul's Drag Race reality show estadunidense de Drag Queens, ambos os programas exalam a cultura LGBT, em diferentes escalas e em diferentes países, mas apresentam uma mesma cultura. Acontece que, hoje além da televisão, a internet globalizou as concepções e criou padrões mundiais de cultura LGBT, uma nova interpretação sobre o tema, que trouxe interpretações, mecanismos e ferramentas para o desenvolvimento desta cultura periférica, que agora, de algum modo chega aos centros de pequenas e médias cidades e já são latentes nos centros das grandes cidades. Um movimento periférico e cultural que hoje é vendido a partir do Pink Money ganhando um novo estágio de relações sociais capitalistas desenvolvendo dentro da comunidade LGBT, uma nova relação de classe. Segundo Santos:

Todavia, para entender o processo que conduziu à globalização atual, é necessário levar em conta dois elementos fundamentais: o estado das técnicas e o estado da política. Há, frequentemente, tendência a separar uma coisa da outra. Daí nascem as muitas interpretações da história a partir das técnicas ou da política, exclusivamente. Na verdade, nunca houve, na história humana,

¹²³ Entrevista Elaine Santos, concedida no dia 02/11/2018 via ligação de celular.

¹²⁴ Entrevista Carlos Barra dia 25/10/2018 em seu ateliê localizado em Ourinhos.

separação entre as duas coisas. A história fornece o quadro material e a política molda as condições que permitem a ação. Na prática social, sistemas técnicos e sistemas de ação se confundem e é por meio das combinações então possíveis e da escolha dos momentos e lugares de seu uso que a história e a geografia se fazem e se refazem continuamente.¹²⁵

Dialogando Santos, Elaine em entrevista relata fatores importante que colocam o processo de "o estado das técnicas e o estado da política" e que "A história fornece o quadro material e a política molda as condições que permitem a ação." Isso é exemplificativa quando fecharam uma casa noturna em Ourinhos que expressava duas culturas periféricas, a festas LGBT e os bailes funk, ambas em diferentes proporções materializado dentro da cultura periférica Brasileira.

Fecharam o Galileu, não deu tempo de salvar. Os caras chegaram em mim e viu "vamo monta uma boate GLS" então, aquele espaço incrível, todo preparado. O Dono, o Darlan chegou em mim e falou "eles não quer continuar fazendo funk porque vai da ruim", conversei com o Alfredo, que fiz a primeira festa, quando eu fiz a primeira festa eles já tinham falado, vamo monta uma balada GLS? peguei parei e "vamo testa", pra ver como que vai dar, deu muito bom! Tinha 500 pessoas lá dentro, a polícia tava toda lá na frente, eu com bebida pra entrar e a galera lá dentro nem sentindo o que tava acontecendo lá fora, olhei e uma hora que eu subi no palco, lembro que o Diogo tava tocando olhei e falei "Migo, toca uma musica muito foda agora, que 10, 15 minutos essa festa vai acabar", porque a polícia está lá fora, falei isso e desci, a polícia foi embora. Foi o melhor lugar o Galileu... aí entra a parte conservadora de Ourinhos. Quando começou acontecer o baile funk lá no Galileu, eles começaram a bater em cima e foi fechado através disso de Vereador que foi indo, indo, e que multando ao pontos terem que fechar. Articulação política mesmo, que levou a ter fechado. Eu lembro que nessa época eu fui conversar não lembro o nome do vereador, eu queria fazer a parada gay em Ourinhos, conversei com o vereador e falou pra mim: "o Galileu está com os dias contatos. Uma semana depois ele fechou a casa. Tem lugar que não aceita fazer festa. No Jaracatiá não pode por nada, não importa o que você faça. Pra você ter ideia, eu cheguei e falei pro cara que queria fazer festa e aí minha amiga que era enteada dele estava articulando toda a conversa falou "Não porque lá é não sei o que" E até então, antes dele saber do que se tratava, ele queria 2k (dois mil reais) e o bar pra ele", fica com o bar e olha é um lugar grande, uma estrutura incrível, vai ser bom isso aí, quando ele descobriu, ele já queria 6 (seis mil reais). Ou seja, ele não falou não pra mim, aumento o preço ao ponto de ou você paga isso ou não, por exemplo essa história não é minha, mas o Kia que fazia festa fechou com o Republic que é do mesmo dono e quando o dono soube que era festa GLS, rompeu o contrato com o Kia, não deixou fazer a festa. Ourinhos não tem espaço físico que possa usar, se a gente consegue o espaço, quando o PUB era do Pão, eu consegui fazer uma festa, porque já tinha planejado depois quando mudou a Petúlia, dona, não permite fazer festa, já tinha montado outro role, tava pagando pra usa a casa e eles cancelaram em cima da hora, porque

¹²⁵ SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal / Milton Santo. 20ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011. 141p.

não condiz com a dona, não pode festa LGBT, eu tentei depois de tudo, tentei agora recentemente, não dá!¹²⁶

Uma das conseqüências da evolução é a nova significação da cultura popular, tornada capaz de rivalizar com a cultura de massas. Outra é a produção das condições necessárias à reemergência das próprias massas, apontando para o surgimento de um novo período histórico, a que chamamos de período demográfico ou popular. Perguntando sobre a concepção política de Ourinhos, Elaine resposta que é extremamente conservado e relata agressões que sofreu devido ao fato de ser lésbica.

Eu já passei por situação, eu não acho que sou uma pessoa extremamente masculina, uma mulher pediu pra eu me retirar do McDonalds, porque estava conversando com uma menina, estava só conversando, ela mandou me retirar e o cara que era gerente é gay, fico naquela situação "meu deus, o que eu vou fazer". Ai falei que a mulher saísse, eu acabei indo embora mas já fui humilhada dessa maneira, já aconteceu no Pão de Açúcar de eu sair e aí a mulher fica me olhando, ela falou pro marido "Eles vão pra todos os lugares agora?" Como se eu não pudesse estar dentro do supermercado. Paço por preconceito, mas 90% é muito escondido, são pessoas que vão te tratar bem. Mas é "A aquele cara ali é muito legal mas ele é gay.", "Você é legal mas é gay" e é a partir do momento gay é defeito. Ele é gente boa, ele trabalha, ele faz tudo, mas 75% das pessoas que eu conheço são assim.¹²⁷

Como o Brasil é um país altamente de uma cultura heterossexual que dialoga com cultura de massa e cultura popular, uma cultura de massa está ligada diretamente ao mercado e a simbologia que a cultura vem de baixo representa, uma verdade de como é o movimento da uma sociedade. Segundo Santos (2011)

No fundo, a questão da escassez aparece outra vez como central. Os "de baixo" não dispõem de meios (materiais e outros) para participar plenamente da cultura moderna de massas. Mas sua cultura, por ser baseada no território, no trabalho e no cotidiano, ganha a força necessária para deformar, ali mesmo o impacto da cultura de massas. Gente junta cria cultura e, paralelamente, cria uma economia territorializada, uma cultura territorializada, um discurso territorializado, uma política territorializada. Essa cultura da vizinhança valoriza, ao mesmo tempo, a experiência da escassez e a experiência da convivência e da solidariedade. É desse modo que, gerada de dentro, essa cultura endógena impõe-se como um alimento da política dos pobres, que se dá independentemente e acima dos partidos e das organizações. Tal cultura realiza-se segundo níveis mais baixos de técnicas, de capital e de organização, daí suas formas típicas de criação. Isto seria, aparentemente, uma fraqueza, mas na realidade é uma força, já que se realiza, desse modo, uma integração orgânica com o território dos pobres e o seu conteúdo humano. Daí a expressividade dos seus símbolos,

¹²⁶ Entrevista Elaine Santos, concedida no dia 02/11/2018 via ligação de celular.

¹²⁷ Entrevista Elaine Santos, concedida no dia 02/11/2018 via ligação de celular.

manifestados na fala, na música e na riqueza das formas de intercurso e solidariedade entre as pessoas. E tudo isso evolui de modo inseparável, o que assegura a permanência do movimento. A cultura de massas produz certamente símbolos. Mas estes, direta ou indiretamente ao serviço do poder ou do mercado, são, a cada vez, fixos. Frente ao movimento social e no objetivo de não parecerem envelhecidos, são substituídos, mas por uma outra simbologia também fixa: o que vem de cima está sempre morrendo e pode, por antecipação, já ser visto como cadáver desde o seu nascimento. É essa a simbologia ideológica da cultura de massas. Já os símbolos "de baixo", produtos da cultura popular, são portadores da verdade da existência e reveladores do próprio movimento da sociedade.¹²⁸

Como relações sociais criadas a partir de uma cultura de massa e uma cultura popular, aqui fica evidente que a cultura LGBT é uma cultura de origem popular mas suas relações e composições são muitas vezes apropriadas pela classe média e classe média baixa, de "culturas" que segregam dentro de territórios, espaços e lugares, uma das maiores manifestações dentro de eventos LGBTs em Ourinhos são os convites VIP dentro de uma balada LGBT em Ourinhos, que de algum modo a demonstração da relação de classe que existe dentro da comunidade LGBT.

A comunidade também é preconceituosa, uma das coisas que eu sofri, eu não faço área VIP, gostam que separem área VIP. Tem o VIP e tem quem tá lá em baixo. Aquela coisa do tipo, "eu sou VIP, eu paguei mais caro pra esta aqui", eu sinto que muito disso vem do complexo de inferioridade, que está embutido na maioria de nós, acho que é isso. Eu falo "mano, seis vão beber a mesma coisa" Quando eu fiz, o cara ia beber duas, três, horas, mas é tudo igual, eles não gostam. Por conta disso, tem uns dez que fica reclamando, mas pra mim não compensa. Não vou mudar o sentido da festa, porque VIP não vale muito a pena, perder dinheiro.¹²⁹

"Não vou mudar o sentido da festa, porque VIP não vale muito a pena. Perder dinheiro."¹³⁰ Ao relatar essa frase em entrevista, trata-se muito mais de entender como é a relação de classe dentro do movimento LGBT, mas de que a uma lógica colaborativa onde todos pagam o mesmo valor. Barra e Modesto relataram coisas parecidas. Em um trecho da entrevista, Barra "Quiseram separar as poc das finais" referindo-se a casas noturnas de São Paulo onde a segregação social foi o principal limitador da formação urbana, saindo do centro e para regiões não periféricas de

¹²⁸ SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal** / Milton Santo. 20ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011. 144p.

¹²⁹ Entrevista Elaine Santos, concedida no dia 02/11/2018 via ligação de celular.

¹³⁰ Trecho da entrevista Elaine Santos, concedida no dia 02/11/2018 via ligação de celular.

São Paulo. Quando coloca-se Para melhor compreender esse assunto segundo Santos:

Com a globalização, o uso das técnicas disponíveis permite a instalação de um dinheiro fluido, relativamente invisível, praticamente abstrato. Como equivalente geral, o dinheiro se torna um equivalente realmente universal, ao mesmo tempo em que ganha uma existência praticamente autônoma em relação ao resto da economia. Assim autonomizado, pode-se até dizer que esse dinheiro, em estado puro, é um equivalente geral dele próprio. Talvez por isso sua existência concreta e sua eficácia sejam resultado das normas com as quais se impõe aos outros dinheiros e a todos os países, permitindo-se, desse modo, a elaboração de um discurso, sem o qual sua eficácia seria infinitamente menor e a sua força menos evidente. É, aliás, a partir deste caráter ideológico, equivalente a uma verdadeira falsificação do critério, que o dinheiro global é também despótico.¹³¹

Dialogando diretamente com Santos, personagens importantes da cultura drag, colocando como referencial para uma nova abordagem para uma análise, mais importante sobre o conhecimento acerca do tema, além do mais, a reflexão de Elaine traz como é o comportamento da sociedade LGBT Ouriense.

A "bichinha" mais novinha que está chegando agora que é educada pelo Pablo Vittar ela mais cordial, mais gentil. A bicha novinha, são mais unidas, são pessoas melhores. O grande defeito de quem ali tem seus vinte cinco adiante é que não se enxerga, tem viado que acha que é rico, cabeleireiro, acha que é rica, tem um salãozinho, chavequinho de hétero, eu não gosto de gente assim, estou conversando com você, percebe que chegou alguma amiga minha travesti, vem cumprimentar e fica incomodado. Vamo fica todo mundo junto, existe essa discriminação, a pessoa não poder ver, se a pessoa se sentir um pouquinho, um pouquinho mais dinheiro não pode chegar alguém que é um pouquinho mais pobre que já não quer conversar, não está no nível. O problema da bixa do interior é que ela acha que ela está num nível acima dos outros, acho que ela precisa estudar, vai morrer, vai pro mesmo lugar, tem gente que é chata, a gente não pode achar que o fato de você acolher as pessoas quer dizer que você vai suportar e aguentar como se fosse tudo legal, eu acho que não, mais hombridade, sabe você ter respeito. É o que eu gostaria, tendo construir, mostrar pra eles às vezes lá dentro da Lacre eu falo "gente isso aqui é uma festa", age como se fosse uma mensalidade, pagando 35 conto, mas está faltando banheiro na balada. É nesse nível, eu gosto disso, porque isso mostra, como se fosse realmente uma reunião, reunir os amigos mais próximos, se tem gente que você conhece, tem gente que não, mas aí, as pessoas que consideram uma reunião, vou reunir, os amigos mais próximos, tem gente que conhece, tem gente que não. Mas, essa pessoas que consideram uma reunião, esta naquele numero 150 pessoas que vão de qualquer modo, não importa o que aconteça, o que acontece hoje: a Lacre atingiu um patamar de receber hétero, uma vez eu conversei com a Ana e ela falou "Ninguém me pega e fala comigo, de uma maneira que eu não me sinto desconfortável". A sociedade Ourinhense não descobriu isso, essa coisa do vai na balada GLS que lá não tem uns cara babaca,

¹³¹ SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal / Milton Santo. 20ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011. 100p.

que fica pegando em você e tentando te beijar e tipo de coisa. Acho que por esse fato, o pensamento enquanto as pessoas se olharem e acharem porque ela tem um amigo ou porque elas frequentam uma boate GLS. Se ser assim é ruim, não vai mudar, porque sempre vai ter aquela pessoa que vai olhar pra você, vai gostar de você, é o cara que diz que é seu amigo mas votou no Bolsonaro, pra mim não faz sentido. O primeiro de tudo muda o pensamento e segundo olha pra isso também como algo rentável, que vai dá dinheiro, o cara do Galileo acredito, se tivesse dado certo, teria ido longe, já tava tudo pronto mas o que que falta, alguém olha e isso aqui dá certo, isso aqui não vai ser ruim pra minha casa. Porque o que que eles falam, que vai queimar a casas, pra você ter uma ideia, eles não deixam, "vai queimar" olha o nível, o fato de você, voltado pro público LGBT vai queimar que as pessoas não queiram ir e não duvido muitas vezes o cara ele é até a favor, até tem aquilo, mas ele não está disposto a lutar por uma causa que não é dele, então dele deixa quieto.¹³²

As relações sociais capitalistas a partir das classes foram criadas a partir de um olhar do homem-rico-branco-europeu-heterossexual sobre a sociedade e todas as suas manifestações, diversidades e contextos, muito bem explicitadas no processo de colonização, foram interpretadas e recolocadas conforme a necessidade do sistema capitalista necessitava para sua produção e perpetuação.

Aqui, novamente, há um paradoxo considerável, no qual fenômenos semelhantes podem ser vistos como culturalmente específicos ou universais. Na medida em que há uma confusão entre sexualidade e gênero na visão "tradicional" de que o homossexual "real" é o homem que se comporta como uma mulher (ou, mais raramente, vice-versa), isso é consistente com a compreensão dominante da homossexualidade no ocidente durante cem ou mais anos antes do nascimento do movimento gay contemporâneo. Neste sentido, a "globalização" dos termos identitários como "gay", "lésbica", "transexual" e outros, é produto deste processo realizado pela classe econômica dominante culturalmente ocidentalizada, mas, ao mesmo tempo, reflete a identificação cultural de indivíduos que não enxergam as identidades "tradicionais" de suas culturas como reflexos do seu eu. Assim, segundo Lovell organizações e instituições internacionais adotaram as expressões "orientação sexual" e "identidade de gênero" na tentativa argumentativa de representar a concepção em termo mais inclusivo e culturalmente neutro.¹³³

Partimos do ponto sobre a orientação sexual e identidade de gênero, que aqui neste trabalho é importante para saber a diferenciadas entre LGB e T cujo as relações sociais foram criadas e interpretadas, como foram as manifestações

¹³² Entrevista Elaine Santos, concedida no dia 02/11/2018 via ligação de celular.

¹³³ RODRIGUES, Vinícius Cainã Silva. ÁVILA, Flávia de. **De homossexual ao queer**: O movimento LGBT e a construção de identidades "globais". ConQueer. Conferência Internacional de Estudos Queer. 11, 12 e 13 de Abril de 2018

criadas e a partir de conclusões primárias, rasas as quais foram envolvidas. Assim, muito do materialismo histórico que hoje vem de interpretações extremamente tradicionais e conservadoras que tiraram o lugar de fala de certa parte da população e tendo uma materialização de uma sociedade extremamente hierárquica, a partir de uma visão totalmente do homem-rico, branco-europeu-heterossexual. Segundo Rodrigues e Ávila:

A sociabilidade urbana pode escapar ao seus intérpretes, nas faculdades; ou aos seus vigias, nas delegacias de polícia. Mas não aos atores ativos do drama, sobretudo quando, para prosseguir vivendo, são obrigados a lutar todos os dias. Haverá quem descreva o quadro material dessa batalha como se fosse um teatro, quando, por exemplo, se fala em estratégia de sobrevivência, mas na realidade esse palco, junto com seus atores, constitui a própria vida concreta da maioria das populações. A cidade, pronta a enfrentar seu tempo a partir do seu espaço, cria e recria uma cultura com a cara do seu tempo e do seu espaço e de acordo ou em oposição aos “donos do tempo”, que são também os donos do espaço. É dessa forma que, na convivência com a necessidade e com o outro, se elabora uma política, a política dos de baixo, constituída a partir das suas visões do mundo e dos lugares. Trata-se de uma política de novo tipo, que nada tem a ver com a política institucional. Esta última se funda na ideologia do crescimento, da globalização etc. e é conduzida pelo cálculo dos partidos e das empresas. A política dos pobres é baseada no cotidiano vivido por todos, pobres e não pobres, e é alimentada pela simples necessidade de continuar existindo. Nos lugares, uma e outra se encontram e confundem, daí a presença simultânea de comportamentos contraditórios, alimentados pela ideologia do consumo. Este, ao serviço das forças socioeconômicas hegemônicas, também se entranha na vida os pobres, suscitando neles expectativas e desejos que não podem contentar. Num mundo tão complexo, pode escapar aos pobres o entendimento sistêmico do sistema do mundo.¹³⁴

Muitos dos serviços a qual o sistema capitalista se desenvolveu prevaleceu a um sistema radicalizado para os mais pobre, aqui neste trabalho ao debater festas LGBT em Ourinhos, entendemos que o sistema atravessa não apenas a classe, mas aprofunda-se nas orientações sexuais, identidade de gênero e raça. Os processos históricos de poder se atrelaram para patologizar e judicializar, além da segregação¹³⁵. Talvez a maior dificuldade de Ourinhos hoje seja isso, a radicalização

¹³⁴ SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Milton Santo. 20ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011. 132p.

¹³⁵ Green, James Naylor, 1951. *Além do Carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX* / James N. Green; tradução Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo. Editora Unesp. 2000 189p. Capítulo Controle e cura: reações médicos-legais.

de uma cultura de massa, onde as demandas tradicionais do mercado se apropriam e torna-se donas das narrativas as quais foram criadas, tradicionalmente arraigada nos valores de gênero e orientação sexual na enfatizar isso pois o debate de cura gay e criminalização da LGBTfobia entram nesse diálogo, uma vez que, a partir do momento que usa o sistema médico, jurídico, político e social para perpetuar a opressão de gênero como fizeram com as mulheres, sustenta uma estrutura totalmente hierárquica do capitalismo, fazendo com que novas interpretações sejam colocadas como narrativa e a ressignificação sejam tão presentes dentro movimento, pois, ele não foi modelador da sua própria história e sim peça para uma tentativa de sociedade frágil, tosca da heterossexualidade compulsória.

Importante analisar que a essa altura, a partir de uma mistura de lutas sociais, apropriações culturais atreladas ao interesse de mercado, a cultura LGBT foi-se apropriada e está dentro do sistema global. Óbvio que essas referências tende-se a concentrar em grandes centros econômicos e políticos como Estados Unidos e União Européia e na maioria das vezes suas interpretações em regiões periféricas do mundo como América Latina, Leste Europeu, Sudeste Asiático e o continente Africano, tem suas organicidades e entendimento sobre a cultura LGBT.

Do mais, quero enfatizar ao fim deste capítulo, que o processo histórico LGBT de Ourinhos é existe porém restrito, sempre caracterizado por uma subcultura vinculada a uma cultura marginalizada, onde desenvolve assim processos radicalizados, talvez isso faça com que o espaço LGBT ainda não é consolidada.

Sobre esse tema, em um trecho retirado da entrevista de Elaine:

Já teve muitos anos atrás tinha o bar do Pita onde é o Pica-pau, chamava The Club era boate gay. É muito complicado pra nós que somos LGBT a gente não presta atenção em quem é mais velho, na verdade a gente se desrespeita, se vê uma bixa mais velha na balada, se fica, "que essa bixa está fazendo aqui" são seres humanos, ele quer ir na balada, ela não pode conhecer a música ou não dançar, mas ela está gostando, quando você está num lugar que

é cheio de viado, você se sente muito mais aceito do que quando você está num lugar é hétero. Eu falo isso, desenvolvi um preconceito muito chato com heterossexual. Eu desenvolvi isso em mim, cheguei num ponto de falar para os meus amigos quando a gente for fazer alguma coisa social, pode convidar quem você quiser menos hétero. Eu falo isso por mim, acho isso um absurdo, mas na verdade não consigo ficar bem.¹³⁶



Imagem 10 - Cartaz festa Lacre: Halloween

Fonte: <https://www.facebook.com/festalacreopenbar/photos/a.1448200381881463/2087767557924739/?type=3&theater>

Acessado dia 29/03/2019 às 16:16.



Imagem 11 - Cartaz da festa Lacre:

Fonte: <https://www.facebook.com/festalacreopenbar/photos/a.1448200381881463/2183785984989562/?type=3&theater>

Acessado dia 29/03/2019 às 16:16

¹³⁶ Entrevista Elaine Santos, concedida no dia 02/11/2018 via ligação de celular.



Imagem 12 - Cartaz da festa Lacre: Noite Mexicana 2.0

Fonte: <https://www.facebook.com/festalacreopenbar/photos/a.1448200381881463/2339361512765341/?type=3&theater>. Acessado dia 29/11/2019 às 16:41



Imagem 13 - Cartaz da festa Lacre: Edição Buzina

Fonte: <https://www.facebook.com/festalacreopenbar/photos/a.1448200381881463/2355254727842686/?type=3&theater>. Acessado dia 30/11/2019 às 17:41



Imagem 14 - Cartaz da festa Lacre: Comemoração com MC Mirella.

Fonte: [https://www.facebook.com/festalacreopenbar/photos/a.](https://www.facebook.com/festalacreopenbar/photos/a.1448200381881463/2315448888489937/?type=3&theater)

[1448200381881463/2315448888489937/?type=3&theater](https://www.facebook.com/festalacreopenbar/photos/a.1448200381881463/2315448888489937/?type=3&theater). Acessado dia 30/11/2019 às 17:41

Capítulo 4 - A conclusão que saiu do armário.

Tu se achou o gostosão, né?
 Pensou que eu ia engolir?
 Ser bixa não é só dar o cu
 É também poder resistir
 Eu vou te confessar
 Que às vezes nem eu me aguento
 Pra ser tão viado assim
 Precisa ter muito, muito,
 muito, mas muito talento¹³⁷

João Silvério Trevisan em sua obra *Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*, logo no primeiro capítulo *Cinema Íris e os bastidores do Brasil* relata uma perspectiva muito importante para compreensão da LGBTfobia, consequentemente, isso mostra, como é a compreensão da sociedade brasileira perante a sociedade LGBT. Que aqui, neste trabalho, tem como contexto o município de Ourinhos, mas é presente em toda sociedade Brasileira. Segundo Trevisan:

Já dizia o poeta italiano Pier Paolo Pasolini¹³⁸ que o tabu da homossexualidade é um dos mais sólidos ferrolhos morais das sociedades pós-industriais, com base em novos e velhos argumentos. Além de ser inútil para a reprodução da espécie, a prática homossexual solaparia a família (em cujo seio se geram os novos consumidores) e seus padrões ideológicos (cuja ordem é consumir). Se talvez pareça impensável o extermínio maciço de homossexuais, como ocorreu no passado em nome de certa pureza de costumes, o que teríamos em lugar do triângulo rosa nazista¹³⁹ seria uma generalizada desqualificação moral, de modo que “o homossexual continua vivendo num universo concentracionário, sob o rígido controle da moral dominante”, nas palavras de Pasolini. E eu acrescentaria: sob controle também da mentalidade empresarial, em época de globalização do mercado.¹⁴⁰

¹³⁷ Quebrada, Linn da. Talento , "Pajubá". Independente. 2017. Disponível <https://www.youtube.com/watch?v=jZ19E9OJ6n8> 5 de out. de 2017.

¹³⁸ Cf. *Il Sogno Del Centauro*, de Pier Paolo Pasolini, Riuniti, Roma, 1983, p 160 (Publicado no Brasil como *As últimas palavras do herege*, Brasiliense, São Paulo, 1983)

¹³⁹ O triângulo rosa foi o sinal que os nazistas utilizaram para distinguir homossexuais de outros prisioneiros nos campos de concentração.

¹⁴⁰ TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Ed. Revisada e ampliada 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. 19p.

Este trabalho teve pretensão mostrar e reforçar o papel da relação de espaço, gênero e poder¹⁴¹ e como um dos elementos fundamentais para análise contemporânea da inclusão/exclusão social é a formação cultural. A partir de vivências urbanas da população LGBT e suas performatividades nos territórios do seu cotidiano une em formas diferentes do cosmopolitismo urbano¹⁴² que pretende pensar a cidade¹⁴³, sendo neste estudo a cultura e território LGBT no município de Ourinhos.

Quando pensamos a partir de Ourinhos, de um grupo social (movimento LGBT) e do conceito de espaço/espacialidades¹⁴⁴ surgem modos de uso e apropriações de espaços centrado nas características deste grupo, que nomeadamente sofreram com dificuldades de expansão pública e afeto, que origina um uso de suas especificidades de determinados espaços urbanos. A ocupação do espaço público urbano sempre foi considerado como um fator que delimita o desenvolvimento das sociedades contemporâneas, pós-industriais. A facilidade de encontro sempre foi pautada por uma acessibilidade maior no espaço público, as ruas, as praças e outros espaços múltiplos e públicos. A busca por lugares de encontro e maior interação social sempre foi uma característica da comunidade LGBT, que como alternativa buscava (e continua buscando) um refúgio em determinados pontos das grandes, médias e pequenas cidades, dos quais “se apropria”¹⁴⁵. Com isso, a cidade tornou-se um espaço de multidão e anonimato em

¹⁴¹ SILVA, Joseli Maria; SILVA, Augusto Cesar Pinheiro da. (Org) **Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2011. 263p.

¹⁴² BENNIE, Jon. *The globalization of sexuality*. London: Sage, 2004a. 189p

¹⁴³ BENNIE, Jon. *Quatering sexualities: gay villages and sexual citizenship*. In: BELL, David; JAYNE, M. (Ed.) *City of quarters*. Aldershot: Ashgate, 2004b

¹⁴⁴ MASSEY, Doreen. *For space*. London: Sage 2005. 222p.

¹⁴⁵ VIEIRA, Paulo Jorge. *Aeminiumqueer: cidade e homossexualidade - percepção e sociabilidades*. Coimbra: Instituto de Estudos Geográficos, Universidade de Coimbra, 2005. 208p.

grandes centros com relações sócio-sexuais potencializadas¹⁴⁶ e legitimadas¹⁴⁷ como a concentração de serviços de construção de sentimentos de pertença a uma “comunidade”, ou grupo social, devido a uma maior interação social com os seus pares, com relações entre as dinâmicas de amizades e relações sociais¹⁴⁸. Porém em pequenos centros urbanos o isolamento e a marginalização aparecem muito mais presentes que em grandes centros urbanos, devido a falta de espaços de multidão e anonimato, pois em pequenos centros urbanos, as manifestações culturais são mais características de cidades pequenas.

Com isso, os conceitos sociais e culturais do “armário” e “visibilidade” é a figura central para entender esta investigação sobre festas mensais em lugares não fixos e a sexualidades e expressões de gêneros em Ourinhos. Hoje “muito de nós, principais do pensamento e da cultura ocidental do século XX estão estruturadas e de fato fraturadas, por uma crise crônica, hoje endêmica de definição do homo/heterossexualidade, sobretudo a masculina, e que está datada desde o final do século XIX”. Por essa causa Sedgwick¹⁴⁹ reforça um olhar dialético sobre a metáfora do armário, “o armário responde às necessidade representacionais mais íntimas¹⁵⁰ e, por outro lado “o armário é a estrutura que melhor sintetiza a opressão gay desde século”. Então, a população LGBT fica nos “armários” e suas múltiplas construções sociais, a invisibilidade desejada dos LGBTs, desenvolvendo assim uma cultura específica sobre “a epistemologia do armário conferiu à cultura e a identidade gay

¹⁴⁶ VIEIRA, Paulo Jorge. **Aeminiumqueer: cidade e armário: quotidianos lésbicos e gays em espaços urbano. Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v1, n. 1, 2010.

¹⁴⁷ ABRAHAM, Julia. **Metropolitan lovers: the homosexuality and the city of cities**. Minneapolis: Minnesota University Press, 2009. 357

¹⁴⁸ NARDI, Peter M. **Gay men’s friendships: invisible communities**. Chicago: University of Chicago Press, 1999. 22p.

¹⁴⁹ SEDGWICK, Eva Kosofsky. **Epistemologia do armário**. Coimbra: Angelus Novus, 2004 p.11

¹⁵⁰ SEDGWICK, Eva Kosofsky. **Epistemologia do armário**. Coimbra: Angelus Novus, 2004 p.9

uma maior consistência ao longo deste século¹⁵¹ criando padrões de modelos específicos (invisíveis e codificados) da sociabilidade urbana como sendo o principal gancho em espaços públicos urbanos. O armário é permanentemente é a representação como símbolo da opressão e como as vivências sociais e especiais se constroem¹⁵² sempre presentes nas vivências no modo de como as pessoas vivem em espaços sociais e como são construídas. Exemplo é a não manifestação de atos amorosos LGBT em espaços público. Os processos de construção o entrar e sair do armário se faz no quotidiano da população LGBT de Ourinhos em espaços públicos, semi-públicos e privados, este jogo estranho e na maioria das vezes cheio de regras e normas desconhecidas e muitas incoerências, jogando muitos assuntos em “senso-comum” que no cotidiano, conseqüentemente joga para a invisibilidade, seja em ambientes do espaço público ou espaço privado, a naturalização da LGBTfobia é um exemplo disso.

Diante disto, enfaticamente os termos da distinção entre “público e privado” ao mesmo tempo o actual quadro que regula a existência LGBT, codificando um a um sistema aflitivo de duplo constrangimento, oprimindo sistematicamente as pessoas, identidades e comportamentos LGBT e oprimido identidades coletivas e comportamentos minando os próprios alicerces da existência através de estribos contraditórios implementados ao discurso.¹⁵³ ou seja, uma sociedade que coloca LGBT a marginalização e a opressão, criando a constituição de guetos urbanos, de qualquer forma a visibilidade controlando o discurso e espaços de afirmação e visibilidade. Desta forma, é no espaço, no caso o espaço urbano que o armário pode moldar, salientando ao afirmar no espaço do armário, sendo simultaneamente

¹⁵¹ SEDGWICK, Eva Kosofsky. **Epistemologia do armário**. Coimbra: Angelus Novus, 2004 p.8

¹⁵² SEDGWICK, Eva Kosofsky. **Epistemologia do armário**. Coimbra: Angelus Novus, 2004 p.12

¹⁵³ SEDGWICK, Eva Kosofsky. **Epistemologia do armário**. Coimbra: Angelus Novus, 2004 p.11

discursivo e material, estas dimensões dependem e trabalham uma com a outra. “O armário como metáfora espacial prova a recusa, confinamento e ocultação das vidas e experiências queer”¹⁵⁴. Entretanto na sua duplicidade como “estrutura espacial da heteronormatividade, o armário pode ser fixado como um local de opressão, mas pode ser também um local resistência e criatividade”¹⁵⁵.

"Quando os espaços urbanos são heterossexualizados é esperado que seja apresentado como heterossexuais e não como gays e lésbicas. A heterossexualização do espaço ocorre de modo ao mesmo tempo subtil e aberto, que inclui o auto-policiamento dos gay e lésbicas, a sua exclusão física de espaços particulares, a manifestação da desaprovação moral, ou a ameaça do uso de violência. Enquanto a heterossexualidade é onnipresente, as identidades homossexuais “em público” são muitas vezes percebidas como tendo saído do seu lugar certo - a esfera privada, a casa, o armário.¹⁵⁶

Então, o autor refere a cultura LGBT e sua expressão pública em espaço urbano, vista como o “outro” fora do lugar, sendo definitivo para defender que as orientações sexual (homossexuais e bissexuais) e identidades de gênero (travestis e transsexuais) que só tolera quando se mantém no palco e no espaço público é vivenciada como uma “intolerável brecha na fronteira. “No entanto a onipresença da heterossexualidade não é reconhecida, o que leva muitos a afirmarem que ela não é pública, isto porque a heterossexualidade é naturalizada e universalidade, de forma que é invisível em espaço público, apesar das práticas heterossexuais de facto dominantes e onnipresentes”¹⁵⁷. Na realidade a heterossexualidade é, como Brickell afirma “invisibilidade visível” isto porque a heterossexualidade é visível porque é

¹⁵⁴ BROWN, Michael. **A geographer reads Geography Club: spatial metaphor and metonym in textual/sexual space.** Cultural Geographies, n 12. P313-339, 2006. P. 317

¹⁵⁵ BROWN, Michael. **A geographer reads Geography Club: spatial metaphor and metonym in textual/sexual space.** Cultural Geographies, n 12. P313-339, 2006. P. 317

¹⁵⁶ BRICKELL, Chris. **Heroes and invaders: gay and lesbian pride parades and the public/private distinction in New Zealand media accounts.** Gender, Place and Culture, v. 7 n. 22, p 163-178, 2000. P. 163

¹⁵⁷ BRICKELL, Chris. **Heroes and invaders: gay and lesbian pride parades and the public/private distinction in New Zealand media accounts.** Gender, Place and Culture, v. 7 n. 22, p 163-178, 2000. P. 165

tudo que há, e por outro lado é invisível porque não é reconhecida como sendo a “heterossexualidade”.¹⁵⁸ Com isso, as cidades adquiriram assim não apenas um papel importante na construção das identidades LGBT¹⁵⁹ mas na (re)produção desses espaço LGBT como elementos fundamentais no turismo urbano em algumas cidades ocidentais.

Embora essa tendências poderia facilmente ser atribuída ao sucesso pelos movimentos sociais LGBT e o reconhecimento dos LGBT como um nicho de mercado, tem sido acompanhado por outras formas de transformação urbana, nomeadamente a mercantilização do espaço público relacionando como um crescimento do turismo e uma mudança rumo a uma forma empresarial de gestão urbana, para marcar uma posição para o cosmopolitismo, uma forma mais desejável do capital cultural contemporânea, enfatizam a sua diversidade étnica. Em um número crescente de casos, o espaço “queer” funciona como uma forma desta diversidade étnica, provisoriamente promovido pelas cidades, tanto como equivalente a outros bairros étnicos e como um indicador independente de cosmopolitismo¹⁶⁰.

O consumo hoje central para o modo como a cidadania é definida, a gestão e disciplina da “self” ocorre através de nossas escolhas como consumidores. O crescimento da visibilidade das lésbicas e gays associada ao marketing gay e desenvolvimento de seu discurso da “economia rosa” ou “pink money” facilitou a articulação das reivindicações de direitos, mas também gerou debate sobre a

¹⁵⁸ BRICKELL, Chris. Heroes and invaders: gay and lesbian pride parades and the public/private distinction in New Zealand media accounts. *Gender, Place and Culture*, v. 7 n. 22, p 163-178, 2000. P. 166

¹⁵⁹ BELL, David; BENNIE, Jon. Authenticating queer space: citizenship, urbanism and governance. *Urban Studies*, v.41, n.9, p. 1807-2004.

¹⁶⁰ RUSHBROOK, Derek Cities queer space and the cosmopolitan tourist. *Gay and Lesbian Quarterly*, v 8, n.1-2, p. 183-206, 2002. Durham: Duke University Press. P.183

natureza da liberdades conquistadas e as exclusões produzidas. Inclusões e exclusões produzidas, inclusões e exclusões são baseadas em torno da capacidade de consumir.¹⁶¹

A expressões no modo de vida urbana da população LGBT, ou o urbanismo queer, fortalece relacionamentos como a construção da visibilidade urbana LGBT e tem como elementos centrais a existência de espaços de lazer e encontro, bem como espaços comunitários e de intervenção social.¹⁶² Esse espaço de lazer comunitário ganha um realce fundamental na espacialidade LGBT pela importância em que o espaço físico traz, os modos de comunicação, e a inter-relação no quotidiano tem na construção dos modelos de vivências urbanas desta população, reforçando, por outro lado, o sentido com que esses mesmo quotidianos são informados pela relação entre LGBTfobia e a visibilidade, assim o espaço de encontro que se tornam essenciais, como afirma Inês Menezes no seu estudo antropológico sobre sociabilidade LGBT.

“Assim, os bares não são simplesmente espaços físicos para uma experimentação (sexual e social) mais segura; nem é apenas fisicamente que poderemos ler a sua delimitação dentro da cidade. Neles se procede também à elaboração de um discurso colectivo de diferenciação pela positiva, de oposição ao discurso da sociedade envolvente acerca da homossexualidade. Num certo sentido, estes são também locais, de resistência discursiva, de fronteiras de significação.¹⁶³

Neste lógica, as questões de seguranças dos territórios e dos espaços de encontro são fundamentais na investigação sobre a temática das geografias das sexualidade¹⁶⁴. Com isso, as questão da segurança dos territórios e dos espaços de

¹⁶¹ JAYNE, Mark. **Cities and consumption**. London: Routledge, 2006. 211p. P.118

¹⁶² LESS, Loretta. **The emancipatory city: paradoxes and possibilities**. London: Sage, 2004. 243p.

¹⁶³ MENESES, Inês. **Intimidade, norma e diferença: a modernidade gay em Lisboa**. Análise Social, v. 34. n. 34, n. 153, p. 933-955, 2000. **Lisboa: Imprensa das Ciências Sociais**.

¹⁶⁴ BENNIE, Jon; SKEGGS, B. **Cosmopolitan knowledge and the production and consumption of sexualized space**: Manchester's gay village. *The Sociological Review*, n. 52, p. 39-61, 2004.

encontro são elementos fundamentais da investigação sobre temática das geografias das sexualidades efetivamente a temática da insegurança no espaço urbano tem sido um elemento de investigação recente na geografia mas que nos parece fundamental abordar.

Ao analisar como se constrói socialmente do medo da violência e do crime a partir de identidades sociais diversificadas Pain¹⁶⁵ reforçando a ideia de que “muita gente associa fortemente o medo com lugares específicos” salientando ainda que as identidades sociais em que análise de gênero, a raça e a idade são potenciais por outros facetas como classe, local de residência, rendimentos, e orientação sexual. Reforçando nesse sentido o papel que tem diferentes formas de exclusão, nomeadamente os atos (sub)criminais, incluindo nestes o assédio e a segregação racista, sexista e homofóbica e que identifica como presentes nos diferentes espaços da cidade “relembrando algumas pessoas a sua vulnerabilidade ao crime e aumento o medo.”¹⁶⁶

Contudo, a cidade fornece o espaço de encontro e de mobilidade, por muitas vezes segura, que as orientações sexuais e identidades de gênero parecem necessitar, o que mais uma reforçada a importância da cidade na construção das subjetividade LGBT como elemento fundamental na construção de outras especialidades e territorialidades.

“É pois este processo de etniciação das identidades gays e lésbicas de zonificação da diferença crítica do consumo como marcas identitária que se torna essencial na construção de um modelo de estudo das especialidades lésbicas e gays que vá além dos processos de procedimentos centrados em dinâmicas localizadas neoliberais e “eticistas”¹⁶⁷.

¹⁶⁵ PAIN, Rachel. **Gender, race, age and fear in the city.** *Urban Studies*, v. 38, n. 5-6, p. 899-013, 2001. p.899.

¹⁶⁶PAIN, Rachel. **Gender, race, age and fear in the city.** *Urban Studies*, v. 38, n. 5-6, p. 899-013, 2001. p.902.

¹⁶⁷ BENNIE, Jon. **The globalization of sexuality.** London: Sage, 2004a. 189p

Importante salientar que todas as vezes que colocamos lésbicas e gays, entendemos como LGBT, uma vez que a inclusão da população "T" no debate sobre as orientações sexuais e identidade de gênero, traz uma humanização a essa fatia social da população e que a marginalização em ambos os termos mostra a essencialidade da construção dos modelos de especialidades urbanas, procedimentos nas dinâmicas neoliberais. Por isso, a necessidade de potenciar e investigar as expressões materiais e discutidas sobre estes eventos em Ourinhos e a relação entre “armário” e “visibilidade” que, expressa uma determinada sociabilidade, indestrutível pelo “armário enquanto expressão da heteronormatividade e expressão das alterações social, culturais e econômicas das sociedades contemporâneas. Segundo Foucault

“A época atual seria talvez de preferência a época do espaço estamos na época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso. Estamos em um momento em que o mundo se experimenta, acredita, menos como uma grande via que se desenvolveria através dos tempos que como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua rede espaços reais - espaços que existem e que são formados na própria fundação da sociedade que são algo como contra-sítio, espécies de utopias realizadas nas quais todos os outros sítios reais dessa dada cultura podem ser encontrados, e nas quais são, simultaneamente representados, contestados e invertidos.”¹⁶⁸

Foucault desenvolve a criação de heterotopia (um campo científico) com o intuito de estudar e analisar as manifestações sociais ocorridas nestes espaços diferentes, apresentando por isso seis princípios explicativos e construtivos das heterotopias.

De acordo com o contexto social, cultural, etc., a heterotopia assume novos papéis, estando por isso em permanente mudança. Repensando a ininterrupta mudança de práticas e dos espaços dá-nos pois uma percepção não fixa e em contínua transformação desses mesmos espaços e práticas. As heterotopias são elementos explicativos da relação entre espaço e tempo que ele define como heterocronias. As heterotopias são assim acumulativos do tempo, como as bibliotecas e museus, mas, também, múltiplas nos diferentes usos do termo dos quotidianos, sendo diferenciadas dos mesmos. Usos esses diferenciados também no contínuo

¹⁶⁸ FOUCAULT, Michael. Of others spaces. In: DEHAENE, Michael; DE CAUTER, Lieven (Ed.) **Heterotopia and the city: public space in a post civil society**. London: Routledge, 2008.

espaço tempos e nas temporalidades do quotidiano (dia/noite) As heterotopias possuem um sistema de abertura e fechamento que as isolam do espaço em torno, potenciando os conflitos e os usos diferenciados dos espaços por grupos sociais.¹⁶⁹

Como afirma Foucault, as heterotopias são de acordo com o contexto social, cultural que assumem novos papéis que está permanentemente em mudanças, passando por mudanças de práticas e de espaços que nos paira uma percepção não fixa e contínua transformação desses mesmos espaços físicos. Elas também explicam como a relação entre espaço tempo define acumulativas com o tempo, são os acúmulos históricos do tempo, sendo as mesmas alternadas conforme a passagem pelo próprio. Como tem um sistema de abertura e fechamento, que se isolam no tempo em torno do potencial de conflitos e uso diferentes dos espaços por grupos sociais, talvez é esse o contexto a qual Ourinhos se encontra, basta olhar o capítulo onde as entrevistas com os produtores de eventos e ver a transição e de transformação sobre as festas.

Ao longo deste trabalho de conclusão de curso, quis elaborar uma perspectiva teórica sobre os modos de como a geografia pode potencializar a investigação sobre a espacialidade LGBT, utilizando a rigidez dos territórios “fluido” dos espaços onde pode-se criar visibilidade e análise teórica que potencializar um olhar “queer” sobre o “direito ao espaço” e “direito ao espaço público privado”, levando assim a necessidade a repensar os modos da geografia e o diálogo da universidade com a população em geral, onde tanto a geografia quando a universidade deve ter um contato direto com a população marginalizada e estudar o modos de como as apropriações e uso da cidade por parte da população LGBT.

¹⁶⁹ FOUCAULT, Michael. Of others spaces. In: DEHAENE, Michael; DE CAUTER, Lieven (Ed.) Heterotopia and the city: public space in a post civil society. London: Routledge, 2008. P. 18-22

Este estudo teve como precedente abrir pesquisas dentro da Geografia, Sexualidade e Gênero do campus da Unesp Ourinhos, uma vez que é escasso. Com novos precedentes para novas análises dentro da ciência geográfica. Diante disso, este estudo é de total relevância pois, abre um novo parecer sobre paradigmas já institucionalizado dentro da academia, abrimos um novo debate que devemos nos aprofundar, pois esses debates presentes dentro de uma sociedade pós-industrial dividida entre raça, classe e gênero. Assim para a população LGBT hoje desenvolve suas próprias culturas, entendemos enquanto sociedade essas especificações devem ser expostas, pois, é a partir das relações de poder perante ao espaço e território que elas são materializada.

Devemos nós LGBTs entender como foi o processos históricos da nossa população e como foi a marginalização dela. Devemos nos aprofundar e debater como algumas culturas são presentes dentro da comunidade e assim qualificar a humanização desta população.

REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, Julia. **Metropolitan lovers**: the homosexuality and the city of cities. Minneapolis: Minnesota University Press, 2009. 357
- ABREU, Maurício de Almeida. **Estudos geográficos da cidade no Brasil**: evolução e avaliação (contribuição à história do pensamento geográfico brasileiro). **Revista brasileira de geografia**, Rio de Janeiro, v. 56, n. 1/4, jan. / dez. 1994.
- BELL, David; BENNIE, Jon. **Authenticating queer space**: citizenship, urbanism and governance. *Urban Studies* , v.41, n.9, p. 1807-2004.
- BENNIE, Jon. Quatering **sexualities: gay villages and sexual citizenship**. In: BELL, David; JAYNE, M. (Ed.) *City of quarters*. Aldershot: Ashgate, 2004b
- BENNIE, Jon. **The globalization of sexuality**. London: Sage, 2004a.
- BENNIE, Jon; SKEGGS, B. **Cosmopolitan knowledge and the production and consumption of sexualized space**: Manchester's gay village. **The Sociological Review**, n. 52, p. 39-61, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRICKELL, Chris. **Heroes and invaders**: gay and lesbian pride parades and the public/private distinction in New Zealand media accounts. *Gender, Place and Culture*, v. 7 n. 22, 2000.
- BROWN, Michael. **A geographer reads Geography Club**: spatial metaphor and metonym in textual/sexual space. *Cultural Geographies*, n 12. P313-339, 2006.
- CASTRO, Iná Elias (org.). **Brasil: questões atuais da reorganização do território**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1996,
- CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 1999.
- COSGROVE, Denis E. **Em direção a uma geografia cultural radical**: problemas da teoria. *Espaço e cultura*. Rio de Janeiro, n. 5, dez. 1998, p.27
- COSGROVE, Denis E.. **A geografia está em toda parte**: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998, p.101-102.

DUNCAN, James; DUNCAN, Nancy. **Reconceptualizing the idea of culture in geography:** a reply to Don Mitchell. Transactions of the Institute of British Geographers, London, v. 21, n. 3, 1996, p.577.

FOUCAULT, Michael. **Of others spaces.** In: DEHAENE, Michael; DE CAUTER, Lieven (Ed.) Heterotopia and the city: public space in a post civil society. London: Routledge, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 57.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval.** A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Tradução Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica:** cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

GUATARI, Félix. **Espaço e poder:** a criação de territórios na cidade. Espaço & debates, São Paulo, ano V, n. 16, 1985.

HAESBAERT, Rogério. **Desterritorialização:** entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, Iná Elias de et al. (org). Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Editora Lamparina. 2014

HILLMAN, James. **Cidade. & alma.** São Paulo: Studio Nobel, 1993.

HOLZER, Werther. **Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente.** Território, Rio de Janeiro, ano II, n. 3, jul. / dez. 1997.

JAYNE, Mark. **Cities and consumption.** London: Routledge, 2006.

LESS, Loretta. **The emancipatory city: paradoxes and possibilities.** London: Sage, 2004.

LYNCH, Kevin. **La imagen de la ciudad..** Buenos Aires: Ediciones Infinito, 1974.

MAGNANI, José Guilherme C.. **Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole.** In:

MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca (orgs.). **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: EDUSP, 1996.

MEIHY, J.C.S.B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2002.

MENESES, Inês. **Intimidade, norma e diferença: a modernidade gay em Lisboa**. *Análise Social*, v. 34. n. 34, n. 153, p. 933-955, 2000. **Lisboa: Imprensa das Ciências Sociais**.

PRADO, Rosane Manhães. **Cidade pequena: paraíso e inferno da pessoalidade**. *Cadernos de antropologia e imagem*, Rio de Janeiro, n. 1, 1995. P. 35

RUSHBROOK, Derek. **Cities queer space and the cosmopolitan tourist**. *Gay and Lesbian Quarterly*, v 8, n.1-2, p. 183-206, 2002. **Durham: Duke University Press**.

SACK, Robert. **Human territoriality: its theory and history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SEDGWICK, Eva Kosofsky. **Epistemologia do armário**. Coimbra: Angelus Novus, 2004.

SAUER, Carl O.. **Geografia cultural. Espaço e cultura**. Rio de Janeiro, n. 3, dez. 1996, p. 4

SILVA, Joseli Maria. **Cultura e Territorialidade: uma abordagem da pequena cidade.. Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 5, n. 2, p.9-39, 2000.

SILVA., Joseli Maria (Org.). **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2009. 313p.

SILVA, Joseli Maria; SILVA, Augusto Cesar Pinheiro da. (Org) **Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2011. 263p.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista (Org.). **Geografias Malditas: corpos, sexualidade e espaço**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2013. 400p.

SOUZA, Marcelo Lopes de. CASTRO, Iná Elias (org.) **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995

THÜRLER, Djalma. **A desguetificação da cultura guei. Encontro Funarte políticas para as artes**. Universidade Federal da Bahia (UFBA). 2011

VELHO, Gilberto. **Em *Unidade e fragmentação em sociedades complexas*, publicado na coletânea.** VELHO, Gilberto; VELHO Otávio (org). **Dois conferências.** Rio de Janeiro: Câmara de estudos avançados/FCC/UFRJ, 1992

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana.** Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

VIEIRA, Paulo Jorge. **Aeminiumqueer: cidade e homossexualidade** - percepção e sociabilidades. Coimbra: Instituto de Estudos Geográficos, Universidade de Coimbra, 2005. 208p.

VIEIRA, Paulo Jorge. **Aeminiumqueer: cidade e armário: quotidianos lésbicos e gays em espaços urbano.** *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, v1, n. 1, 2010.

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1982, p.100.

Apêndice

Entrevista 1 - Carlos Barra, o início.

P. Porque em Ourinhos não tem um lugar fixo LGBT em pleno 2018.?

R. A resposta é fácil a cidade é pequena, não comporta, você vai montar um negócio, você precisa de retorno financeiro, depois que parei de fazer festa e o modesto começo a fazer, deixou de ter festa e começou a ter baladinha, pessoal se encontrar, se beija e encher a cara e fuma maconha, usa cocaína, parou de ter festas glamourosas, com shows, gogo boy, gogo girl, com gente famosa, parou, entendeu?! Eu nunca fiz festa com o objetivo de arrecadar dinheiro, fazia festa para

criar um espaço, lutei muito pra criar esse espaço gay em ourinhos, e eu consegui! Tanto que eles estão fazendo ai. Agora não, as pessoas que estão fazendo festa, está fazendo festa pra arrecadar dinheiro e os gays novos, que está indo nessa festa, eles não têm opção, não tem onde ir, não sabe, o que é, se você for ver é um chiqueiro, toma corote, toma vodca de três reais o litro, misturado com suco de alguma coisa, caiu o nível. Os primeiros acontecimentos gays noturno em ourinhos começou mais ou menos a 30 anos atrás, o primeiro movimento de uma casa noturna, porque o que acontece, em local em cidade pequena, se eu criar um barzinho, vem você que é gay, vem outro que é gay, vem um artista, vira um espaço gay mas sem o título e se ele coloca o título, cai fora o pessoal "normal" que vai lá, se você não colocar lá, um bar gay ou GLS, o povo normal vai e as gay no meio, mas me parece que cortaram, acho que não tem mais, aquele povo gay que vai, porque deveria estar queimando a casa. Então esse gay queimando a casa existe, consumiam, ficavam na frente da muvuca, bebendo... O gay hoje estar mais abusado, do que se era antes, então a pessoa não quer, um pouco antes tinha o dona maria, era um encontro de gays, um restaurante em frente ao Itaú, era o Dona Maria, virou o tropical. Ali a noite se encontrava vários gays, mas sempre sem colocar o rótulo.

P. Que ano mais ou menos?

R. O primeiro ambiente gay que teve aqui foi o Akita, um restaurante durante o dia, perto da prefeitura, de uma senhora japonesa Claudia, tinha um amigo nosso, abria durante o dia, ela tinha um salão no fundo, e naquela época tinha muito show de transformismo no Silvio Santos, isso a trinta anos atrás. "Monta aqui showzinho de noite, você vai atrair gente" ai pego, quatro amigos nossos, gay, virou uma drag super conhecida em londrina junto com a Dimmy Kieer, Daiane Calegari, Érica uma outra travesti e mais uma meia dúzia de gays e faziam shows a noite, aquilo lotava de héteros, gays, aquilo foi o primeiro espaço gay Ouriense, gays, que se montavam e fazia shows, as estrelas da casa era a Marriete, Eloisa Mané, Celso, o Walter Cabeleireiro faziam um show, mas esses dois eram as estrelas, foi o primeiro espaço gay de Ourinhos, o AKITA da Claudia, dali saiu, estrelas, que passaram, e a coisa que é viva até hoje. Depois disso, três ou quatro anos depois, um cara de Bernardino de Campo, Rogério, montou no final da expedicionário, lá no fundo, uma boate gay chamada GENTS PRIVE. Tinha uma GENTS em São Paulo, ele montou essa GENTS PRIVE, eu ajudei o cara, no último dia, ele ficou, uns dois meses funcionando. "A Barra eu vou fechar a boate", eu falei: "Vamos tentar mais um final de semana, vamos fazer bastante propaganda" e naquela época não tinha internet, fizemos um monte de propaganda, contratamos uma Drag de prudente vinha fazer show de graça para poder manter na época, você lutava para criar um espaço, eu comecei a fazer essa festa junto com o Tiquinho, que hoje está na Cultura, ele locava som, então eu pegava o som, as festas dava legal, uma festa que eu fiz dessa teria sobrado uns 12 mil naquela época. Começamos a fazer festas, a um mês, a cada três meses, uma festa e vamos fazer, nisso eu tinha promotores que era o Modesto de Jacarezinho, o Bruno de Santo Antônio, o Carlos de Assis, o Rogério de Bernardino, de Piraju tinha a Fernanda. Um monte de promoter, vinha um monte de gente e o Modesto era o meu melhor promoter, tinha época que vendia 150 convites. Conversei com ele, ele tava pra mudar, perguntei você quer trabalhar pra mim? te pago um salário por mês, mais comissão das festas e vamos fazer uma festa por mês, ele veio, só que, não sei como ele está hoje, mas ele era muito

medroso. (Nem devia falar isso.) Mas tipo, quem conversava com o artista, quem marcava, quem pagava, era tudo eu... Ele era só pra dirigir o negócio, mas ele tinha um medo, se não tivesse 100% na droga, no dia da festa ele não trabalhava, no show da Dimmy Kieer por exemplo na "IOR", ele tava com uma mochila que tinha dez mil, ele tinha fumado maconha, ele fazia a parte dele boa, ele pega aquela mochila e põe assim no bar, sai com a mochila aberta tinha 10 mil, era para pagar o cachê dela. É louco, não pode, ele tinha medo, por isso ele passou a fazer baladinha e não festas como eu fazia... quando ele saiu, ele ficava muito nervoso muito tenso por causa das festas. Não tem porque ficar tenso, ansioso. Nós trabalhamos um ano fazendo festas, só que as festas começaram a cair muito, mensal, começou a cair demais, então de um público de 300 e poucas pessoas começou a pra 150, 180.

P. Antes de ser mensalmente era de quanto em quanto tempo?

R. Antes de ser mensalmente, era no mínimo três meses. A gente fazia umas três ou quatro por ano, terminava um começava outra, aí começamos mensalmente, aí eu me candidatei em 2012, foi 05/05/2012, nisso o Modesto, fazia a festa dele acoplada a minha, de aniversário dele, o aniversário dele é 5 ou 6 de agosto, ele pegava essa data e fazia a festa dele, então eu parei em maio, ficou maio, junho sem fazer, julho e em agosto ele fez a dele, pessoal gostou e começou a fazer só que ele fazia baladinha, ele pegava um DJ qualquer, que tocava alguma coisa, ele é extremamente relacionado, pessoal gosta bastante dele. Tanto que minha casa, a vinte anos atrás, aquele Q.G de gay, começou a ser a casa dele, quando ele mudou aqui. Depois que ele começou a fazer festa, passava lá de noite tinha gay pra tudo qualquer lado só que povo ficava usando maconha, cocaína, cada um na sua. Ele começou a fazer baladinha e isso começou a virar. Porque? Se oferecia o pior da noite, dava a pior bebida, pior não sei o que... A última balada do Modesto tava cobrando cinquentão e o povo tava indo.

P. Tinha muita repressão da polícia, população?

R. Só velado... já fui no fórum por causa disso, como lidou hoje? Normal, sempre fui muito respeitado em Ourinhos, as pessoas não tinham coragem de falar na minha cara, mas esse preconceito velado sempre foi, tanto que eu nunca consegui um patrocínio, eu sempre bancava as festas, meu irmão também fazia festa, fazia festa dava 12, 15 mil pessoas, ele conseguia patrocínio de dois mil, três mil eu nunca consegui patrocínio... Para não fala que nunca consegui, uma vez, juntei todos os cabeleireiros e peguei cinquentão de cada um, acho que tinha dez cabeleireiro, era o patrocínio mínimo que meu irmão pegava, pra festas dele, aí eu parei, comecei a bancar as festas e deu, quem está pagando sou eu.

P. Se acha que Ourinhos é uma cidade conservadoras?

R. O Brasil é conversador, se o país não fosse, não elegeria Bolsonaro, essa semana aconteceu dois fatos, veio uma moça pra alugar, um jantar de gala militar amanhã e o vestido não podia ter decote, não podia ter transparência, não poderia ser curto, não podia ter fenda, porque não podia, ficava uma mulher revistando, se tiver transparência não entra, se tiver curto não entra... falei: Nossa! Estamos em "2020", não mas não pode... Era mãe do policial estava alugando. Aí veio veio uma senhora alugar uma fantasia pra filha dela, numa festa de Halloween, no colégio, um

colégio novo de frei, as meninas não podem usar alcinha, não pode usar pra cima do joelho, não pode usar short, não pode usar regata... Gente? Tão andando pra trás? A menina não precisa ir com um shorts socado no rabo, isso são sinais de que, eu já me sentia reprimido pelo Bolsonaro. Isso são sinais de que? Numa semana você vê dois negócios desse. Eu ainda falei pra mãe "Nossa, mas pra que colocar uma filha pra estudar numa escola dessa? Que reprime assim?". É melhor prevenir do que remediar! Coloca numa escola dessa a filha dela não vai ficar grávida com quinze anos? Não? Isso quem tem que resolver é a filha em casa... mas é um estilo de repressão, velada? Mas é... Então somos conversadores sim!

P. Tem alguma coisa, algum lugar, Alguma festa LGBT que recuso?

R. A "your"! fechei contrato, depois descobriram que é LGBT queriam desfazer o contrato, "você paga dois mil de despesa." A "your" foi uma, A FAPI foi uma, eu sempre fui relacionado, então eu chegava num lugar, eles fechavam, mas consegui, a gente paga caro pra locar o espaço, paguei 1.750 reais aqui no PICA-PAU, pra você ter uma ideia, em 2012 eu pagava mil reais de locação pra ele, sabe quanto esta a locação dele, pelo que 300 reais durante a semana e 600 hoje no sábado. Esse Ivan fez a festa ele cobrou dois e meio do Ivan ele cobra de pessoa normal 600, ele cobrava de 1.000 reais em 2012... Tinha aquela exploração, onde era a "taberna gaúcha que virou espaço alguma coisa não sei" fui louca essa última festa, "a gente aluga barra, mas que se vai fazer" "Ah uma festa GLS", "ah não dá, não pode." Não rolou, na FAPI, se paga aluguel caro, na FAPI você pagava só uma taxa para usar o espaço, então paguei duas vezes, enquanto eu pagava mil reais, no pica pau, a taxa pra eu alugar na FAPI era 214 reais. Fiz a primeira vez, foi um zunzunzum dos vizinhos, entraram com um pedido na prefeitura, não deixaram eu fazer mais nada. Não pude fazer mais, teve outras festas, mas festas GLS não pude fazer mais. "Ah porque não dá, não sei o que". No Pedrão Queijeiro junto os vizinhos pararam de alugar para festa GLS... "GLS não dá". "Coisa que você mais escutava, cliente mais de vinte anos, que dava patrocínio de três mil pro meu irmão, eu pedia patrocínio de 500, 200 reais..." "Ai Barra não dá, não quero associar o nome a isso..."

P. Teve algum lugar que já foi diferente essa aceitação?

R. Onde eu fiz agora. Eu tava conversando com uma amigas minha, preciso fazer uma festa e to sem local. Barra o Michel, meu primo, aluga o local que fazia eventos de empresas só fechados e ele vai locar para evento em geral, mas é festa gay! Mas daí? Uma amiga, gosta super de mim... Foi fala com ele, ele alugou de boa, tanto que eu marquei a festa num dia, soltei e a Elaine foi lá e pegou no outro dia, isso eu achei sacanagem dela, para marcar uma festa semana antes. Ela fez pra quebrar minhas perna. Ela já foi e o Ivan também já pego lá fazer, eu espero que que eles não queime o espaço, quando eu falo queima o espaço é não estar levando gay é fazer coisa errada, é quebrar o lugar, detona, suja, você repassa, você não sei o que. Gay faz muito disso. Infelizmente faz. Eu não, eu vou, eu cuido...

P. Sobre suas festas, era mais de show de drag ou mais clamor ou mais balada?

R. Eram shows aos moldes das grandes casas de São Paulo. Começava um DJ a meia noite á duas da manhã balda, depois entrava hostes, fazia a apresentação,

das duas às três, show com a drag, gogoboy, gogogirl que veio e depois balada de novo até seis horas da manhã. As festas que eu fazia no Pedrão acabava as boates heteros, os cara que gostava de dança ia nas festas, entrava de graça e ficava dançando porque ficava até cinco, seis horas, um dia que era seis e meia e tava tocando, era balada, naquela época a gente fazia festa e o som que a gente gostava era o som eletrônico, que a gente usava a expressão “som de garagem” som que ainda não tinha saído, então eram músicas raras, difíceis de você ver, tinha balada, que músicas só começava a toca no mercado dois, três meses depois, legal era isso. Você contratava o DJ pra ser DJ de casa gay, ele era específico, tinha que batalha muito, conversa, hoje? se vai na festa as pessoas quer funk, pagode e sertanejo, caiu! Eu fiquei de boca aberta, as festas caíram, pra caramba...

P. Se tem alguma referencia de casa noturna que você usava naquela época?

R. Naquela época era muito conhecido Nostro Mundo, a Blue space, a The week vem depois, quiseram separar essas gay poc-poc das finas.

P. Tem baladas em São Paulo que fazem isso?

R. Claro, a The Week, Blue Space. The week é mostrar o corpo para as pessoas, você não vê gente feia na the week, a água é vinte reais. Eu acho qualquer tipo de descriminalização um horror, sou uma pessoa simples, trabalho com todo tipo de gente. Eu já tive gente aqui, sociedade, com dinheiro. “O Barra, se você não atendesse todo mundo, você teria um respaldo melhor do povo que tem dinheiro.” já pensei, mas eu sou feliz assim, não trabalho de manhã, meu gatos todos jogados aqui. Uma Personal stylist falou assim “Gostaria muito de ir aí”. Você paga o preço, eu sempre paguei o preço, por ser quem eu sou.

P. O que precisa mudar pra gente ter uma nova sociedade brasileira?

R. Eu acho que a gente retrocedeu em muitas conquistas, com a história do Bolsonaro e o povo aceita o Bolsonaro a extremo da direita que foi contra tudo que a gente lutou. Todo mundo tem um freio, faz de conta que tem um botão, você aperta isso te freia moralmente, o Bolsonaro veio nisso como líder, você pode achar que gay é escroto, achar que a mulher é meio, eu acho que nós perdemos, mesmo ele não ganhando, ele colocou isso na cabeça das pessoas, isso é embutido na cabeça das pessoas, todas são poucas que analisam, o que nós merecíamos é pessoas mais mente aberta, mas não somos, não somos um país de mente aberta. “Somos o mundo a caminhando do Trump”. O Bolsonaro ter ganhado aqui, provavelmente ganhe, a gente não está caminhando, eu acho que estaríamos mais é reprimido.... Tinha uma festa que era show bar, eu fiz quatro edições, a gente trazia dez gogoboy, fiz com a Silvety Montilla, Paulet Pink, Striprella, Laiza Bombom. Festa Yes, “nós temos noite GLS”. O convite da Dimmy Kieer, da FAPI convite do Léo Aquila, as duas festas que deu mais gente, Dimmy Kieer deu 880 e do Léo Áquilla deu 700 e pouquinho, do Léo Aquila, Dimmy Kieer em 2010 e o Léo Áquilla foi pra comemorar a Celebration. Tenho facebook, Barra Party lá você vai fazer as fotos, tem um monte de foto, eu acho, porque isso é da época que o modesto trabalhava comigo.

Entrevista 2 - Rodrigo Modesto, a era.

EU - Queria saber de você como começou? como que foi?

MODESTO - A primeira festa foi em 2003 e a última foi em 2017, então foi 14 anos fazendo festa em ourinhos. Na verdade, a intenção no começo era mais reunir a galera, reunir os amigos, foi em Jacarezinho que eu comecei, daí depois eu entrei com parceria com o Barra, comecei pega gosto pela coisa, mas a intenção sempre foi mesmo reunir, você perguntou aqui pra mim, um fator importante sobre as festas, e um fator importante é que eu não chamava de festa, eu chamava de reunião e a intenção mesmo era reunir os amigos, reunir a galera, porque ourinhos é pequeno né? então era meio que sagrado, tem uma reunião por mês, os amigos, se reunir, mas daí foi virando, virando e transformou no que era né.

EU - Porque se acha que se transformou nisso?

MODESTO - Primeiramente porque não tinha opção, não tinha pra onde correr, então o pessoal, não tinha escolha. Era isso ou era isso, a intenção era reunir os amigos. Eu acho que o pessoal, "fica a vontade", matar a saudade dos amigos, não era sempre, porque o pessoal da região toda se juntava, o propósito maior não era nem festa, fica louco, era mais junta a galera mesmo, os iguais né? E se divertir né!

EU - Teve algum lugar que teve repressão? Da polícia ou da sociedade?

MODESTO - Então o caso que eu me lembro, é... foi bem antes, as festas que a gente fazia era em chácara, numa chácara que era na entrada do Itamaraty e que às vezes apareciam um bando, "a gente chamava de um bando de mano" e acabava apavorando a galera, as vezes eles conseguiram entrar na festa, as vezes eles não entravam. Chegava a ameaçar o pessoal!

EU - Se acha que Ourinhos é uma cidade conservadora?

MODESTO - Não é só Ourinhos. Brasil inteiro.

EU - Como você acha a sociedade lida com o público LGBT? Você sempre fez festa em parceria?

MODESTO - Difícil. Eu acho que não é prioridade pra eles, uma minoria, ainda mais depois de tudo que a gente passou agora na eleição, a gente viu que, em que lugar que a gente fica, na sociedade. Eu tive bastante parceria, nesses quatorze anos. Sozinho mesmo foi os três últimos anos.

EU - Qual o parceiro de maior tempo?

MODESTO - Foi com o Barra.

EU - A Elaine você fez muitas festas?

MODESTO - A Elaine me ajudava na venda de convite e na divulgação. Pra arrastar a galera para a festa, essa era a parceria que eu tinha com ela, ela me ajudava na decoração, mas na parte teórica da festa, não.

EU - Bom, se fico esses bons tempos, teve algum lugar que foi receptivo com você? aceito a ideia e diálogo durante muito tempo?

MODESTO - Pica-pau, o lugar que mais fez festa, era o interesse financeiro, porque se fosse por interesse social alguma coisa desse tipo podia esquecer, porque ele é preconceituoso, muito preconceituoso, machista!, a parte financeira, só interessava pra ele, daí ele “ajudava” né?!

EU - Teve algum lugar que teve uma repulsa?

MODESTO - No meu caso não, de valor, de cobrar valor sim, fala que tipo de festa que era e não queria alugar, aconteceu muitas vezes, inclusive na penúltima festa que eu fiz em Ourinhos, a proprietária do lugar tinha colocado pra mim, como regra ela não alugava pra “have” e nem pra “festa GLS” e mesmo assim, eu não falei nada pra ela, falei que era uma festa do meus amigos, fui e ainda fiz a festa lá, sabia que eu ia fazer a festa que eu não poderia fazer mais, que ela iria saber e na última que eu fiz, também lá, em Ourinhos, foi na Associação dos Frentistas, a mulher que era responsável ficou sabendo depois que foi uma festa gay, mandou avisar que não alugaria mais.

EU - Teve alguma coisa que marco você?

MODESTO - Quando a festa passou a ser no Pica-pau, a localização ajudou muito, porque antes quando começou com o Barra, fazia em chacara, então era muito escondido, o pessoal até preferia festa em chácara porque era mais reservado, depois ficou fazendo bastante tempo na Mansão do Queijeiro, também é um lugar reservado, pra não dizer escondido e depois quando passou no pica-pau teve mais visibilidade, porque é do lado da SKY em uma avenida movimentada da cidade, eu acho que foi um ponto positivo!

EU - Quantas festas você fez no pica-pau?

MODESTO - Foi uma por mês, às vezes acontecia duas, mas em dezembro, fazia duas no mês. Uns três anos que eu fiz lá, doze por ano. No começo, eu não tinha noção do que eu estava fazendo, depois com o passar do tempo eu acabei vendo o papel social que estava desempenhando, eu acho que foi muito importante não só pra Ourinhos mas a região toda, ela, não tem nada pra galera fazer então foi mais esse papel social. Pra reunir a galera, principalmente, porque meu propósito maior era unir a galera.

EU - Algum político veio fala com você sobre festas, teve alguma repressão política?

MODESTO - Repressão não, mas já veio político querendo fazer politicagem, querendo falar com o pessoal, entrar na festa, eu não quis misturar as coisas, inclusive tinha um, chegou a fazer algumas festas em Ourinhos, ele saiu candidato a vereador, e ele chegou a querer fazer campanha e tudo, eu conheço ele a muito tempo e ele nunca se aproximou da galera, não sei porque, conservadorismo, ele também é, tem a religião dele, daí na hora que ele precisou de voto, ele queria se envolver com a galera, e eu não achei saudável a mistura.

EU - Como você acha que Ourinhos trata o público LGBT? Como você vê essa relação?

MODESTO - Lógico que está longe de ser ideal, mas não acho Ourinhos tão conservador, vim do Paraná, atravessa a ponte, é perto, mas a cultural já é diferente, eu sinto que Ourinhos é melhor que outras cidades, eu vim de uma cidade menor, então o pessoal cuida mais da vida dos outros, é mais conservador. Tem os gays héteros, que entra e sai do armário, ficam saindo e entrando, as poc que são as afeminadas, eu estava conversando com um amigo esses dias, ele falou que a gente tem que ser mais hétero, é uma parcela da galera que tem preconceito com a gay feminina, tem toda essa diferença dentro do nosso meio, é difícil opinar, mas eu acho estranho, na verdade todo tipo de preconceito é estranho.

EU - A Nany falou tinha dificuldade em fazer VIP, foi uma coisa que você pensou ou chegou até você?

MODESTO - Foi a pedido deles, mas o VIP no começo era mais tempo de open bar, depois a gente começou, tinha um pessoal que não bebia mas comprava o VIP só pra ficar lá em cima dando close, as bonitas... Sempre tem.

EU - Na sua opinião que precisa mudar pra isso no Brasil? Como era feita a divulgação?

MODESTO - Eu acho que deveria começar a mudar lá por cima, pelo topo, mas não. A mudança tem que ser por cima, o exemplo é lá em cima, não tem como a gente fica sufoca, muita gente ficou sufocada depois que passou essa eleição, esse resultado, a gente fica com o aperto no peito... Você tinha me pergunta como começou a divulgação... No começo a gente usava muito o bate papo UOL, a gente não tinha muita ferramenta na época, 2003, 2002 no começo de 2000, entrava ali, várias salas, várias abas e da região, cidade pequena não tinha a sala e pegava as salas da região e entrava, "control c + v", aí a pessoa vinha falar comigo, pegava o

MSN usava e adicionava no MSN e pronto, minha intenção era pegar o MSN da pessoa, consegui pegar o MSN, aí mandava sempre a propaganda pra ela, e-mail a gente usava bastante, mandava bastante e na época a gente usava muita panfletagem

EU - Vocês usaram o ORKUT ? Quando você panfletava, onde você panfletava?

MODESTO - Bastante, A gente colava, fazia cartazes, coloca nos pontos mais visíveis, tipo rodoviária, no centro e sempre tinha uma pessoa que ajudava na cidade, dava panfleto pra pessoa, a gente não distribuía a para qualquer pessoa, a gente tinha que saber quem entregar.

EU - Você tinha medo de entregar papel na mão de uma pessoa errada?

MODESTO - Por isso que a gente nem sempre entregava, a gente ia na cidade, fazia um contrato com uma pessoa, promover, deixava a ajuda dela, com a ajuda dela a gente fazia a panfletagem ou às vezes deixa com ela e ela mesmo fazia.

EU - Os promotores além de panfleta ele também vendiam os convites?

MODESTO - Sim... Jacarezinho, Santo Antônio da Platina, uma grande parcela vinha do Paraná, 40% Paraná, 60% São Paulo.

EU - Se lembra de alguma pessoa que foi na sua festa? que tinha ouvido falar?

MODESTO - Olha eu já recebi, pessoal de Londrina, até São Paulo que vinha, gostava de vir, porque, eles achavam as festas mais aconchegante. Todo mundo ali tava conservando, fazendo amizade, todo mundo conhecia todo mundo e pela cidade ser pequena é diferente, de você ir numa balada em São Paulo.

EU - Teve alguma casa noturna que influenciou?

MODESTO - Teve, algumas vezes meus amigos brincavam que eu ia pra balada fica olhando, cuidando das coisas, sempre ia com esse olhar, mas em Londrina na N.Y e em Bauru na Labirinthus. O espaço de lá é muito bom, tem varias espaços aqui, são donos de vários prédios, mas sei lá, outras casas noturnas são mais interessantes.

EU - Você acha que você foi importante para a história de Ourinhos? Você voltaria?

MODESTO - Pro meu público sim, até hoje eu recebo mensagem do pessoal lamentando. Como acredito muito em Ourinhos, não só daria certo como precisa de um lugar desse, eu não sei o dia de amanhã, mas se eu puder voltar para Ourinhos e ter um dia um espaço eu faria isso.

EU - Teve incentivo econômico das pessoas, se acha que? Como eram os bastidores?

MODESTO - Incentivo nenhum, tentei muito abrir alguma coisa mais nunca deu certo. A última vez que eu tentei alugar um espaço, o cara na hora que eu falei pra que que era, a pessoa "já via na cara" é mais ou menos isso, se for abrir alguma

coisa você não pode falar o que que é, se fala o que que é, parece que nada dá certo. Depende do que você construiu! Eu construí um público, igual já aconteceu de ter festa no mesmo dia de outra pessoa fazer e não me atingir em nada, "mesmo público assim" era uma pessoa que tava assim não tinha costume de fazer festa e resolveu fazer, se tivesse diálogo "vou fazer uma festa tal dia", mas não teve diálogo, não é companheirismo que fala, tem que ter um diálogo, Barra fazia festa, eles competiram um com o outro, eu acha tão ridículo aqui. Marcava festa no dia, de propósito a pessoa marcava lá e fazia a mesma no mesmo dia, o público já não é grande e eles ainda divide o público. Na verdade, criou-se uma rivalidade, e quando fazia isso era uma, eram duas pessoas. Queria fazer festa pra ver quem fazia a melhor festa, porque naquela época eles traziam atração, "não sei quem trouxe tal drag", "não sei quem tal gogoboy". Ficava essa coisa de o melhor do melhor e o Barra gostava desses negócio de trazer atração, na verdade chamava público, hoje me dia eu acho que não chama público.

EU - O contexto de hoje é diferente?

MODESTO - Sim, desde que fiz festas, eu nunca, nunca trouxe gogoboys, drag eu já trouxe. O pessoal gosta mais, mas gogoboys tem que ficar tirando a roupa eu nunca trouxe não, não vou numa balada pra ver o cara tirar a roupa.

EU - Você tinha parceria com algum jornal?

MODESTO - Uma vez, por um certo tempo, um colunista de um jornal de Marília, todo mês ele divulgava a festa, mas porque ele por atitude própria, veio na festa, gosto e começou a falar na coluna dele das festas.

EU - Quem pra você é uma grande referência artística modesto? Como você vê os gays em Ourinhos?

MODESTO - Pro meio gay, eu gosto muito da Lady Gaga pelo que ela faz, pelo trabalho social voltado para os Gays. Admiro muito ela. É um mundinho fechado, pessoal criticava muito, gay é mais existente que hétero, não se importam de pagar 60 reais num convite para entra na festa, não importam de pagar, ele quer chegar lá e compensa os 60 reais que ele pagou e se não compensar, aí eu to ferrado.

EU - Além do pica-pau tinha outro lugar?

MODESTO - Olha eu fiz, não por muito tempo duas festas no ACASALA, quando existia, lá eles sabiam, mas é porque o lugar tava fechando, tinha até mato dentro, consegui uma parceria, a primeira festa que eu fiz lá eu aluguei e fiz a festa e segunda o dono quis fazer parceria, mas não deu certo, ele queria fazer uma parceria e continuar usando o Acasala para fazer festas, mas a primeira festa que a gente fez não deu mito certo, uma cara hetero machista no meio de viado não dá certo. É igual o pica-pau, hetero, machista, não gosta de viado mas tava lá no meio, dinheiro, ele mordida 50% ganhava dinheiro fácil, vinha muito fácil na mão dele, ele não fazia nada, só alugava o espaço.

Entrevista 3 - Elaine Santos, seu lacre.

EU - Quanto tempo você faz essa festa?

ELAINE - A Lacre está com um ano, no início a Lacre dia 14 de julho de 2017, ela está com um ano e quatro meses mais ou menos, Na verdade, eu sempre trabalhei com o Modesto, a gente fazia festa junto, a gente conversava muito e ajudava ele a vende os convites, quando ele foi embora, ele comentou comigo “oh, você deveria continuar com isso”. Passo um tempo, um amigo meu ligou, já fazia uns quatro meses que não tinha nenhuma festa, a Laura Trombelli chegou em mim e falou o “Pão do Pub cedeu uma data pra mim, pra fazer uma festa, você não quer me ajudar?!” Ai falei “Vamos!”, a gente sentou e começou a conversa sobre como seria essa festa, expliquei que não gostaria que fosse uma festa nos moldes do modesto, porque na verdade, aquilo que eu senti, quando ele montava uma festa com um tema, era por o flyer, exemplo: Katy Perry, imprimia vários rosto da Katy coloca na decoração e isso, eu queria que as pessoas se envolvessem. Geralmente ela está no tema, por mais que não seja exatamente como eu planejei, muitas vezes a gente procura, o Halloween, foi bem dentro do tema, mas é todo esse caminho durante um ano pra eu conseguir, chegar e produzir em que eu entrasse no tema, quando o Rodrigo foi embora, a galera já esperava que eu fizesse, eu falei: “bom, estão acreditando em mim”. Eu já queria trabalhar nessa área de publicidade, também envolve eventos, então foi uma grande sacada, ele indo embora, eu já trabalhava com ele nessa área e gostava e quando ele foi embora, montei uma coisa que eu queria, que na verdade, eu ficava tentando por na cabeça do Modesto.

EU - O Nany, quando você começou? Já avisa um espaço meio que pré-estabelecido pra você fazer a primeira festa?

ELAINE - Na verdade foi assim, Ourinhos não tem espaço físico que possa usar, se a gente consegue o espaço, que está fazendo um teste. Mas assim, quando o PUB era do Pão, eu consegui fazer uma festa, porque já tinha planejado depois quando mudou a Petúlia, dona, não permite fazer festa, já tinha montado outro role, tava pagando pra usa a casa e eles cancelaram em cima da hora, porque não condiz com a dona, não pode festa LGBT, eu tentei depois de tudo, tentei agora recentemente, não dá!

EU - Quando você começou como eram feitos por facebook?

ELAINE - Eu faço por WhatsApp e Facebook, a maioria das coisas e cartazes, colo carta pela cidade toda. Porque o cartas eu uso no jornal geralmente é assim, na parte de divulgação, o negócio sede um espaço na página deles, eles fazem o sorteio e postam também no jornal deles, os Flyers do evento.

EU - Você pagava por isso?

ELAINE - Não, é uma parceria que existe com a Camila que foi quem abriu essa porta, ela trabalha no jornal, dou o convite e eles não me cobram nada, dou o convite pra eles sortearam e sorteiam para mim o rolê. Então eu uso o cartaz na cidade, mando mensagem pelo WhatsApp e Facebook porque o cartaz, na verdade não é tão usado, mas ele leva muita gente até mim, porque muitos convites que eu vendo, foi pessoas que viram o cartaz colado em algum lugar.

EU - Tem algum fator importante sobre as organização das suas festas?

ELAINE - Eu vim do legado do Rodrigo, eu Elaine criei uma festa e as pessoas compraram, as pessoas que me seguem, acompanham, porque hoje eu tenho uma certeza absoluta que se eu fizer uma festa eu vou ter cem pessoas, tranquilo. Pra quem trabalha com festa é muito complicado, eu tenho 100, 150 pessoas que ali, eles até pedem desculpa quando não vão. "Meu desculpa, não deu pra ir" porque é uma comunidade pequena, esse legado não é só meu, lógico que eu fiquei conhecida por trabalhar com Rodrigo, a partir do momento que ele parou de fazer festa, as pessoas que conheciam através dele esperavam isso, eu sei que muito do que eu tenho hoje, e aquela visibilidade que ele tinha passou pra mim, não tanto quanto ele tinha, porque, pra mim, sucesso absoluto, muita gente na casa, ser muito conhecido, na região é o Rodrigo, por mais que eu tenho muito respeito pela história do Barra, eu mesma, a primeira festa GLS que eu fui aqui em Ourinhos foi através do Barra, mas só que, como se por exemplo o Rodrigo pegou parte do legado do Barra, e daí eu peguei metade do legado do Rodrigo.

EU - Já teve algum tipo de repressão policial, sociedade nas suas festas?

ELAINE- Já... Tem lugar que não aceita fazer festa. No Jaracatiá não pode por nada, não importa o que você faça. Pra você ter ideia, eu cheguei e falei pro cara que eu queria fazer a festa e aí minha amiga, que era enteada estava articulando toda a conversa falou "Não porque lá é não sei o que, e até então, antes dele saber do que se tratava, ele queria 2k e o bar pra ele", fica com o bar e olha é um lugar grande, uma estrutura incrível, vai ser bom isso aí, aí quando ele descobriu, ele já queria seis. Ou seja, ele não falou não pra mim, aumento o preço ao ponto de ou você paga isso ou não, por exemplo essa história não é minha, mas o Kia que fazia festa também, ele fechou com o Republic, que é do mesmo dono e quando o dono soube que era festa GLS, rompeu o contrato com o Kia, não deixou fazer a festa.

EU - E da polícia?

ELAINE - Polícia não! Sempre foi tranquilo só aconteceu mas por causa do Yuri, da polícia aparecer na primeira festa no Galileo que eles ficaram cinco hora lá.

EU - Você acha que Ourinhos é uma cidade conservadora?

ELAINE - Extremamente! Eu já passei por situação, eu não acho que sou uma pessoa extremamente masculina, mas eu já passei por uma mulher pedir pra eu me retirar do McDonalds, porque estava conversando com uma menina, estava só conversando, ela mandou me retirar e o cara que era gerente é gay, fico naquela situação de "meu deus, o que eu vou fazer". Ai falei que a mulher saísse, eu acabei indo embora, mas eu já fui humilhada dessa maneira, já aconteceu no Pão de Açúcar, de eu sair e aí a mulher fica me olhando, ela falou pro marido "Eles vão pra todos os lugares agora né?" Como se eu não pudesse estar dentro do supermercado.

EU - Como você acha que Ourinhos lida com o público LGBT?

ELAINE - Ourinhos trata a gente bem, no geral paço por preconceito, mas 90% é muito escondido, são pessoas que vão te tratar bem. Mas é "A aquele cara ali é muito legal mas ele é gay.", "Você é legal mas é gay" e é a partir do momento gay é defeito. Ele é gente boa, ele trabalha, ele faz tudo, mas... 75% das pessoas que eu conheço são assim.

EU - Se acha que a comunidade LGBT também é assim?

ELAINE - A comunidade também é preconceituosa, uma das coisas que eu sofri, eu não faço área VIP, gostam que separam área VIP. Tem o VIP e tem quem "tá" lá em baixo. Aquela coisa do tipo, "eu sou VIP, eu paguei mais caro pra esta aqui", "sou mais foda" eu, sinto que muito disso vem do complexo de inferioridade que está embutido na maioria de nós, acho que é isso, essa coisa de eu não fazer VIP tem gente não entendeu!. Eu falo "mano, seis vão beber a mesma coisa" Quando eu fiz, o cara ia beber duas, três, horas, mas é tudo igual, eles não gostam. Por conta disso, tem uns dez que fica reclamando, mas pra mim não compensa. Não vou mudar o sentido da festa, porque VIP não vale muito a pena, perder dinheiro.

EU - Porque se começou a fazer festa?

ELAINE - Cara, é muito loco, assim, meu ídolo é o Fredy Mercury, além de um grande compositor, ele era um cara extremamente festeiro, e se ele fazia festa com tudo que era gente temática, que é o tipo de festa que eu faço, um dia, eu tava assistindo a biografia do Fredy Mercury e eu vi que ele fez uma festa, que o tema chapéu, entre outras festas, ele fez uma que o tema era tinha que está todo mundo nu, tinha uns anões, os anões estavam com cocaína na cabeça, vendo, procurando muito sobre a biografia dele, e sobre as coisas que ele fazia, eu pensei "cara, eu quero fazer a mesma coisa que ele, mas isso eu tinha 12 anos, cresci e comecei a trabalhar com publicidade, passando esse tempo, quando comecei a entender um pouco mais de evento, comecei a trabalhar Fabio de Jacarezinho, começo como funcionava e tal, falei pô isso aqui é pra mim, junto duas coisas, esse lado festeiro sem vergonha igual o Fred e meu lado que eu olhei e falei "cara, cada vez que eu faço uma lacre, tenho certeza que, mandei alguém feliz pra casa". Eu gosto dessa coisa, de olhar para as pessoas, grande parte das vezes eu tô sóbria, só olhando o que eles tão fazendo, contendo uma discussão aqui ou ali, gosto de fazer eventos, principalmente eventos GLS porque eu já tive proposta para trabalhar pra outras

casas, que seria pra festa maiores, mas eu gosto da sensação de dizer que, por mais que seja só uma festa, que está todo mundo louco, eu estou fazendo alguém feliz, isso é uma das coisas que me move, que me faz continuar, porque ganha dinheiro assim não ganha muito.

EU - Se tem alguma casa noturna de referência?

ELAINE - Quando eu montei a Lacre, montei ela dentro de um Call Center sentada conversando, "cara, quero fazer isso, eu fui pra uma festa em São Paulo, chama Recalque." Essa festa não existe mais, se torno a VHS hoje, a Recalque era feita, Daine Rafaeli, divulgo a recalque e aí eu fui na festa, e ele contrataram a Manila Luzzon, que é uma drag do Rupaul. Uma das coisas, que eu pretendo fazer é trazer esse tipo de cultura, mas a cultura DRAG bate cabelo e performance, que é isso que eu busco pra mim, que é o que eu gosto, não gosto de muita DRAG no evento, porque aí a galera não presta atenção, eu gosto de ter uma personalidade DRAG. Mas não preciso do show exatamente, as pessoas não prestam atenção no show da DRAG, se não for um som, eles não vão parar ficar assistindo, mas se for de duas eles já não ligam, então quando eu vi a Recalque, cara é isso que eu quero. Eu trouxe pra Ourinhos, é do meu jeito, tem coisa que eu trouxe do James, James é Curitiba! Priscila, A VHS e o papel pop. A Priscila é a recalque.

EU - Teve algum que tipo foi receptivo?

ELAINE - Galileu! Foi uma grande perda, fecharam o Galileu só que não deu tempo de salvar. Os caras chegaram em mim e viu "vamo monta uma boate GLS" então, aquele espaço incrível, todo preparado. O Dono, o Darlan chegou em mim e falou "eles não quer continuar fazendo funk porque vai da ruim", conversei com o Alfredo, que fiz a primeira festa, quando eu fiz a primeira festa, eles já tinham falado pra mim, vamo monta uma balada GLS peguei parei e vamo testa primeiro pra ver como que vai dar, deu muito bom! Tinha 500 pessoas lá dentro, a polícia tava toda lá na frente, eu com bebida lá, pra entrar, e a galera lá dentro nem sentindo o que tava acontecendo, lá fora, tava tipo, olhei e uma hora que eu subi no palco assim, eu lembro que o Diogo tava tocando olhei e falei "Migo, toda uma musica muito foda agora, que nos 10, 15 minutos, essa festa vai acabar". Acho que vai acabar essa festa, porque a polícia está lá fora, falei isso e desci, a polícia foi embora, foi o melhor lugar se o Galileu, estivesse aberto... aí entra a parte conservadora de Ourinhos. Quando começou acontecer o baile funk lá no Galileu, eles começaram a bater em cima e foi fechado através disso de Vereador que foi indo, indo, e que multando ao pontos terem que fechar.

EU - Então teve uma articulação mais forte política?

ELAINE - Sim, articulação política mesmo, que levou a ter fechado. Eu lembro que nessa época eu fui conversar não lembro o nome do vereador, mas eu sei que eu conversei com o vereador que, era porque eu queria fazer a parada gay em ourinhos. Eu conversei com o vereador e falou pra mim: "o Galileo está com os dias contatos. Uma semana depois ele fechou a casa.

EU - Porque Ourinhos não tem um lugar fixo LGBT?

ELAINE - Já teve muitos anos atrás tinha o bar do Pita onde é o pica-pau, chamava The Club, era boate gay. É muito complicado pra nós que somos LGBT a gente não presta atenção em quem é mais velho, na verdade a gente se desrespeita, se vê uma bixa mais velha na balada, se fica, "que essa bixa esta fazendo aqui..." são seres humanos, ele quer ir na balada, ela não pode conhecer a música ou não dançar, mas ela está gostando, quando você está num lugar que é cheio de viado, você se sente muito mais aceito do que quando você está num lugar é hétero. Eu falo isso, desenvolvi um preconceito muito chato com heterossexual. Eu desenvolvi isso em mim, cheguei num ponto, de falar para os meus amigos quando a gente for fazer alguma coisa social, pode convidar quem você quiser menos hétero. Eu falo isso por mim... acho isso um absurdo, gente olha, mas na verdade não consigo ficar bem.

EU - Qual a melhor qualidade e o pior defeito da população LGBT de Ourinhos?

ELAINE - O bom que a bichinha mais novinha que está chegando agora, que é educada pelo Pablio Vittar ela mais cordial, mais gentil, a bicha novinha sinto que é a bichinha chega, são mais unidas, são pessoas melhores, o grande defeito de quem ali tem seus vinte cinco adiante é que não se enxerga, tem viado que acha que é rico, cabeleireiro, acha que é rica, tem um salãozinho. Chavequinho de hétero, eu não gosto de gente assim. Estou conversando com você, percebe que chegou alguma amiga minha, travesti seja lá o que for, do jeito que for, vem cumprimentar e fica incomodado, eu já saio e vou lá com elas. Vamo fica todo mundo junto, lógico que eu não vou querer esta num lugar que o viado esta abrindo o cú, não precisa, mas existe essa discriminação de que eles têm ali, a pessoa não poder ver, se a pessoa se sentir um pouquinho, um pouquinho mais dinheiro não pode chegar alguém que é um pouquinho mais pobre que já não quer conversar, não está no nível. O problema da bixa do interior é que ela acha que ela está num nível acima dos outros, eu acho que ela precisa estudar, vai morrer, vai pro mesmo lugar, tem gente que é chata, a gente não pode achar que o fato de você acolher as pessoas quer dizer que você vai suportar e aguentar como se fosse tudo legal, eu acho que não, deixa a nossa personalidade, mais hombridade, sabe você ter respeito. Exemplo: Ele é viado, a família dele é uma família tradição, e é um caras que não vejo olhando torto pra ninguém, ele levanta a bandeira dele ele não perturba ninguém, eu acho que um tipo de pessoa assim é uma pessoa que está acordada, tem casos e casos, fez faculdade particular, mais aquele viadinho ali mora no CDHU e trabalha no mercado, tranquilo igual eu. Isso é normal. É o que eu gostaria, tendo construir, mostrar pra eles, às vezes, lá dentro da LACRE eu falo, "gente isso aqui é uma festa", age como se fosse uma mensalidade, pagando 35 conto, mas está faltando banheiro na balada. É nesse nível, eu gosto disso, porque isso mostra, como se fosse realmente uma reunião, reunir os amigos, mais próximos, se tem gente que você conhece, tem gente que não, mas aí, as pessoas que consideram uma reunião, vou reunir, os amigos mais próximos, tem gente que conhece, tem gente que não. Mas, essa pessoas que consideram uma reunião, esta naquele numero 150 pessoas que vão de qualquer modo. Não importa o que aconteça eles vão. O que acontece, hoje, a LACRE atingiu um patamar de receber hétero. Não que legal, uma vez eu conversei com a Ana, da Sua Tia ela falou "Ninguém me pega e fala comigo, de uma maneira que eu não me sinto desconfortável". A sociedade Ourinhense não descobriu isso, essa coisa do, vai na balada GLS que lá não tem uns caras babaca, que fica pegando em você e tentando te beijar e tipo de coisa.

Acho que por esse fato, não temos ainda um lugar propriamente, porque daí sobra viado pra ter na festa, muito difícil você ver um hétero. Maioria das vezes é gay, está lá por exemplo quando você vai numa balada GLS em Ourinhos, se fica mais tranquilo se chega na pessoa, já sabe que é gay.

EU - Que que se acha que precisa mudar?

ELAINE - Primeiro de tudo, o pensamento, enquanto as pessoas se olharem e acharem porque ela tem um amigo ou porque elas frequentam uma boate GLS elas também são assim. Se ser assim é ruim, não vai mudar, porque sempre vai ter aquela pessoa que vai olhar pra você, vai gostar de você, mas às vezes, é que nem o cara que diz que é seu amigo mas votou no Bolsonaro, pra mim não faz sentido. O primeiro de tudo muda o pensamento e segundo olha pra isso também como algo rentável, que vai dá dinheiro, o cara do Galileo acredito, se tivesse dado certo, teria ido longe, já tava tudo pronto, mas o que que falta, alguém olha e isso aqui dá certo, isso aqui não vai ser ruim pra minha casa. Porque o que que eles falam, que vai queimar a casas, pra você ter uma ideia, eles não deixam, vai queimar, olha o nível, o fato de você, voltado pro público LGBT, vai queimar que as pessoas não queiram ir e não duvido, muitas vezes o cara ele é até a favor, até tem aquilo, mas ele não está disposto a lutar por uma causa que não é dele, então dele deixa quieto.